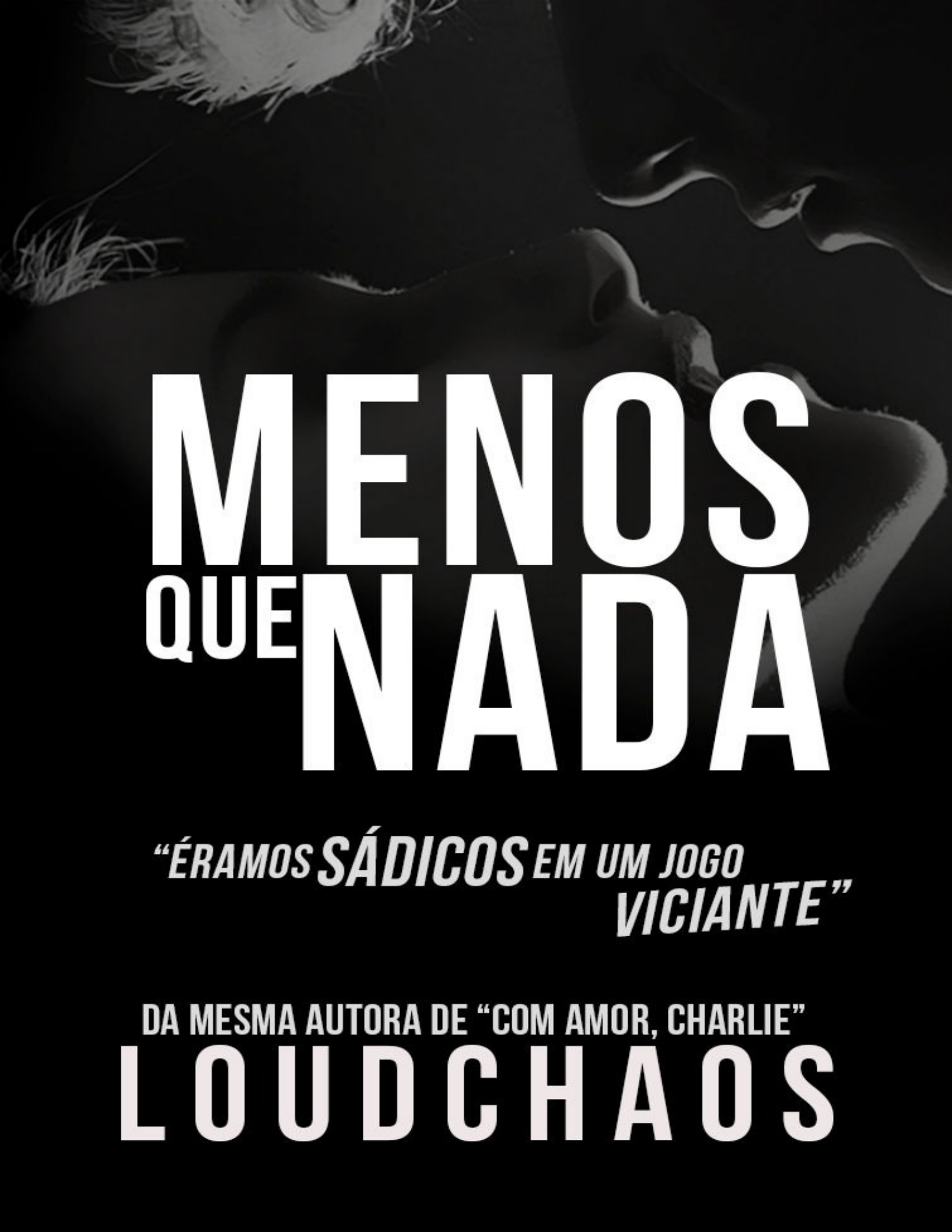




# MENOS QUE NADA

*“ÉRAMOS SÁDICOS EM UM JOGO  
VICIANTE”*

DA MESMA AUTORA DE “COM AMOR, CHARLIE”  
**LOUDCHAOS**





**MENOS  
QUE NADA**



Copyright © 2018 by Loud Chaos

Título: Menos Que Nada

Ilustração & Designer Gráfico: Capas Criativas

Diagramação: IM Diagramação

Revisão: Luhana Andreoli Barioni

Todos os direitos desta obra reservados a Loud Chaos.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

# Índice

[Índice](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo Bônus](#)

[NOTA FINAL](#)



*Esta não é uma história sobre mocinhos.*

*Esta é uma história sobre vilões.*

*Então, se você não gosta de personagens imperfeitos e reais demais, não  
leia.*

*Se você está à procura de donzelas em perigo e príncipes em um cavalo  
branco, “Menos que nada” não é para você.*

***Há cenas de abuso psicológico nesse livro. Também há cenas que tocam no tema de problemas mentais.***

***Então, sugiro que quem for sensível há esses temas, não leia.***

# Capítulo 1

O líquido gelado escorreu pelos meus cabelos e o cheiro de álcool me atingiu com força.

Ouvi risadas.

— Não volte a flertar com o meu namorado. Nunca. Ele não faz caridade, querida... Então, nem se incomode em tentar.

As risadas ficaram mais altas.

Passei a mão pelo rosto, limpando a bebida dos meus olhos.

Eu não estava flertando com o namorado dela. Eu era nova na faculdade, era a minha primeira vez em uma festa de fraternidade, eu apenas queria saber onde estavam as bebidas. Fui perguntar e ele e nós conversamos por um instante.

E o idiota do namorado dela não se importou em intervir e explicar a situação. Inclusive, ele sorria enquanto observava a cena, adorando o fato de haver duas garotas discutindo por sua causa.

De qualquer forma, a ideia de ele querer alguma coisa comigo era ridícula. A garota à minha frente era de tirar o fôlego. Longos cabelos escuros, olhos azuis quase transparentes, magra e alta.

Ela parecia uma modelo.

Já eu, bem... Eu era tudo o que ela não era.

E era exatamente por isso que ela estava fazendo aquilo comigo.

Eu era um alvo fácil.

A novata completamente deslocada.

Eu era a presa perfeita para uma garota popular e linda como ela. Ela estava adorando a atenção que estava recebendo ao me humilhar, exibindo todo o seu poder e relevância sobre mim. Mas o que ela não sabia era que eu não me quebrava tão fácil.

Aquela não era a minha primeira vez tendo que me defender de pessoas como ela.

Meu rosto estava corado com a vergonha e eu só queria sair dali correndo, mas, ao invés disso, eu retruquei:

— Não se preocupe, eu não tentaria transar com o seu namorado por nada nesse mundo. Deus me livre pegar as doenças que ele contraiu fodendo você e todas as outras.

O sorriso sumiu do rosto dela. Há alguns segundos ela se divertia com a ideia de me ridicularizar, achando que eu sairia correndo.

*Surpresa.*

Primeiro, veio o silêncio, e então, gargalhadas explodiram ao redor. O rosto dela ficou vermelho ao ouvir as risadas.

Ela me encarou com raiva, seus olhos eram puro ódio. Ela não esperava por essa, e definitivamente não deixaria barato.

— Você perdeu a cabeça? — perguntou. — Você tem ideia de com quem está falando?

Eu tinha uma vaga noção de quem ela era. Eu estava na faculdade havia pouco mais de uma semana e já tinha a visto algumas vezes. Ela chamava atenção, não era o tipo de garota que passava despercebida.

— Não faço ideia — menti.

— Bem, eu vou te explicar então: eu sou a garota que vai acabar com você, se você não voltar para a sua vidinha patética e der o fora daqui! — Ela indicou ao redor. — Não vê que ninguém faz questão de você aqui?

Olhei para as pessoas à minha volta. Vários garotos e garotas espalhados pela sala, alguns sentados nos sofás e com bebidas nas mãos, outros em pé e com olhares entretidos.

Rostos completamente desconhecidos, a maioria rindo.

Rindo de *mim*.

Eu me senti ridícula. A minha vontade era de correr e dar o fora dali, mas meu orgulho me impediu. Eu não sairia só porque ela estava me intimidando, eu não podia lhe dar essa satisfação.

— Eu vou contar até três — ela alertou, os braços cruzados e o olhar afiado como uma faca.

Permaneci parada à sua frente, como se ela não estivesse me afetando. Ao longo do tempo, passei a ser boa com aquele tipo de coisa. Eu era boa em fingir. Fingir que estava tudo bem. Fingir que nada daquilo de fato me atingia. Mas a verdade é que por dentro eu estava uma bagunça.

Eu não tinha ideia do que ia fazer. Não queria brigar, nunca estive em uma briga física antes, e não estava nem um pouco animada com a ideia de ter a minha primeira naquele momento. Mas eu simplesmente não podia recuar.

— Um! — ela exclamou alto o suficiente para toda a maldita festa escutar.

— Briga de mulher — alguém gritou.

Mais gargalhadas.

— Dois.

Respirei fundo e me forcei a me preparar para o que quer que estivesse por vir. Já estive em situações piores, conseguiria sobreviver.

— Três — ela disse, enfim.

Ela deu dois passos para frente, meu corpo ficou em alerta. Ela levantou o braço, e eu estava pronta para tentar me defender quando, de repente, algo entrou à minha frente.

Algo não. *Alguém.*

Um homem se colocou entre nós duas, evitando que a garota avançasse.

— Se eu fosse você, não faria isso — ele disse em tom de voz baixo, mas ameaçador.

As risadas cessaram. Não se ouvia absolutamente nada.

Por cima do ombro do homem à minha frente, eu vi a mão da garota parar no ar. Ela o encarou com completo choque em seu rosto.

Eu só conseguia ver suas costas e a parte de trás de sua cabeça. Ele

tinha cabelos escuros, era alto, musculoso e tinha ombros largos. Era de fato muito intimidador.

Meu coração batia de forma frenética. Alívio, surpresa e constrangimento consumiam cada célula do meu corpo.

— Você não vai me bater, não pode tocar em mim, seu covarde! — Ouvi a garota falar.

— A última coisa que eu quero fazer é tocar em você. Sabe por que, *querida*? — perguntou ele, enfatizando a palavra “*querida*” com deboche, dando um passo à frente e se aproximando dela.

Ela recuou, claramente intimidada.

— Eu não faço caridade — ele completou.

Risadas abafadas ecoaram ao redor.

Ela o encarou como se tivesse levado um tapa. Achei que talvez pudesse chorar.

— Então, não se preocupe, não encostarei um dedo em você. Mas, se tocar nela, descontarei toda a minha raiva no rosto do seu namorado. E acredite em mim quando eu digo que ele não vai estar muito bonito quando eu terminar.

Ela o encarou por vários segundos.

O jogo tinha virado.

Agora ela era a presa.

Eu continuava atrás dele, de frente para as suas costas, que me protegiam. Ele formava uma parede entre mim e a garota, e eu estava me sentindo patética me escondendo atrás dele, mas eu simplesmente não conseguia me mover.

Na verdade, ninguém naquele lugar conseguia. A tensão no ambiente era grande, e todos pareciam fascinados demais com a cena que estava se desenrolando para fazer qualquer outra coisa que não fosse observar.

— Eu vou contar até três — ele disse lentamente. A sua voz era calma e baixa, mas o seu corpo estava tenso, como se estivesse prestes a atacar a qualquer momento.

Ela ficou parada, apenas o observando, como se estivesse em transe. Parecia chocada demais com toda a situação para fazer qualquer coisa que fosse. Ela não devia estar acostumada com garotos sendo hostis ou agressivos com ela. Aquela garota parecia ser o tipo de pessoa que recebia tudo de mão beijada, principalmente dos homens.

— Um — o homem disse, em claro sinal de alerta.

O ar na sala estava pesado, e cada vez mais olhares chegavam para observar a cena. Mas antes que o homem pudesse chegar ao dois, o namorado da menina interveio.

— Vamos, Jenna — pediu ele, segurando-a pelo braço.

Ele encarava o homem à minha frente com um olhar ansioso e apreensivo, sabia que as chances de apanhar eram grandes.

A garota ainda estava relutante, o seu orgulho claramente ferido. Mas ela não era idiota, se tivesse de fato algum amor pelo namorado, recuaria.

— Anda, vamos — ele disse mais uma vez.

Ela recuou, a expressão derrotada, e os dois saíram dali enquanto olhares os acompanhavam. Depois que se foram, as pessoas voltaram a nos encarar.

Eu tinha certeza de que meu rosto estava em chamas devido aos últimos acontecimentos e toda a atenção. Eu só queria dar meia-volta e me esconder em meu apartamento, mas não sem antes falar com o homem à minha frente.

Durante toda a minha vida, ninguém havia me defendido daquela maneira. Eu queria agradecer e entender por que exatamente ele tinha feito aquilo.

Mas ele não se virou.

Segundos se passaram e ele ficou lá, apenas encarando o local pelo qual o casal tinha saído. Então, eu resolvi me manifestar.

— Obrigada por isso — eu disse, esperando que ele se virasse.

Mas ele não o fez.

Os olharem continuavam sobre nós.

Mais segundos se passaram.

Eu estava desconfortável e nervosa, não tinha ideia do que fazer. Estava prestes a ir embora quando ele finalmente se virou.

Nossos olhos se encontraram.

E então todo o mundo ao nosso redor congelou.

Meu coração quase saiu pela minha boca.

*Não.*

Terror percorreu todo o meu corpo quando o reconhecimento me abateu.

Recuei dois passos.

Não podia ser.

Minha voz não passava de um suspiro quando eu sussurrei:

— Trenton...



# Capítulo 2

## UM ANO ANTES

— Vai ficar tudo bem, Cora. Talvez ele nem te veja. — Olivia sorriu de forma encorajadora.

*Ele vai me ver.*

*Ele sempre me vê.*

E ela sabia muito bem disso, só estava tentando fazer com que eu me sentisse melhor.

Infelizmente, não estava funcionando.

Ergui a cabeça e a segui em direção à grande casa. Passamos pelo gramado, onde vários adolescentes estavam espalhados, bebendo e conversando. Algumas pessoas olharam para nós. Ou melhor, olharam para mim.

Meu corpo todo estava gelado e eu suava frio. Aquela havia sido uma péssima ideia.

Chegamos até a entrada e, enquanto passávamos pela porta, tudo o que eu conseguia pensar era em sair correndo dali o mais rápido possível.

Mas eu não podia.

Era tarde demais.

A música terrivelmente alta pulsava por toda parte. Olhei em volta, praticamente todo mundo da escola estava presente. Enquanto eu me sentia como um animal a caminho do abatedouro, todos os adolescentes ali riam como se estivessem tendo o melhor momento de suas vidas.

Eu os invejava.

Talvez até os odiava.

— Olivia?! — gritou alguém.

Nós nos viramos em direção à voz e vimos Mia Thompson acenando, com um sorriso largo no rosto perfeito.

— Vem cá! — exclamou, rodeada de garotas tão lindas quanto ela.

Minha amiga Olivia sorriu de volta e nós seguimos em direção à Mia e seu grupinho.

Meu estômago se retorceu.

Quando chegamos, todas deram abraços ou beijos em Olivia. Eu fiquei ao seu lado, me sentindo extremamente desconfortável enquanto todas a cumprimentavam, mal notando a minha presença.

— Que bom que veio — disse Mia, a anfitriã.

— Eu não perderia uma festa sua por nada, você sabe disso — respondeu minha amiga, com um sorriso contagiante e sincero no rosto.

Mia sorriu de volta e então finalmente olhou para mim. Seu sorriso sincero e brilhante foi substituído por um sorriso fraco e forçado. Um silêncio se estabeleceu sobre o grupo e todas as amigas de Mia me lançaram olhares desconfortáveis.

— Ah, você veio, Cora — Mia fingiu surpresa e excitação.

Eu assenti e sorri fraco.

Eu queria morrer.

— É, eu a convenci de que uma festa faria bem. Com todas essas provas que estamos tendo, todos tão estressados... Espero que não se importe — Olivia disse com naturalidade, ainda com um sorriso no rosto.

Olivia não estava realmente pedindo permissão para me levar até ali. Ela estava desafiando Mia a dizer algo. Conhecia a garota e sabia muito bem que ela não discordaria na nossa frente. Mia era perfeita e educada demais para fazer isso. Só faria algum comentário maldoso quando estivéssemos longe.

— É claro que não. — Mia riu e jogou os longos cabelos castanhos pelo ombro. — Fiquem à vontade e divirtam-se, a bebida está na cozinha.

Então ela e suas amigas saíram e nos deixaram a sós.

Olivia se virou para mim.

— Viu? Não foi tão ruim assim.

— Foi terrível — respondi honestamente.

— Cora Arsen, você está exagerando — disse ela, sorrindo enquanto tentava me animar. — Vem, vamos nos misturar. — Ela pegou meu braço e me arrastou pela casa.

Os próximos minutos foram resumidos em Olivia cumprimentando várias pessoas e tendo conversas com conhecidos e amigos, enquanto eu observava desconfortavelmente e em silêncio. E a reação de todos foi praticamente a mesma de Mia e suas amigas. Uma mistura de pena, indiferença e desentendimento se encontrava nos olhos de todos os adolescentes quando me viam ali. Mas ninguémalaria nada. Não enquanto eu estivesse com Olivia.

Olivia não era bonita. Olivia era linda. Longos cabelos loiros e grandes olhos azuis. Alta, magra e bronzeada. E ela não era apenas extremamente atraente, Olivia era engraçada, inteligente e gentil. As pessoas gostavam dela, e simplesmente não conseguiam entender por que ela era minha amiga.

Às vezes, nem eu entendia.

Não que eu fosse uma garota insuportável ou horrível. Mas eu simplesmente não me encaixava.

*Ele* não deixava.

Olhei ao redor. Talvez ele nem estivesse ali naquela noite. Já haviam se passado mais de dez minutos e ele ainda não tinha me encontrado. Se ele estivesse naquela festa, com certeza já teria me visto.

Torci meus dedos no tecido da blusa azul-marinho que eu estava usando. Eu me sentia ridícula. A maioria das garotas ali usavam vestidos ou shorts. Apesar do Estado de Illinois em geral ser frio, era o ápice do verão. Algumas meninas até usavam biquínis. Já eu vestia uma calça jeans e blusa de manga comprida. Até as minhas roupas não se encaixavam. Eu me puni mentalmente pela escolha das vestimentas.

Meu cabelo escuro estava solto, formando um véu em volta de mim. Quase como um escudo de proteção. Eu nunca o usava preso.

— Vamos para o jardim. Todo o pessoal está lá — disse uma garota loira que conversava com Olivia.

Minha amiga me encarou e sorriu de forma encorajadora. Eu seguia as duas. Passamos pela grande sala de estar repleta de adolescentes bêbados e fomos para o jardim de trás, onde se encontravam ainda mais adolescentes bêbados.

*Ótimo.*

Parei perto da grande parede de vidro que separava a casa do jardim e observei as pessoas rindo e conversando. Um garoto empurrou uma menina para dentro da piscina e ela caiu dando um gritinho, fazendo com que a água espirrasse para todos os lados.

Apesar de estar de noite, não estava frio, então muita gente se divertia na piscina. Alguns garotos jogavam futebol no gramado.

Notei que algumas pessoas começaram a reparar na minha presença. Olhares estranhos foram dirigidos a mim. De repente, eu já não era mais invisível.

O ar ali parecia mais pesado, apesar de estarmos do lado de fora.

Meu estômago embrulhou. A familiar sensação de pânico tomando conta do meu corpo.

Procurei em volta.

Passei meus olhos pela piscina, então no jardim. Meu olhos pararam na hidromassagem de água aquecida que se encontrava perto da piscina.

*Não. Não.*

— Cora — Olivia sussurrou ao meu lado no segundo em que meus olhos o encontraram.

— Eu sei. Já vi — sussurrei de volta.

Ele estava sentado dentro da hidromassagem e tinha os braços em volta de uma ruiva. Ele olhava para ela enquanto a escutava falar.

Ainda não tinha me visto.

Dei um passo para trás. Ainda dava tempo.

Olivia segurou minha mão, me impedindo de recuar.

— Não. — Ela me encarou com seriedade no rosto. — As pessoas já te viram, se você sair agora, vai ficar óbvio que está fugindo — sussurrou, baixo o suficiente para apenas eu ouvir.

Eu a encarei por alguns segundos. Ela estava certa. Eu não podia mostrar quão patética eu realmente era para todas aquelas pessoas.

Voltei a olhar para ele, e foi nesse segundo que ele virou o rosto e encontrou o meu.

Primeiro, veio a surpresa, como se ele não estivesse acreditando que eu realmente estivesse ali. Então, esse olhar foi rapidamente substituído pela raiva, como se estivesse puto por eu estar no mesmo lugar que ele. E, por fim, o olhar que ele mais me dirigia, o que eu conhecia tão bem...

*O olhar de desprezo.*

As pessoas ao redor reparavam em nós, esperando.

Esperando para o que viria em seguida. Mas ele se manteve parado, apenas me encarando. Desviei o olhar rapidamente, como se mal tivesse o notado ali. Como se fosse possível a ideia de um mundo em que eu não o notasse com cada maldita célula do meu corpo.

— Vem. Estou com um pouco de calor, vamos conversar com os pés na piscina — chamou Olivia, tentando amenizar a situação.

Eu queria voltar para dentro da casa, para longe dele. Mas eu sabia que não faria diferença.

Ele já tinha me visto.

Eu precisava apenas torcer para que não fosse tão ruim dessa vez.

Apesar do dia bonito, havia chovido mais cedo. Então tomei cuidado ao passar pelo jardim. Havia lama misturado com a grama em algumas partes do caminho.

Dei apenas um passo em direção à piscina, quando o vi se levantar.

Apesar de não o estar encarando, eu sempre estava prestando atenção nele. Consciente de seu corpo, estudando seu próximo passo.

Exatamente como ele fazia comigo.

Apenas com um short cinza-escuro, ele saiu da hidromassagem, seus olhos em mim o tempo todo.

*Respire.*

*Você tem tudo sob controle.*

Olivia disse algo com um sorriso no rosto, tentando me distrair. Fiquei de costas para ele e olhei para ela, tentando prestar atenção no que dizia.

Eu o tinha perdido de vista. Mas eu não precisava ter os olhos nele para saber que ele estava vindo na minha direção.

Ele estava vindo.

Eu sabia.

Todos sabiam.

Olivia se agachou ao meu lado para tirar os sapatos quando, enfim, chegamos à piscina. Eu conseguia senti-lo se aproximar, o meu corpo todo estava em alerta.

As pessoas de repente pararam tudo o que estavam fazendo para observar.

— Arsen, que surpresa agradável.

*Respire.*

*Você já passou por isso e sobreviveu.*

*Não é nada de mais.*

Eu me virei lentamente e encontrei seus olhos. Ele estava a alguns passos de distância de mim.

Mais de um metro e oitenta de altura, ombros largos, e, apesar de magro, tinha músculos por toda parte.

Como sempre, intimidador como o inferno.

O cabelo castanho-escuro, que batia quase na metade do seu pescoço, estava úmido, e seu maxilar forte estava tenso.

Para todas as garotas da escola, Callum Trenton era um sonho. Sua beleza gritante deixava até as garotas mais populares e confiantes sem palavras. Elas se transformavam em seres humanos patéticos ao redor dele. Ele resumia todas a absolutamente nada.

Mas, para mim, Callum Trenton era um pesadelo.

O *pior* deles.

E se houvesse um inferno, ele era Lúcifer.

— Que estranho. Eu não esperava te encontrar aqui.

Ele deu um passo à frente.

— Você foi convidada? — perguntou, fingindo curiosidade.

Mas ele já sabia a resposta.

Alguns segundos se passaram e eu fiquei em silêncio.

— É, foi o que pensei... — disse ele, com um pequeno sorriso maléfico brincando em seus lábios.

— Eu a convidei! — soltou Olivia.

Ele não se deu ao trabalho de olhar para ela, e ainda me encarando, disse à Olivia:

— Eu não me lembro de ter te perguntado alguma coisa.

— Não fale assim com ela — eu disse finalmente.

Seu sorriso cresceu.

— Ah, parece que alguém aprendeu a falar! Que pena que ninguém suporta ouvir a sua voz patética.

Eu ouvi algumas risadas abafadas.

— Será que você não pode me deixar em paz por pelo menos uma noite? — perguntei, sentindo a humilhação e a irritação tomarem conta do meu corpo.

Não, ele não podia.

Foi uma pergunta estúpida. Todos ali sabiam a resposta.

— É claro. Fique à vontade. Divirta-se. — Então ele deu um passo à frente e ficou extremamente próximo. Com a boca perto do meu ouvido, sussurrou: — Mas não vá muito longe, não quero te perder de vista.

Engoli em seco.

— Vem, vamos beber alguma coisa — disse Olivia, pegando minha mão e me arrastando para longe dele.

Ele odiava me ter por perto, mas odiava ainda mais me ter longe.

Eu era o seu brinquedo, seu objeto de tortura. E ele gostava de brincar quando estava entediado.

Olivia não perguntou se eu estava bem. Ela parou de perguntar depois da décima vez que aconteceu. Aquilo era rotina para mim.

— Bem, nem foi tão ruim dessa vez. — Ela forçou um sorriso.

Fiquei em silêncio.

Ele ainda não tinha terminado.

Ele mal havia começado.

E eu sabia disso.

Eu queria ir embora. Dar meia-volta e sumir dali. Mas eu tinha prometido à Olivia que tentaria. Aquela era a primeira festa que eu ia em quase um ano. Eu precisava ficar ali por pelo menos uma hora antes de dar o fora.

— Eu preciso de uma bebida desesperadamente — eu disse a ela.

— É, eu também.

Nós fomos para a cozinha e nos servimos com as bebidas que estavam expostas na ilha de mármore. Seguimos em direção ao cômodo menos cheio e mais silencioso da casa, a sala de jantar. Apenas um casal se encontrava ali.

Olivia sabia que eu preferia ficar longe da concentração de gente.

— Eu só não consigo acreditar na Melanie. Você viu como ela estava



praticamente salivando na hidromassagem? — Olivia perguntou, referindo-se à garota ruiva. — Jesus, será que nenhuma garota se importa com o fato de que ele é um babaca?

Eu sorri para a minha amiga. Nós éramos as únicas garotas que não ficavam babando toda vez que Callum entrava no mesmo cômodo.

— Acho que elas estão preocupadas com outras qualidades dele, mas definitivamente não com a sua personalidade.

Ela balançou a cabeça em revolta e admitiu:

— O filho da puta é realmente bonito.

Eu entornei a dose de vodca e fechei os olhos. Eu precisava ficar bêbada. E rápido.

Eu não conseguiria passar por aquela noite sóbria.

— Sabe, eu acho que vi o Jonas Collor olhando para você quando chegamos — disse ela, sorrindo maliciosamente.

Eu ri da ideia.

— Não viu.

Jonas Collor fazia parte do time de basquete, ele era popular e bonito. E, acima de tudo, era colega de Callum.

Ele não estava olhando para mim. E, se estivesse, era um olhar de pena. Ou de desprezo.

— Vi, sim! Você devia ir falar com ele.

Ri ainda mais.

Olivia às vezes me surpreendia com ideias ridículas. Eu sabia que ela estava apenas tentando ajudar, tentando fazer com que eu me ajustasse. Mas a ideia de ir falar com Jonas era ridícula.

Porque, um: ele não estava interessado em mim.

Dois: se eu de fato fosse falar com ele, Callum se asseguraria de fazer algo para me deixar constrangida ou humilhada na frente do garoto.

E, finalmente, três: eu já havia desistido daquilo havia muito tempo.

De tentar.

Eu já não tentava me misturar, não tentava fazer amizades ou até mesmo ser gentil com as pessoas ali.

Eu só estava existindo, tentando passar por aquilo tudo da forma menos dolorosa possível.

Callum já tinha me feito desistir de tentar fazia muito tempo.

Eu só estava naquela festa por causa da Olivia, e aquilo já era muito para mim. Toda aquela exposição e ansiedade... Eu não conseguiria fazer mais do que aquilo. Era meu limite.

Callum me transformou em uma piada. Ele exercia um grande poder sobre as pessoas da escola. As garotas o queriam e o caras queriam ser como ele. Ele era terrivelmente bonito e intimidador. As pessoas o respeitavam. Na verdade, a maioria o seguia como cachorrinhos.

Então, se Callum Trenton me desprezava, todo o resto também o fazia.

Ele era muito popular, apesar de não parecer se importar com isso. Ele não fazia questão de chamar atenção, apesar de ser inevitável, já que toda vez que ele entrava em um ambiente, as pessoas o notavam. Ele não era de falar muito ou sorrir em excesso, mas quando eu estava por perto, fazia questão de nos fazer protagonistas de um show da minha repleta humilhação.

Três garotas entraram no cômodo e sorriram para Olivia. Elas se aproximaram e as quatro começaram a bater papo.

Em algum momento, uma delas disse:

— O Lucas está lá fora. Acho que ele está procurando por você.

Olivia se iluminou.

Ela tinha uma queda por Lucas há meses. E eles finalmente ficaram em uma festa na semana anterior.

Olivia se virou para mim.

— Tudo bem se eu...

— Vai — eu disse, sorrindo para ela. — Eu não preciso de babá, vou

ficar bem.

Ela me encarou por alguns segundos, incerta.

— Tem certeza?

— Tenho. Vai logo — eu disse, ainda sorrindo.

— Tudo bem. — Ela riu e me deu um beijo na testa antes de sair praticamente dando pulinhos.

Então eu fiquei ali completamente sozinha.

Eu odiava aquilo, mas não queria ser um peso para ela. Eu não queria impedi-la de se divertir.

Não era culpa de Olivia ser minha única amiga.

Suspirei e observei os caras jogando futebol pela janela que dava para o gramado.

— Eu só estou curioso...

Meu corpo todo tensionou. Fechei os olhos e continuei de costas para ele.

— Eu queria entender o que você está fazendo aqui, já que claramente a única pessoa que quer sua presença é aquela loira.

Coloquei a minha máscara de *“você não me afeta e eu não dou a mínima para nada do que você diz”* e me virei. Ele estava casualmente apoiado no batente da porta e tinha os braços musculosos cruzados. O peito e o tronco completamente nus. Gotas de água escorriam pelo seu corpo bronzeado e tonificado.

— Ah, mas... espera. — Ele olhou ao redor, como se procurasse por alguém. — Ela também não está aqui. Isso é tão triste! — disse em tom sarcástico.

— Você acabou? — perguntei como se estivesse entediada.

Com o rosto completamente sério e a voz fria como gelo, ele disse:

— Você sabe que eu mal comecei.

Eu sabia.

Deus, como eu sabia!

E era exatamente por isso que eu precisava desesperadamente sair dali. Mas ele estava parado ao lado da única porta.

— Você tem problemas e eu não estou com tempo para as suas merdas — eu disse e segui em direção à porta.

Ele continuava na mesma posição. Apesar do corpo de Callum ocupar bastante espaço, a porta era grande o suficiente para eu conseguir passar.

Com passos rápidos, fui até a porta, na esperança de que ele me deixasse passar.

Mas, é claro, ele não deixou.

Estendeu seu longo braço e colocou a sua mão no outro lado do batente, impedindo a minha passagem. Parei abruptamente, meu nariz a centímetros de seu braço. Seus músculos estavam tensos.

— Você é o meu problema, Arsen, então vai ter a porra do dia todo para as minhas merdas — ele disse, seus lábios próximos do meu ouvido.

Eu conseguia sentir meu coração batendo forte contra o meu peito. Eu estava encurralada, e ele estava próximo demais.

Paralisada, pisquei algumas vezes, tentando pensar no que fazer em seguida. Mas ele abaixou a mão e me deixou passar.

Saí dali praticamente correndo, eu precisava encontrar a Olivia. Queria desesperadamente ir para casa. Já tinha dado para mim.

— Você já está indo? — Eu o escutei indagar logo atrás de mim.

Eu o ignorei, olhando ao redor à procura de Olivia.

— Ainda está cedo. Nós mal nos divertimos — ele continuou.

Eu sabia o que ele estava fazendo.

Ele estava chamando atenção para nós. Convocando o público e preparando o palco.

O show estava prestes a começar.

— Olivia? — chamei, tentando manter o controle.

Eu conseguia sentir os olhares sobre mim.

— Vamos lá, Arsen. Vamos jogar um pouco.

Avistei Olivia perto do gramado, ela estava com Lucas e ria de alguma coisa que ele dizia. Fui em sua direção, eu odiava fazer isso, mas não tinha outra escolha.

E ela entenderia. Olivia sempre entendia.

Parei ao lado dos dois e ela finalmente me viu. Ergueu as sobrancelhas em surpresa.

— Está tudo bem? — perguntou em tom preocupado.

— Eu estou indo embo...

— Não, não está! — disse uma voz atrás de mim.

Olivia levantou os olhos, assim como Lucas, e os dois encararam Callum sobre o meu ombro.

Ela voltou os olhos para mim e, com o olhar apreensivo, assentiu.

— Vamos!

Eu me virei e dei apenas dois passos em direção à casa, quando Callum se colocou à minha frente.

— Eu disse que você não vai! — ele falou em um tom de voz duro.

— Eu não me lembro de ter pedido a sua permissão para ir embora — rebati.

— Você queria vir, não queria? Então vamos nos divertir um pouco antes.

Olhei em volta, o público já havia se formado. Todas as pessoas nos encaravam com expectativa.

Ele deu um passo à frente.

— Você continua aparecendo onde não é convidada, não é? Continua surgindo na porra da minha cara. Quantas vezes eu já te falei para ficar fora do meu caminho? Você é surda ou incrivelmente estúpida? — perguntou ele, com o olhar frio e a voz profunda.

Mais um passo à frente. Ele estava ficando muito perto. Dei um passo para trás.

Ouvi as risadas. Elas cortavam mais profundamente que facas dentro de mim.

— Você está ouvindo isso? — indagou ele, referindo-se às gargalhadas. — Isso é o som de todas as pessoas que não dão a mínima para você!

Ele se aproximou mais, recuei mais uma vez.

Meu coração batia descontroladamente. Minha garganta doía com o choro preso.

— Porque você não é nada. Absolutamente nada. — Seu olhar derramava desprezo.

*Não chore.*

*É o que ele quer.*

*Você não pode dar isso a ele.*

*Não pode.*

— Ah, Callum, não seja tão duro. Acho que você está exagerando, ela não é um nada — disse Eron, um de seus cachorrinhos. Ele tinha um sorriso divertido no rosto enquanto nos observava.

Callum também sorriu.

— Você está certo.

Então deu mais um passo à frente. Seu corpo esguio e intimidador a centímetros do meu. Ele se inclinou sobre mim, invadindo totalmente o meu espaço.

— E sabe por que, Arsen? — perguntou.

Ele nunca dizia o meu primeiro nome. Era quase como se não conseguisse. Primeiro nome era apenas para os amigos. E, definitivamente, não éramos amigos. Ele era o meu pesadelo, assim como eu era o seu.

A sua proximidade era desconcertante. Eu odiava como ele tinha poder sobre mim. Eu odiava a garota frágil em que ele me tornava.

Eu o odiava.

Odiava.

— Porque você é menos que nada — sussurrou no meu ouvido.

Engoli em seco.

Eu conseguia sentir meus olhos começando a ficar úmidos.

*Não.*

Minha garganta começou a fechar.

Ele estava muito perto, eu precisava sair dali. Recuei um passo, para longe dele.

Então, como na cena de um filme, eu perdi meu chão e caí sobre toda a lama. Bem na parte onde havia mais terra pastosa e molhada. Eu senti que era como em uma câmera lenta. Como se com um simples movimento toda a minha vida estivesse desmoronando bem diante dos meus olhos, e eu não podia fazer absolutamente nada.

Aquilo não podia ser real. Eu não conseguia acreditar. Eu não *queria* acreditar.

O barulho do choque do meu corpo contra a lama foi alto e patético.

*Eu* era patética.

O silêncio foi instantâneo.

Eu sabia que muitos estavam segurando a risada, mas a maioria estava em choque.

Aquilo havia sido demais até para nós dois. Eu nunca havia me sentido tão humilhada ou degradada em toda a minha vida.

Sabia que algumas pessoas me encaravam com pena. Não sabia o que era pior.

Senti a lama gelada entre meus dedos e por toda a minha jeans.

*Suja. Imunda. Nojenta.*

Não sabia se tinha forças para me levantar. Não sabia se tinha forças para encarar os próximos segundos. A vergonha chegava a me sufocar.

Eu encontrei os olhos dele.

Eu conseguia ver em sua íris. O *nojo*.

Senti a garganta queimar. Meus olhos começaram a encher de água e eu sabia que as lágrimas estavam prestes a cair.

— Dá o fora, Arsen.

A sua voz era calma e grave. Um simples aviso que ele tinha certeza que eu iria seguir.

E ele estava certo.

Callum venceu e sabia disso.

A parte lutadora em mim foi quebrada. Eu geralmente me rebelava contra ele. Aguentava bem as pancadas.

Mas hoje não.

Hoje ele tirou tudo de mim.

Juntando o resto da minha força, me levantei com dificuldade. Não olhei para ele no processo, porque as lágrimas estavam caindo. E eu não podia deixa-lo me ver chorar.

Preferia morrer a permitir isso.

Fui em direção a saída, eu conseguia sentir os olhares me perfurando como facas afiadas enquanto as palavras de Callum tomavam a minha mente.

*Você é menos que nada.*



## Capítulo 3

Meu maior pesadelo estava parado bem na minha frente e eu simplesmente não conseguia me mover.

— Quanto tempo, Arsen.

Seus penetrantes olhos castanhos, que me assombraram por tanto tempo e que eu conhecia tão bem, estavam fixados nos meus.

— Sentiu minha falta? — perguntou ele, com o rosto sério e o olhar gelado.

Seu cabelo estava um pouco mais curto e seu corpo em geral parecia maior. Quase dez centímetros mais alto e músculos mais bem definidos. E mais tatuagens. Antes ele tinha apenas algumas pequenas, agora elas estavam por toda parte em seus braços.

Mas era ele.

*Callum Trenton.*

Bem na minha frente.

E eu não podia acreditar. Eu não queria acreditar.

— O que foi, Arsen, o gato comeu sua língua? — provocou, o sorriso malvado que eu conhecia tão bem brincando em seus lábios.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, me esforçando para que a minha voz não saísse de forma patética.

— Eu estudo aqui.

*Não.*

*Não.*

*Respira.*

— Você também? — indagou ele, erguendo as sobrancelhas.

Eu queria vomitar.

— Parece que eu não consigo me livrar de você, não é? — O sorriso ainda brincava em seus lábios, mas seus olhos eram puro ódio.

Ele parecia quase tão enojado quanto eu com a notícia.

Ele se aproximou, eu conseguia sentir a raiva reverberando pelo seu corpo. Ficou extremamente perto, e com a boca próxima ao meu ouvido, disse:

— Bem, então seja bem-vinda aos piores cinco anos da sua vida, porque eu vou assegurar que seja o inferno na Terra para você, Arsen.

Então ele passou por mim e se afastou.

Eu conseguia literalmente ouvir as batidas do meu coração.

Olhei ao redor, havia me esquecido completamente das pessoas que estavam ali. Todas elas me observavam, provavelmente curiosas para saber sobre o que estávamos falando.

Engoli em seco e me obriguei a respirar. Eu precisava manter o controle. Eu não podia quebrar, não ali, na frente daquelas pessoas. Fui para o meu apartamento, que se encontrava a apenas alguns minutos da faculdade. Meu corpo estava gelado e minha garganta parecia prestes a fechar.

Eu conhecia tão bem aquela sensação...

A ansiedade tomando conta de cada célula do meu corpo, o choro entalado na garganta, o coração disparado e o desespero crescente.

Eu estava prestes a ter um ataque de pânico.

No segundo em que entrei no meu apartamento, quebrei. Liguei o chuveiro e me sentei no piso enquanto a água quente caía sobre mim. Eu não conseguia me mover, meus membros pareciam congelados, as lágrimas caíam sem parar.

Fazia quase um ano que isso não acontecia.

Como eu não o tinha visto esse tempo todo? Eu já estava na faculdade há pouco mais de uma semana, como eu não o tinha visto?

Eu sempre o via. Meu Deus, eu conseguia literalmente sentir a sua presença.

Então, como eu tinha deixado passar?

Eu odiava ser pega de surpresa. *Odiava* estar despreparada.

De todas as faculdades no mundo, por que a minha?

Aquilo só podia ser um pesadelo. Tudo ia se repetir. Todo o sofrimento, a dor, tudo ia voltar.

Mais *cinco* anos.

Eu não poderia suportar. Eu não conseguiria.

*É só pedir transferência para outro lugar.*

*Vai ficar tudo bem.*

*Você não precisará vê-lo nunca mais.*

Os acontecimentos da última hora se repetiam na minha cabeça. A forma como eu me senti protegida quando ele entrou na minha frente.

Quanta ironia.

Eu achando que estava segura quando, na verdade, nunca estive em tanto perigo.

Ele havia feito aquilo para me lembrar do quanto tinha poder sobre a minha vida. Eu era o brinquedo que ele torturava, e ele odiava dividir seus brinquedos.

Depois de quase meia hora no chuveiro, eu me levantei e me enrolei na toalha. O ataque havia passado e eu finalmente consegui pensar e me mover com mais clareza.

O espelho estava embaçado, e quando passei a mão nele para poder enxergar melhor, me deparei com a garota do outro lado.

Seu rosto estava vermelho devido ao choro, seus olhos e lábios estavam inchados.

*Patética.*

*Insignificante.*

*Nada.*

*Menos que nada.*

Eu a odiei.

Odiei sua fraqueza, seu medo, sua dor. Odiei absolutamente tudo nela.

*Ele não pode mais fazer isso com você.*

Eu não ia mais fugir.

Eu ia encará-lo.

Ia encarar o passado.

Eu nunca abaixei a cabeça para ele, mas eu também nunca lutei à altura.

Callum Trenton estava na cidade. Mais perverso, sádico e perigoso do que nunca.

Acontece que eu também não era mais a mesma. Era mais determinada, corajosa e vingativa.

E eu estava finalmente pronta para jogar.

Sorri para a garota no espelho.

## Capítulo 4

Eu gostava de observar. Gostava de assistir o que estava acontecendo ao meu redor. Reparar as interações entre as pessoas, as expressões em seus rostos. Avaliar suas ações e movimentos. Eu sempre gostei mais de observar, porque sempre fui covarde demais para agir.

As pessoas estavam agitadas, era quase a hora do almoço e os jovens do campus estavam se reunindo para comer e conversar durando o intervalo. Eu estava saindo do prédio do meu curso, indo em direção à minha casa para almoçar sozinha. Como sempre.

Se eu fosse outra pessoa, talvez iria até um dos grupos espalhados pelo jardim do campus e me apresentaria. Seria amigável e, quem sabe, talvez até perguntaria se eu podia me juntar a eles para o almoço.

Mas eu não era.

Cora Arsen jamais faria isso.

A ideia de me dirigir a um deles me aterrorizava. As pessoas me aterrorizavam. Eu simplesmente não conseguia. Então, eu preferia fugir para a segurança da minha casa e comer sozinha assistindo a algum episódio qualquer de *Friends* pela milésima vez.

Covarde.

Apertei meus livros fortemente contra o peito e atravessei o campus.

Estava frio e a minha blusa fina mal me protegia do vento gelado.

Olhei ao redor, procurando por ele. Eu não conseguia evitar. Meus olhos sempre estavam procurando por ele. Mesmo quando fui embora. Mesmo quando deixei tudo para trás e fugi, eu sempre o procurava. Era quase natural. E principalmente agora, porque eu sabia que ele estava na cidade. Na mesma maldita faculdade.

Cheguei ao meu prédio, louca para entrar no meu apartamento quentinho, estava praticamente nevando lá fora. Logo que saí do elevador no

meu andar, me deparei com uma loira baixinha mexendo no tapete de entrada da porta ao lado da minha. Eu a ouvi bufar de frustração e resmungar alguma coisa.

Ignorei o que quer que estivesse acontecendo ali e segui em direção à minha porta. Ela se virou de repente, finalmente notando a minha presença. Ela me encarou com olhos arregalados e praticamente gritou:

— Você é uma mulher!

*O quê?*

Eu a encarei por vários segundos, tentando me decidir se aquela garota era louca ou não. Ela tinha os olhos claros e o cabelo tão longo quanto o meu. Suas roupas eram normais, jeans e um suéter rosa. Estava bem arrumada, não se vestia como uma maluca. Mas seus olhos esbugalhados me diziam que talvez a roupa não pudesse assegurar muita coisa.

— Bem, sim. Da última vez que chequei, eu não tinha um pênis — respondi, com as sobrancelhas franzidas em sua direção.

Ela abriu um sorriso.

— Ah, me desculpe. Eu não quis ser rude ou parecer maluca. É que estou tendo um probleminha e fiquei feliz em ver alguém que talvez possa me ajudar.

Franzi o olhar, desconfiada.

— Qual é o problema? — perguntei com cautela.

Eu ainda não tinha total certeza se ela não era uma completa lunática.

Ela abriu um sorriso amarelo e se virou de costas para mim. Apontou para a sua bunda e então eu vi a grande mancha vermelha em sua calça branca, bem entre as suas coxas.

— Ah... — Suspirei, finalmente entendendo.

— É geleia de morango — esclareceu ela, se virando de volta para mim. — Mas parece que eu me sujei de menstruação, e ainda por cima a porra da minha calça é branca. A minha prima mora nesse apartamento e eu vim pegar uma calça emprestada, mas a infeliz não está em casa e a chave extra não está embaixo do tapete — continuou, as palavras deixando sua boca

com grande urgência. Ela falava muito rápido, mal dava para acompanhar. — Eu sei que é um pedido estranho, mas você pode me emprestar uma calça? Ou talvez um casaco para eu amarrar na cintura? Tenho que estar na faculdade em dez minutos para a próxima aula, não posso entrar no campus assim.

Eu a encarei por vários segundos.

Ela estava praticamente sem fôlego. Seus grandes olhos azuis me encaravam com intensidade enquanto ela esperava ansiosamente pela minha resposta.

— Claro — eu finalmente disse.

Era de fato um pedido bem estranho. Mas ela parecia desesperada e eu me coloquei na sua situação. Era algo realmente bem constrangedor. Eu não podia deixar que ela passasse por aquilo, eu conhecia muito bem o que era ser humilhada na frente de dezenas de pessoas.

Ela sorriu abertamente, quase dando pulinhos.

Abri meu apartamento e deixei que ela entrasse. Ela analisou o lugar com olhos curiosos, parecia uma criança.

— Você tem algum animal de estimação? — perguntou, ainda observando meu apartamento.

— Não.

Vi seu olhar murchar.

Fechei a porta atrás de mim e me virei para ela.

— Meu nome é Sara — disse ela, com um sorriso grande no rosto.

— Cora.

— Você também estuda aqui?

Assenti.

O meu prédio era praticamente ao lado do campus, fazendo com que a maioria dos moradores dali fossem universitários.

— Psicologia, e você? — perguntei, tentando puxar assunto.

Eu não costumava jogar conversa fora com gente nova. Eu tinha poucas pessoas na minha vida, então não era fácil para mim fazer aquele tipo de coisa.

— Design de interiores — respondeu ela, sorrindo.

Ela simplesmente não parava de sorrir, era extremamente bem-humorada. Era estranho e um pouco irritante, na verdade. Mas ao mesmo tempo era meio... refrescante. A sua presença era quase reconfortante. Tinha algo nela, a energia, a leveza, talvez o olhar de criança, que fazia com que as coisas ao seu redor se iluminassem.

Sorri de volta.

— Eu acho que as minhas calças vão ficar um pouco largas em você — comentei, observando seu corpo pequeno e magro. — E compridas — completei, indo em direção ao meu quarto.

Ela me seguiu.

— Não tem problema, qualquer coisa é melhor do que o que estou vestindo agora.

Busquei no meu armário pela calça mais apertada que eu tinha e entreguei a ela. Ela sorriu pela quinta vez em menos de três minutos e começou a tirar sua roupa na minha frente, sem se importar de ir para o banheiro.

— Você conhece a Kelly? — perguntou ela, distraída, enquanto lutava com o zíper da calça.

Neguei com a cabeça, sem dizer a ela que eu não conhecia absolutamente ninguém na cidade.

Bem, na verdade, eu conhecia, *uma*.

— Kelly?

— É, minha prima. Sua vizinha — ela respondeu, finalmente terminado de colocar as calças.

— Ah, não. Eu me mudei este ano para cá, sou caloura, este é meu primeiro ano no campus — relatei, sentindo como se estivesse arranjando uma desculpa.



— Eu também! — ela exclamou de repente, como se acabasse de descobrir que éramos gêmeas e tínhamos absolutamente tudo em comum. — Também sou caloura. Minha prima é um ano mais velha, está aqui desde o ano passado. Ela tem me mostrado a faculdade — comentou, pegando a sua calça suja e seguindo em direção ao banheiro, como se estivesse em casa.

Eu não sabia o que dizer, eu era terrível nesse tipo de conversa banal, então apenas assenti.

— Você está gostando daqui? — perguntei, parando na porta do banheiro, observando enquanto ela tentava tirar a macha da roupa na pia.

— Estou. O meu curso é incrível! E as pessoas são tão legais por aqui — respondeu em tom animado.

*É claro, super legais, pensei.*

— E você? — ela quis saber.

— Estou — menti.

— Merda, não quer sair — ela resmungou. — Minha aula vai começar daqui a pouco. Eu odeio a minha vida! — Bufou de forma dramática.

Eu quis rir enquanto a observava esfregar a roupa de forma feroz com suas pequenas e delicadas mãos.

— Espera. — Saí do banheiro e peguei um produto que salvou várias das minhas roupas de manchas enormes.

Entreguei a ela.

Sara colocou alguns pingos do produto na calça e continuou esfregando.

— Saiu — ela praticamente gritou.

De repente, ela veio em minha direção e, com as mãos e os braços ainda molhados, me deu um grande abraço.

Fiquei paralisada com a surpresa.

— Você salvou a minha vida! — exclamou ela, finalmente me soltando.

Sorri com seu exagero.

— Onde está seu celular? — ela perguntou de súbito.

Franzi as sobrancelhas.

— Por quê?

— Para podermos marcar para eu devolver suas calças. — Então ela sorriu e completou: — E agora que somos amigas, eu preciso do seu número.

*Amigas.*

A palavra pesada demorou alguns segundos para ser processada.

Tirei meu celular do bolso e estendi em sua direção.

Ela colocou seu número no meu celular e pediu que eu mandasse uma mensagem com o meu número para o dela.

— Perfeito — disse ela, devolvendo meu aparelho. — Tenho que ir. Até mais, Cora.

E com um enorme sorriso no rosto, ela saiu pela porta, tão rápido quanto entrou, como um furacão loiro e rosa-choque.

Deixei a sala e fui em direção ao meu quarto, processando os últimos acontecimentos na minha cabeça.

Eu tinha uma amiga.

E aquela foi a primeira vez em seis meses que alguém havia me abraçado.

## Capítulo 5

— Você se importa se eu me sentar?

Levantei o olhar do livro que estava lendo e encontrei um homem parado à minha frente. Ele tinha um sorriso sutil nos lábios e olhos amigáveis.

Demorou alguns segundos para eu conseguir responder. Eu não sabia se queria que ele se sentasse ou não, mas as palavras acabaram saindo da minha boca:

— Não, fique à vontade.

Ele puxou a cadeira de frente para a minha e se sentou.

Estávamos em uma das cafeterias do campus, fazia uma tarde nublada. Eu tinha ido tomar café e comer alguma coisa, pois não estava a fim de cozinhar e a cafeteria era muito próxima ao meu apartamento.

Fiquei em silêncio enquanto o observava, um pouco sem graça. Seus olhos eram verdes e seu cabelo era escuro, ele era muito bonito. Tinha uma altura mediana, talvez alguns centímetros mais alto do que eu.

— Reparei que está lendo *Misery* — comentou ele, apontando para o livro.

— É — respondi, fechando o livro e o colocando sobre a mesa. — Você já leu? — perguntei.

Aquele era um terreno seguro. Falar sobre algo que eu tinha conhecimento era muito mais fácil para mim e me deixava bem menos nervosa.

— Não. — Ele deu um sorriso maroto. — Eu só queria uma desculpa para vir falar com você.

*Merda. Lá se vai a ideia de falar sobre o livro...*

Eu não costumava ter esse tipo de conversa. Eu não namorava e não

tinha rolos há anos, aquilo estava fora da minha vida fazia muito tempo. Mas agora eu estava na faculdade e as coisas haviam mudado.

Eu estava extremamente desconfortável, mas não demonstrei isso. Eu era boa em fingir, muito boa.

— Bem, você conseguiu, e agora? — perguntei em tom de desafio, sorrindo.

Ele sorriu de volta, entrando no jogo.

— E agora, eu vou te dizer que passei os últimos quinze minutos te observando e criando coragem para vir até aqui e dizer o quanto você é bonita e perguntar se você gostaria de sair comigo um dia.

Ergui as sobrancelhas.

— E depois? — continuei.

— Você vai me dar o seu número e dizer que adoraria sair comigo.

Cruzei os braços e franzi as sobrancelhas.

— Você é bem seguro de si, não é? — indaguei.

Ele deu de ombros.

— O que posso fazer? Meus pais fizeram um ótimo trabalho com a minha autoestima.

— Discordo. Acho que eles criaram um filho com um ego sufocante de tão grande.

— Podemos trabalhar nisso, se você concordar em sair comigo.

Sorri.

— Dê-me seu celular — pedi.

Ele sorriu e estendeu o aparelho para mim. Digitei meu número e o devolvi.

— Cora. Nome bonito — comentou ele, olhando para o que eu havia salvado em seu celular. — O meu é Anthony.

— Bom, foi ótimo te conhecer, Anthony — eu disse, me levantando para ir embora. — Mas tenho aula em alguns minutos.

— Vou te mandar mensagem, Cora — ele disse enquanto eu saía.

— Vou esperar, Anthony — respondi, acenando.

Saí da cafeteria com o coração acelerado. Apesar de não ter demonstrado, eu estava terrivelmente nervosa. Mas estava orgulhosa de mim mesma por ter conseguido ter uma interação legal com um cara que parecia ser bem interessante.

Um sorriso sutil estampava meus lábios quando, de repente, recebi uma mensagem de Sara.

**Sara:** *Onde você está?*

**Eu:** *No campus.*

**Sara:** *Perfeito, eu também. Me encontra no segundo andar do prédio B?*

**Eu:** *Aham, estou indo.*

Sorri para a tela quando ela se despediu com vários *emojis* de carinhas felizes e beijinhos. Quando a encontrei, ela me deu um abraço tão apertado que achei que pudesse sufocar. Tentei retribuir desajeitadamente, eu ainda não tinha me acostumado com todas aquelas demonstrações de afeto.

— Aqui, sua calça — disse ela, me estendendo a roupa dobrada. — Você quer fazer alguma coisa hoje?

Eu a encarei por alguns segundos. Ela tinha um sorriso radiante nos lábios e um olhar animado.

— Sim, pode ser — respondi, sem pensar muito sobre aquilo.

Eu não costumava ser chamada para fazer muita coisa. E eu estava livre o dia todo.

— Perfeito. Vamos jantar em uma pizzaria incrível que eu fui na semana passada. Mas, antes, eu preciso pegar o papel de horários dos eventos. Você já pegou o seu? — perguntou ela, e logo depois estourou uma bola de chiclete rosa na boca.

Neguei e nós seguimos em direção ao corredor onde estavam os

armários com os papéis informativos de cada respectivo curso. O corredor era comprido e largo, algumas pessoas passavam por ali, indo em direção às salas. Paramos em frente ao escaninho e eu abri o armário com o número da minha turma, assim como a Sara.

— Meu Deus, olha aquilo — ela murmurou.

Tirei os olhos do armário e me virei lentamente. Então meus olhos o encontraram. Ele conversava com um homem loiro no fim do corredor, sua expressão era séria enquanto ouvia o cara falar. Ainda não tinha me notado.

— Callum Trenton. — Ela suspirou, quase gemendo.

Engoli em seco, seu nome pesando na minha cabeça.

*Droga.*

— Ele parece um modelo da *Calvin Klein*. Uma versão mais rude, sabe? Um modelo da *Calvin Klein* meio puto com a vida — Sara comentou enquanto o observava, assim como eu.

Mas eu não prestava atenção.

Nada mais importava além de Callum Trenton parado a alguns metros de distância.

Eu estava prestes a desviar o olhar, quando ele, de repente, virou o rosto na minha direção.

Trenton havia finalmente me visto.

Seu rosto endureceu, o maxilar se contraindo e o olhar frio fixado em mim.

Meu estômago se contraiu.

Eu me virei, ficando de costas para ele e encarando o armário.

— Meu deus, ele está vindo para cá, Cora! Ele está vindo! — Sara sussurrou, animada.

Fechei os olhos.

*Merda.*

Eu me apressei em encontrar o papel para poder fechar o armário e

dar o fora dali. Mas no segundo em que o encontrei, senti o calor de seu corpo atrás de mim.

Paralisei.

Vários segundos se passaram e nenhum de nós fez absolutamente nada.

Encarei Sara pelo canto do olho. Ela tinha o olhar surpreso fixado em nós dois e a boca levemente aberta.

Esperei pelo próximo passo dele.

Esperei para que ele me humilhasse na frente da minha mais nova amiga.

Mas ele não disse nada.

Absolutamente *nada*.

Ao invés disso, esticou um dos braços e abriu o armário ao lado direito da minha cabeça. Seu peito estava quase colado nas minhas costas.

Eu estava completamente encurralada.

Ele sempre fazia eu me sentir assim.

*Encurralada*.

Como um rato sendo cercado por um gato.

Ele sabia exatamente como me fazer sentir como uma presa.

Encarei o armário em silêncio. Não tentei me mover, não tentei fugir. Eu não agiria como um rato, não me encolheria diante dele.

Ele podia ser o predador, mas eu estava malditamente cansada de ser a presa.

Callum pegou o papel e então fechou a porta do armário.

Com força.

*Muita* força.

Todo o armário tremeu devido ao impacto, assim como eu.

Vi Sara pular com o susto.

E então, ele se foi.

Sara observou enquanto ele se distanciava, depois me encarou. Seu olhar era puro choque e confusão.

— Que porra foi essa?

Eu me mantive em silêncio e fechei a porta do armário.

— Você o conhece? — ela perguntou.

— Mais ou menos.

— Aquilo foi intenso e assustador. Assustador para cacete. E meio sexy — comentou ela, enquanto andávamos pelo corredor.

Eu ainda conseguia sentir meu coração batendo descontrolado.

— O que aconteceu entre vocês? — Sara quis saber.

Eu me virei para ela. Sara me encarava fixamente, esperando uma resposta.

— Nada, nada aconteceu — respondi, forçando um sorriso descontraído.

Ela não entenderia.

Ninguém nunca entenderia.



## Capítulo 6

Eu odiava falar ao telefone, odiava não poder ver o resto das pessoas enquanto estavam falando, não conseguir ter acesso às suas expressões. É muito mais difícil ler uma pessoa baseada apenas em sua voz. Mas, naquele momento, eu estava feliz por não estar cara a cara com ela, porque, da mesma maneira que eu não podia ler seu rosto, ela também não podia ler o meu.

E ninguém melhor para ler as pessoas do que Alana Quantin.

— Ele fez alguma coisa? — Sua voz era suave, porém firme, como sempre.

— Não. Bem... Depois do nosso encontro na festa, ele apenas me encontrou no corredor da faculdade, mas não fez nada.

— Entendi. E você disse alguma coisa?

— Não.

— Você correu?

*Quase.*

— Não.

— Você está pensando em se mudar?

— No começo, eu cogitei, mas não quero me mudar. Não vou me mudar — completei, decidida.

— Isso é bom, Cora. Você não está fugindo. Isso é muito bom.

*Mas eu quero. Quero muito fugir.*

— Você fez alguma amizade desde a última vez que nos falamos?

— Sim. Conheci uma garota, Sara. E, bem... um garoto também.

— Um garoto? — Eu conseguia sentir o interesse em sua voz.

— Sim, mas só falei com ele uma vez.

— Entendi, mas tem planos de vê-lo novamente?

— Tenho. Trocamos nossos números.

— Isso é ótimo.

Silêncio. A única coisa que eu conseguia escutar era o som de sua respiração no outro lado da linha.

— Cora? — ela disse finalmente.

— Sim?

— Você sabe que ele não vai parar, não sabe?

Mais silêncio.

— Eu sei. — Minha voz era quase um sussurro.

*Deus, como eu sei.*

— Pelo que você me disse, parece que esse ano longe de você não o acalmou. Ele não esqueceu.

Ele *nunca* vai esquecer.

— Eu sei, Dra. Quantin.

— Você ainda tem cinco anos aí. É muito tempo.

Assenti com a cabeça, mesmo que ela não pudesse me ver.

Ela estava sendo realista, me dando os fatos e esperando-me digerir. Eu sabia o que estava fazendo, ela estava me preparando.

Dra. Alana Quantin era a minha terapeuta já fazia cinco anos. Nossa primeira consulta foi logo após a morte do meu pai, desde então, nunca nos separamos. Ela me conhecia mais do que eu mesma.

— É hora de tentar outra estratégia. Fugir não o para, apenas o motiva.

Engoli em seco. Eu sabia o que viria em seguida.

— É hora de lutar, Cora.



— Esse programa de eventos é muito legal — comentou Sara, encarando seu papel com os horários. — Estou animada para ver os caras da arquitetura.

Iríamos ter três eventos ao longo daquele período, onde cursos que possuíam certa semelhança se juntariam. No caso da Sara, o pessoal de design de interiores se juntaria aos alunos de arquitetura para uma palestra de algum profissional relevante nessas áreas. No meu caso, teria algo como um debate sobre um filósofo importante, juntando os alunos de psicologia e direito.

Aquele era o primeiro dia da programação, o segundo e o terceiro aconteceriam mais para o fim do semestre.

— Você tem tanta sorte, os caras do direito são quentes.

Eu ri, mas por dentro eu definitivamente não estava feliz. Juntar as turmas significava mais pessoas dentro de uma sala. E mais pessoas em uma sala significava maior desconforto para mim.

— Se bem que, com o Trenton lá, imagino que vai ser meio desconfortável, já que...

Eu me virei em sua direção.

— O quê?

Ela franziu o cenho.

— O que o quê? — perguntou, confusa.

— O que você disse sobre o Trenton?

Minha garganta parecia prestes a fechar.

— Eu disse que vai ser meio desconfortável com ele na mesma sala que você. — Ela fez uma pausa e me encarou fixamente, com as sobrancelhas franzidas. — Espera, você sabe que o Trenton faz direito, não sabe?

*Não, eu não fazia ideia.*

Neguei com a cabeça.

— Bem, vai ter tanta gente na sala que vocês provavelmente nem vão se dar conta da presença um do outro.

Eu queria rir de suas palavras. Ela não entendia.

Ele iria se dar conta da minha presença. E eu também. Na verdade, ele seria a única coisa em que eu me daria conta.

Como um choque, gelo correu pelo meu corpo quando me lembrei de uma das últimas vezes em que estive em uma sala de aula com Callum Trenton...

*— Pelo amor de Deus, olha como a Sra. Erin está cusindo — Olivia sussurrou enquanto observávamos nossa professora de sessenta anos falar sobre conectivos.*

*— Pobre Analise, não vai precisar tomar banho pelo resto da semana — murmurei de volta, movendo meu olhar para uma aluna morena sentada na primeira fila, bem em frente à Sra. Erin.*

*Olivia segurou o riso e eu sorri.*

*— Estou feliz. O Trenton faltou à aula de inglês avançado. É a nossa única aula do dia juntos, então estou livre dele por hoje.*

*— Vamos começar os trabalhos, pessoal — a professora anunciou.*

*O primeiro grupo se levantou, três garotas apresentaram a lição por meio de slides.*

*Então veio o segundo; logo depois, o terceiro.*

*Olivia e eu ficamos esperando impacientemente nossa vez sentadas em nossas carteiras. Eu odiava apresentar trabalhos. Ser o centro das atenções, falar em público, tudo era muito desconfortável para mim.*

*Mas sem Callum ali, era mais fácil. Muito mais fácil.*

*Quando chegou a nossa vez, nós nos levantamos e fizemos a apresentação. Não foi tão ruim como das outras vezes. Eu me senti menos nervosa que o usual, e ninguém disse nada enquanto apresentávamos. Nenhum comentário maldoso, nenhuma risada.*

*Nós nos sentamos novamente em nossos lugares e vimos mais dois grupos se apresentarem. Logo que o sexto terminou, a porta da sala se abriu.*

*Callum Trenton andou até o seu lugar no fundo da sala como se não estivesse quase meia hora atrasado e se sentou.*

*Minha felicidade havia desaparecido por completo.*

*— Pelo menos nós nos apresentamos antes de ele chegar — Olivia comentou positivamente, notando a minha mudança de humor.*

*Assenti. Ela estava certa, eu tinha dado sorte.*

*Com o canto do olho, observei Callum conversando com seu melhor amigo, Matt.*

*— Falta um grupo. Por favor, venham se apresentar — a Sra. Erin chamou.*

*Callum, Matt e Eron se levantaram.*

*Os três andaram em direção à frente da sala enquanto olhares os acompanhavam. Inclusive o meu.*

*Matt tinha um olhar distante, provavelmente tinha fumado alguma coisa antes da aula. Eron sorria feito um idiota e andava com passos confiantes, como se fosse dono da escola, quando, na verdade, todos sabiam que ele não passava do cachorrinho de Trenton. E Callum Trenton, como sempre, tinha a expressão séria e totalmente indecifrável.*

*Eles começaram a se organizar. A Sra. Erin apagou a luz e todos os encararam em completo silêncio.*

*A luz do slide acendeu e então meu corpo todo gelou.*

*A imagem de fundo do meu celular apareceu na grande tela, para todos da sala verem. Era uma paisagem da Alemanha que eu tinha em meu aparelho já há alguns meses. Podia ser uma coincidência, mas eu sabia que não era.*

*Olhei para a minha mesa e notei que meu celular não estava repousado sobre ela. Ele estivera ali há apenas alguns minutos. Eu tinha certeza.*

*Levantei meu olhar para o garoto sentado na carteira à minha frente.*

*Mike Avis.*

*Eu já tinha o visto conversando com Callum. E, naquele exato momento, Mike Avis sorria.*

*Então não houve dúvida, eu tinha completa certeza, havia sido ele.*

*Mike pegou meu celular sem que eu percebesse e deu ao meu maior inimigo.*

*Meus olhos seguiram automaticamente até a frente da sala e encontraram Trenton me encarando.*

*Ele não sorria, mas seus olhos castanhos brilhavam em uma diversão sádica.*

*Engoli em seco.*

*Aquilo seria horrível. Eu sabia.*

*Meu corpo todo estava gelado, eu mal conseguia me mover em minha carteira.*

*Callum disse alguma coisa a Eron e, com os dedos, ele mexeu em um celular.*

*O meu celular. Consegui reconhecer por sua capa cinza.*

*O aparelho estava conectado ao slide, então, qualquer coisa que eles fizessem, apareceria para todos.*

*A minha conversa com Olivia de repente surgiu na grande tela.*

*Não.*

*Meu coração pareceu parar.*

*Eu sabia exatamente o que ele ia fazer.*

*Callum disse mais alguma coisa e Eron continuou mexendo no aparelho, até que parou em uma parte específica da conversa.*

*— Meu Deus — Olivia sussurrou ao meu lado.*

*Meus olhos estavam vidrados; meu corpo, em completo choque.*

*Os risos começavam a surgir conforme as pessoas terminavam de ler.*

**Olivia:** Você beijaria o Collor, se um dia ele tentasse?

**Eu:** Sim. Na verdade, acho que, se ele tentasse, eu faria mais do que beijar Jonas Collor.

**Olivia:** Realmente, ele é lindo. Sem contar que é incrível no campo.

**Eu:** Eu sei. Acho que só vou aos jogos para poder vê-lo suando.

*Olivia:* Hahaha... Perversa!

*A conversa estava revelada para toda a sala. Grande e bem evidente, para absolutamente todos verem.*

*Eu não me atrevi a olhar para Jonas Collor, o garoto que eu estava a fim há mais de seis meses.*

*Minha garganta doía. Eu queria chorar. Era muita humilhação, até mesmo para mim.*

*— O que é mais do que beijar, Cora? Quero detalhes — alguém comentou.*

*— Aí, Jonas, parece que tem uma perversa bem interessada em você — zoou outro.*

*As risadas eram cortantes. Não olhei para ninguém, eu não suportaria.*

*— O que é isso? — Escutei a voz da Sra. Erin. — Isso faz parte do trabalho?*

*— Não, não faz, Sra. Erin — Callum respondeu, a voz calma.*

*— Então tire isso daí agora e apresente o trabalho!*

*— Sim, senhora. Devo ter confundido os aparelhos — disse ele, o deboche explícito em sua voz.*

*Levantei o olhar e encontrei seus olhos.*

*Ele me observava.*

*Ostentava um pequeno sorriso.*

*E eu sabia exatamente o que ele significava:*

“Eu venci.”

*E, de fato, ele havia vencido.*

*Como sempre.*

*Com o choro preso na garganta, eu me levantei e fui em direção à frente da sala. Arranquei meu celular da mão de Eron, que ainda ria, e me dirigi para fora da sala, sentindo o olhar de Callum Trenton me acompanhar.*



— Cora, você está bem? — perguntou Sara, me trazendo de volta para o presente.

— Sim. Claro — respondi, tentando afastar as memórias da minha mente.

Sara se despediu e foi em direção à sua palestra, enquanto fui para a sala em que haveria o debate. Meus pés pesavam e meu coração batia acelerado.

Cheguei cedo, eu não queria me atrasar e chamar atenção quando entrasse. Escolhi uma carteira na frente e tentei conter a ansiedade.

Depois de dez minutos, as pessoas foram chegando. Observei cada um, meu coração querendo pular pela boca.

Até que a porta se abriu e Callum Trenton entrou.



## Capítulo 7

Callum caminhou até o fundo da sala enquanto o meu olhar o acompanhava. Ele não me viu de imediato, mas eu sabia que não demoraria muito. Com o canto do olho, eu o observei se sentar na última fileira. Sua expressão era séria, nada convidativa. Ele não falou com ninguém.

Meu coração batia forte e eu continuava repetindo para mim mesma que aquilo era ridículo. Eu precisava me acalmar.

A maioria dos alunos conversava, o que fazia com que eu me sentisse ainda mais deslocada. Algumas garotas riam e falavam muito alto, e isso me incomodava, mas ao mesmo tempo me reconfortava, era uma distração para que eu não ficasse apenas com Callum na cabeça.

Era quase sufocante estar na mesma sala que ele. Eu estava com calor e me sentia claustrofóbica. Todas as lembranças ainda estavam frescas em minha mente, e as possibilidades eram infinitas.

Tirei meu casaco, apesar de estar praticamente nevando lá fora. Meu corpo ardia.

A essa altura, ele já tinha me visto. Eu sabia.

Eu conseguia sentir seus olhos queimando em minhas costas.

Não olhei para trás, foquei meu olhar em um ponto fixo do quadro enquanto tentava ignorar tudo à minha volta.

A mulher que apresentaria o debate enfim chegou, os alunos se endireitaram em suas cadeiras e ficaram em silêncio. Ela se apresentou, seu nome era Dra. Julian. Falou um pouco sobre seu trabalho, tinha umas três faculdades no currículo.

O debate começou, e conforme o tempo passava, eu ia ficando menos desconfortável e apreensiva.

Não abri a boca em momento algum, eu apenas observava enquanto os mais corajosos exibiam suas opiniões. Algumas, preciso dizer, eram bem

estúpidas.

Havia uma garota que não parava de falar, e eu realmente gostaria que ela o fizesse, porque absolutamente tudo o que saía de sua boca era hilário. Eu tinha o leve pressentimento de que ela não tinha ideia do que estava falando, apenas queria fazer parte do debate e chamar atenção.

— Como eu já disse, sou formada em psicologia jurídica, e atuo na área ainda hoje — a doutora anunciou quando o debate chegou ao fim. — E eu queria mostrar a vocês como a psicologia e o direito estão ligados. É interessante para os alunos terem um conhecimento básico do outro curso.

Ela terminou de apagar o quadro em que havia feito algumas anotações e se virou para nós.

— Por exemplo, vamos supor... — Apontou para uma garota aleatória na sala. — Qual é o seu nome?

— Ângela Lanzi — a aluna loira respondeu.

— A senhorita Lanzi acabou de matar o marido. Não há evidências de maus-tratos. Ela não pode aclamar autodefesa. Você é o advogado dela e ela está prestes a ser presa. Mas tem um porém, a senhorita Lanzi acabou de ter um filho. O que você pode usar para a defesa de sua cliente? — a doutora perguntou para a sala.

Esperou alguns segundos.

Três alunos levantaram as mãos e a doutora Julian escolheu um deles.

— Dependendo do tempo em que ela teve o bebê, ela pode aclamar trauma pós-parto — respondeu um aluno à minha direita.

Ela assentiu.

— Exato. O fato de ela não estar psicologicamente estável pode diminuir significativamente a sua pena.

Ela observou a sala por mais um momento.

— Como o comportamento de alguém e a capacidade de cada um de vocês de ler expressões podem ser cruciais em um caso?

Ela esperou um segundo.

— As expressões são as verdades que as palavras não conseguem esconder.

Minha respiração ficou presa.

Era a voz *dele*.

— Veja bem, um criminoso pode negar o quanto quiser, mas seus movimentos e suas expressões faciais podem entregar todo o caso.

A sala estava em completo silêncio. A doutora Julian o observava enquanto o escutava.

Eu queria sair correndo, porque sabia o que estava por vir.

Callum não tinha o feitio do aluno que participava de aulas e coisas do tipo. Ele não se pronunciaria, a não ser que fosse para me ferir.

— Por exemplo, está vendo aquela garota? A da segunda carteira, de cabelos escuros? Vê como ela não para de se remexer na cadeira desde o segundo em que abri a minha boca? Aposto que seu rosto está vermelho. Ela está desconfortável. Meu primeiro palpite é que minha voz a assusta. Talvez ela se sinta ameaçada por alguma razão. Meu segundo e mais provável palpite é que a minha voz a deixa...

Ele pausou por um segundo.

A sala continuava em completo silêncio.

Fechei meus olhos.

— *Excitada*.

As gargalhadas explodiram.

Doía em todos os lugares.

— Preciso concordar com o que você disse sobre as expressões serem verdades que não conseguimos esconder, mas não vamos usar alunos como exemplos que não sejam hipotéticos — a doutora Julian disse em meio aos risos abafados.

Eu queria esconder meu rosto em algum lugar, porque sabia que ele estava da cor de um escarlate vivo.

Eu sentia todos os olhares sobre mim. O que eu mais queria era me

levantar e sair correndo daquela sala, daquela faculdade, talvez da cidade. Correr para longe dele. Mas já estava na hora de lutar contra ele.

— Já pensou que talvez exista uma terceira opção? — indaguei, alto o suficiente para toda a sala ouvir.

Meus olhos continuavam fixados no quadro. Aquilo era muito difícil para mim, eu estava precisando de cada gota de coragem do meu corpo para fazê-lo.

Eu sentia o olhar de todos sobre mim.

Finalmente me virei e fitei Callum. Seus olhos também estavam sobre mim, e neles havia um misto de surpresa e prepotência.

— Você quer saber qual é o meu palpite? — perguntei.

Ele sorriu.

— Adoraria — respondeu.

Sorri de volta. Alguns segundos se passaram.

— Nojo.

Seu sorriso aumentou e ele levantou as sobrancelhas.

— Nojo?

— Sim. A sua prepotência é tão grande que você provavelmente pensa que todas as garotas ficam molhadas toda vez que você abre a boca, mas, na verdade, algumas de nós só sentem repulsa.

Ouvi as risadas, e desta vez elas estavam do meu lado.

— O que acha desse palpite? Acha que consegui te ler? — Minha voz soou desafiadora.

Callum descansou as costas no encosto da cadeira e cruzou os braços de maneira casual.

— Não sei, me diz você. Você é que é a psicóloga aqui.

— Chega. Se vocês dois têm algum assunto pessoal para resolver, façam isso lá fora.

Eu me levantei da minha cadeira e o encarei.

Uma vez eu vi um documentário sobre felinos. Lembro que dizia que os felinos não atacam sem motivo. Eles não o fazem por prazer. Você tem que dar um bom motivo. Fome, proteção, medo.

Eu sabia que estava pisando em um terreno perigoso, mas ele havia começado, eu só estava me defendendo.

É isso o que acontece quando você coloca um felino contra a parede.

Ele ataca.

— Minha análise psicológica aqui é que você é uma pessoa frustrada, e para não morrer de tédio e inutilidade nessa sua vida patética, você precisa infernizar a vida de uma garota que não poderia estar ligando menos para você. No final do dia, você é apenas um garoto triste, Trenton.

Peguei minhas coisas e saí da sala.

Não me dei ao trabalho de olhar para ele, mas no meu rosto havia um sorriso que só dizia uma coisa:

*Eu venci.*

## Capítulo 8

Eram dez e meia da noite de uma quinta-feira quando recebi uma mensagem de Anthony. Eu estava lendo um livro na cama quando meu celular vibrou.

**Anthony:** *Vai fazer alguma coisa amanhã à noite?*

Sorri para o celular.

**Eu:** *Por quê?*

**Anthony:** *Nosso encontro.*

**Eu:** *Temos um encontro?*

**Anthony:** *Não se faça de desentendida. Temos um encontro e você sabe que mal pode esperar.*

**Eu:** *Meu Deus, vamos mesmo ter que trabalhar esse seu ego.*

**Anthony:** *Vamos trabalhar nele amanhã, às oito, em um restaurante italiano?*

Meus dedos travaram por alguns segundos. Hesitei enquanto encarava a tela do celular, mas então respirei fundo e digitei.

**Eu:** *Claro.*



Observei o espelho por alguns segundos. Eu estava feliz com o resultado e suficientemente confiante. A minha calça jeans preferida combinava perfeitamente com a blusa verde-escura de alcinha que eu usava. Os sapatos eram altos, mas não o bastante para que eu me preocupasse em cair ou tropeçar. Minha maquiagem estava um pouco mais incrementada do que o normal, e meus cabelos, como sempre, soltos.

Peguei as chaves e saí do apartamento. Nós havíamos marcado de nos

encontrar lá. Ou melhor, ele se ofereceu para me buscar e eu disse que não precisava.

A questão era que eu preferia ir com o meu próprio carro, assim eu não me sentiria presa ou dependente. Eu odiava pegar carona e ficar à mercê de outra pessoa. Com o meu carro, eu podia ir e vir a hora que quisesse. Simplesmente dar o fora, se eu não estivesse me sentindo confortável.

Era assim que funcionava comigo. Eu sempre pensava à frente. Sempre pensava no que podia acontecer, em absolutamente todas as possibilidades. Boas e ruins. Mas, principalmente, nas ruins. E eu gostava de estar preparada para tudo.

O restaurante ficava a apenas alguns minutos de distância do meu apartamento. Estacionei meu carro velho e andei em direção à porta. Avistei Anthony logo que entrei no lugar. O restaurante era pequeno e aconchegante. Ele sorriu quando me viu. Respirei fundo e sorri de volta, me dirigindo à mesa.

— Você está linda — elogiou Anthony, levantando-se da cadeira para me dar um beijo na bochecha.

— Obrigada. Você também — respondi.

E eu estava sendo sincera. Anthony estava muito bonito em sua calça jeans escura e camisa polo branca. Mas isso não era surpresa, ele era um homem muito atraente.

Nós nos sentamos e a garçonete anotou nosso pedido.

— Fico feliz que tenha aceitado meu convite.

— Não vi muita opção, estou aqui com o único intuito de abaixar o seu ego. Alguém precisa te ajudar — eu disse sorrindo.

Ele riu. Alto.

Franzi um pouco as sobrancelhas.

Nem havia sido tão engraçado assim.

Ao longo do encontro, fui notando que Anthony era bastante risonho e falante. Seu senso de humor era fácil e suave. Bem diferente do meu, mais sarcástico. E ele parecia ser o tipo de pessoa extremamente sociável, o que

era completamente estranho para mim, já que eu era o total oposto. Mas pensei que talvez não fosse algo ruim. Talvez, me rodear de pessoas como ele fizesse bem para mim.

— O que estuda? — perguntei.

— Estou fazendo engenharia química, entrei este ano — respondeu ele.

Fiz uma careta.

— O que foi? — ele quis saber.

— Juntou meus dois pesadelos. Matemática e química.

Anthony sorriu. Ele tinha um belo sorriso.

Aposto que as meninas se derretiam diante daqueles dentes brancos e daquela boca rosada.

— E você?

— Psicologia. Primeiro período.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Sério? — Cruzou os braços. — Então, me analise.

Sorri fraco.

A verdade é que Anthony era um livro aberto. Era tão fácil de ler quanto um conto para crianças. Extremamente previsível, nada de desafiador. O que era muito bom para mim. Eu gostava de ver as coisas com clareza.

Notei que ele ficou um pouco nervoso ao longo do encontro, e isso mostrava que toda aquela fachada de confiança na verdade não era tão real. O que era bom, porque também mostrava que ele não era um babaca arrogante. Mas, ao mesmo tempo, estava claro que Anthony não era o cara mais confiante, apesar de estar realmente tentando ser. Ele também não era muito bom com as palavras, suas respostas não eram inteligentes ou afiadas. E suas cantadas pareciam ensaiadas. Mas ele não era burro. Devia ser melhor com os números do que com qualquer outra coisa.

Mas, é claro, eu não disse nada daquilo a ele.

Quando as pessoas pedem para ser analisadas, elas não querem



realmente uma resposta crua e verdadeira.

— Você é um cara muito gentil e inteligente. Aposto que tem uma ótima família. E teve muitos animais de estimação na infância.

Anthony sorriu, seus olhos brilhando em contemplação.

— Acertou, principalmente na última parte. Minha mãe é veterinária. Tivemos dezenas de cães e gatos ao longo dos anos.

Sorri de volta.

O resto do encontro foi bom. Anthony era um cara genuinamente legal, e fazia tempo que eu não flertava com alguém. Era divertido e leve.

Eu me sentia normal.

— Sabe o que me atraiu em você quando eu te vi? — ele perguntou ao terminarmos de comer.

— O quê? — perguntei, erguendo as sobrancelhas.

— Você estava sorrindo para o livro enquanto lia. E sequer se dava conta. Você tem um belo sorriso.

Meus lábios puxaram para cima.

— Obrigada.

— E, claro, teve o fator de você ser muito bonita.

Eu ri suavemente, sentindo as minhas bochechas corarem.

— Então, depois de te conhecer, o que mais me atrai em você é a sua confiança.

Ele disse aquilo de forma genuína, e eu conseguia ver o seu fascínio.

Eu quis rir internamente.

Estava claro que Anthony não conseguia me ler tão claramente como eu fazia com ele.

Eu era uma fraude. Estava interpretando um papel. E ele estava caindo, exatamente como eu queria que ele fizesse.

Se ele soubesse de tudo o que se passava dentro de mim,

provavelmente já teria saído correndo.

Uma pontada de culpa cresceu no meu estômago. Mas então eu pensei melhor. Anthony também não estava sendo ele mesmo naquele encontro. As pessoas em geral não costumam ser nos primeiros encontros.

Ele também estava fingindo.

A única diferença era que eu era melhor.

Nós terminamos o jantar e ele me levou até o meu carro. Abriu a porta para mim e, antes que eu pudesse entrar, ele se inclinou e me beijou.

E eu deixei.

Eu me sentia segura com ele. Anthony era como água cristalina, e isso me confortava.

Além do mais, já fazia tanto tempo que eu não tinha aquele tipo de contato que eu estava curiosa para sentir novamente.

Enquanto eu dirigia de volta para o meu apartamento, um sorriso bobo brincava em meus lábios.

## Capítulo 9

— Como você está?

— Bem — respondi.

— Está gostando da faculdade? — ele perguntou.

Senti um certo desconforto em sua voz. Meu tio também odiava falar por telefone.

— Sim — eu disse de forma automática.

Eu não queria falar a verdade. Não queria explicar o que estava acontecendo. Era muito difícil conversar sobre isso com qualquer um que não fosse a Dra. Alana. Além disso, meu tio nunca entenderia. Sentimentos e emoções nunca foram temas frequentes em nossas conversas. Não era o forte dele, nem o meu, pelo menos quando se tratava dos meus.

— Como ela está? — perguntei, já sabendo a resposta.

— Você sabe... Está como sempre.

Suspirei.

— Tudo bem. Eu devo ir visitá-la no próximo domingo, já que na segunda é feriado.

— É, seria bom. Ela sente sua falta.

Estava mentindo. Eu sabia disso. Ele também. Mas nós dois fingíamos, porque realmente gostaríamos de acreditar que fosse verdade.

Forcei um sorriso e respondi:

— É, eu sei. Tio, tenho que ir. Tenho aula em alguns minutos.

Ele se despediu, quase que aliviado, e eu desliguei.



As aulas do dia se arrastaram. Tentei me manter focada e fiz o meu melhor para anotar tudo e entender o que me era passado. Eu estava determinada a fazer aquilo direito. Queria ser uma boa psicóloga. Não, eu não queria ser só boa. Eu queria ser a melhor.

Sara me encontrou depois da minha última aula.

— Como assim você teve um *super* confronto com o Sr. Arrogante-gostoso-assustador e não me contou? — perguntou enquanto caminhávamos pelos corredores da faculdade.

Eu a olhei por um momento.

— É que aconteceu há pouco tempo, eu não te encontrei e não achei que fosse urgente.

Sara me encarou, parecia quase ofendida.

— É importante, Cora. Muito importante. Isso é tipo... — Ela parou e pensou por alguns segundos. — Mais importante que política.

Ergui as sobrancelhas em sua direção e sorri.

*Jesus.*

— Ouvi dizer que você acabou com ele. — Ela me encarou fixamente, seus olhos quase vidrados. — Você acabou com ele?

Sorri.

— Eu acabei com ele.

Ela sorriu de volta.

— Mas como você soube disso? — perguntei.

— As pessoas estão comentando. — Sara deu de ombros.

— Sério?

— Sério. Eles estão interessados em saber sobre a novata que enfrentou Callum Trenton na frente de todo mundo. Isso não acontece.

— Bem, estava na hora. E foi ele quem começou.

— É, eu soube. Deve ter sido horrível.

— Foi.

— Meu Deus. Qual é o problema daquele cara? — perguntou ela, parecendo realmente irritada. — Por que ele faz isso?

— Não sei — menti.

— É cruel demais. Isso já aconteceu outras vezes?

Eu quis rir. Se já aconteceu outras vezes?

Eu já havia perdido as contas.

— Algumas — respondi sem a encarar.

— Sério? Quando? — ela quis saber.

Sua curiosidade era grande. Ela queria detalhes, estava morta para saber mais. Mas eu a conhecia há pouco tempo, ainda não confiava em Sara, e aquele era um assunto sobre o qual eu não me sentia tão confortável em discutir. Eu só queria esquecer, deixar o meu passado para trás. Toda a razão de eu estar naquela faculdade, a horas de distância da minha casa, era virar totalmente a página.

Eu me virei para ela.

— Há alguns anos. Foi ruim. Não. Foi horrível. Eu perdi noites de sono chorando por causa dele. Mas esse é um assunto que não estou a fim de falar. Talvez um dia, mas não agora, Sara.

Ela me encarou em silêncio por vários segundos. Parecia um pouco surpresa com as palavras que saíram da minha boca. Mas então ela assentiu, compreensão inundando seus olhos.

— Tudo bem. — Sorriu. — Vamos falar sobre o aluno gostoso de engenharia industrial que eu conheci hoje, então.

Sorri em sua direção e ela me contou em detalhes tudo sobre o encontro de dois minutos que eles tiveram no bebedouro do corredor. E o nome dos seus três futuros filhos.



Estacionei o carro na rua do meu prédio e saí. Eu havia ido ao mercado comprar algumas frutas para comer mais tarde. Estava prestes a me virar para ir em direção ao meu prédio quando eu o ouvi.

— Garoto triste. — Sua voz era distante.

Virei-me de forma abrupta.

Ele estava encostado no muro do meu prédio, um pé apoiado na parede. Seus braços casualmente cruzados sobre a jaqueta escura. Ele estava oculto pela escuridão, eu mal conseguia ver seu rosto.

Paralisei.

— Não foi isso o que você disse, Arsen? Garoto triste? — perguntou.

Ele esperou, seus olhos fixos nos meus.

— Não está lembrada? — indagou em tom irônico, seus olhos brilhando em uma diversão sádica. — Bem, vou refrescar sua memória então. Você disse que eu sou uma pessoa frustrada. Tenho uma vida patética. E que, para eu não morrer de tédio, preciso infernizar a vida de uma garota que não dá a mínima.

Sorriu.

— Acontece que eu estou bem entediado agora, Arsen — disse e avançou lentamente em minha direção.

Olhei para os lados. Estava tarde, ninguém passava por ali. Éramos só nós dois.

— O que vamos fazer sobre isso? — ele perguntou, cada vez mais perto.

Eu sabia que isso ia acontecer. Eu sabia que ele não ia simplesmente esquecer e deixar passar. Não era assim que funcionava com ele. Não era assim que a gente jogava.

Eu o encarei, coloquei minha máscara e sorri.

— Não sei, você deveria tentar tricô. Dizem que é muito relaxante. Faz bem para a cabeça.

Ele não sorriu. Em vez disso, ele se aproximou.

Callum parou de frente para mim, apenas dois passos de distância.

— Acho que prefiro torturar você.

É claro que ele preferia. O meu inferno era o paraíso dele.

— Foda-se — murmurei.

Dei um passo em direção ao meu prédio. Mas antes que eu pudesse ir para longe dele, Callum se colocou na minha frente e avançou. Eu tive que recuar dois passos para que não colidíssemos. Minhas costas bateram contra a porta do meu carro e ele me cercou com seus braços. As mãos no meu carro, uma de cada lado do meu corpo. O ar deixou meus pulmões. Seu rosto estava a centímetros do meu. Eu conseguia sentir seu cheiro e o calor de seu corpo. A última vez que estive tão perto dele assim fora há mais de um ano.

— Não coloque suas mãos em mim — rosnei, meu coração batendo descontrolado contra o meu peito.

Ele sorriu perversamente, como se a ideia de querer me tocar fosse ridícula.

— Colocar minhas mãos em você? Pelo amor de Deus, não se lisonjeie, Arsen. Eu prefiro perdê-las do que tocar você.

Engoli em seco, a dor do insulto cortando meu corpo. Eu sabia da sua repulsa por mim, sempre soube. E sempre fora recíproca. Mas ouvir em voz alta doía.

— O que você quer? — perguntei, sem desviar os meus olhos dos dele.

— Você não vai mais ver Anthony Lyncad.

Franzi as sobrancelhas.

— O quê?

— Fique longe dele.

— Por quê? — indaguei, com uma mistura de irritação e confusão.

— Porque eu estou dizendo para você ficar — ele disse simplesmente, como se aquilo fosse o suficiente.

— Por que você se importa, de qualquer forma?

— Você gosta dele? Ele te faz feliz?

— Não que seja da sua conta, mas, sim, eu gosto dele e ele me faz feliz.

Ele sorriu. Perverso.

— Então é exatamente por isso. Eu quero você miserável, Arsen. Gosto mais de você infeliz.

— Miserável como você? — rebati.

Seus lábios puxaram para cima, mas o sorriso não atingiu seus olhos.

— Fique longe dele — ele repetiu e recolheu seus braços, se afastando.

— Ou o quê? — desafiei.

— Você vai querer pagar para ver?

Seus olhos brilhavam em uma mistura de desafio e ameaça.

Ele se virou e foi embora, deixando a pergunta no ar.

Meu coração ainda batia descontroladamente em meu peito enquanto eu tentava me acalmar e processar tudo.

Subindo as escadarias do meu prédio, a pergunta de Callum se repetia em minha mente.

*“Você vai querer pagar para ver?”*

Quando entrei em meu apartamento, eu já sabia a resposta.

Sim, eu queria.



# Capítulo 10

Eu a encarei por vários segundos. Os grandes olhos azuis fixados em mim de forma esperançosa.

Suspirei.

— Tudo bem, eu vou — eu disse finalmente, derrotada pela insistência de Sara.

Ela estava no meu apartamento, tinha acabado de chegar. Ela simplesmente havia batido em minha porta e me mandado colocar uma roupa bonita, porque iríamos a uma festa.

Meu primeiro instinto foi negar, é claro. Porém, ela insistiu. Muito. E Sara era terrivelmente convincente. Além do mais, ela era a minha única amiga. E eu gostava dela. E ela parecia gostar muito de mim. Então, eu não pude negar. Amigas saem juntas. Amigas vão para festas, conversam e bebem.

Eu precisava começar a agir como uma garota normal e fazer pequenos esforços, mesmo que minhas experiências com festas não fossem lá muito boas.

Fomos até meu quarto e reviramos meu guarda-roupa. Sara torceu o nariz para a maior parte das roupas que eu sugeri. Tínhamos gostos muito diferentes. Ela preferia cores vibrantes e estampas. No momento, usava um vestidinho rosa-bebê e saltos da mesma cor. Eu gostava de roupas lisas e cores escuras.

— Este aqui! — ela praticamente gritou quando encontrou um vestido azul-marinho.

A cor era escura, não exibia qualquer estampa, mas ele era justo e tinha uma grande abertura nas costas.

Sorri para o vestido, nós duas havíamos finalmente concordado em relação a uma roupa.

Corri para o banheiro e o vesti, depois trabalhamos na minha maquiagem ao som de Maroon 5. Apesar da grande ansiedade devido à expectativa de ir para uma festa, eu estava me divertindo. Sara não parava de dançar e tagarelar besteiras que me faziam rir.

— Acho que devíamos fazer um coque, você tem um rosto muito bonito. Não me leve a mal, seu cabelo é lindo, mas quase não conseguimos ver seus olhos — ela comentou depois que terminamos a minha maquiagem.

— Não, vou deixá-lo assim. Não gosto de usar meu cabelo preso — respondi com um sorriso fraco.

Levemente decepcionada, ela me encarou, mas não insistiu no assunto.

Quando saímos do meu apartamento, já era quase meia-noite.

— Sabe quem vai estar lá? — perguntou ela, com um sorriso malicioso.

— Não. Quem? — perguntei quando entramos no meu carro.

— O Anthony — ela cantarolou.

Eu havia contado a ela sobre o meu encontro com ele, desde então ela não parava de me pedir que a atualizasse, e com todos os detalhes. Acontece que não havia muito o que dizer, apenas que tínhamos saído uma vez e que andávamos trocando mensagens.

— Você vai ter que nos apresentar!

— Para você atacá-lo com trezentas perguntas sobre o nosso “relacionamento”? Acho que não.

— Não! Eu preciso conhecê-lo. Talvez vocês comecem a namorar, e eu preciso aprová-lo. Sinto cheiro de homem que não presta de longe. Acredite em mim, você precisa da minha ajuda — disse ela, o rosto sério.

Eu apenas sorri.

— Por favor. Por favorzinho — pediu Sara, juntando suas mãos delicadas em frente ao peito.

Rolei os olhos e suspirei. Eu sabia que seria inevitável que ela o conhecesse. Sara era terrivelmente curiosa, não desistiria.

— Tudo bem, mas você precisa prometer que não vai enchê-lo de perguntas.

— Prometo — ela respondeu sem hesitação.

Eu não sabia exatamente o que estava rolando entre mim e o Anthony, então eu não queria que a Sara o assustasse ou algo do tipo. Ela conseguia ser terrivelmente intensa quando queria.

Meu coração batia forte enquanto eu estacionava o carro em frente à casa da fraternidade em que estava acontecendo a festa. Eu já conseguia escutar a música horrível pulsando. Algumas pessoas conversavam do lado de fora da casa, todas com copos nas mãos.

Suspirei e saí do carro. Sara, é claro, não notou o meu nervosismo. Eu não queria deixar transparecer. Não queria que ela pensasse que eu era uma esquisita que mal conseguia suportar uma festa de fraternidade.

Andamos em direção à porta. Sara sorria abertamente, observando cada pessoa ali.

— Vamos pegar algo para beber — ela disse enquanto seguíamos em direção à cozinha.

Eu não ia beber, por mais que odiasse a ideia de passar aquelas próximas horas sóbria. Eu teria que dirigir de volta, então não podia ficar bêbada.

Várias garrafas estavam expostas sobre a pia e a ilha da cozinha. Sara pegou algumas delas e começou a misturar as coisas em seu copo.

— Lydia! — ela exclamou ao ver uma garota.

A ruiva atraente se virou para nós e sorriu quando avistou Sara.

— Sara!

Lydia veio em nossa direção e deu um abraço em Sara.

— Esta é Cora — minha amiga me apresentou com um amplo sorriso no rosto.

Lydia sorriu.

— É um prazer conhecê-la.

Sorri de volta. Suas palavras pareciam genuínas, assim como o sorriso em seu rosto. Acontece que garotas de faculdade eram bem mais legais do que adolescentes do ensino médio.

— Vocês acabaram de chegar?

— Aham. As coisas estão interessantes por aqui? — Sara perguntou.

— Sim, bem... A maior parte do time de basquete está aqui, e a de futebol também. Então eu diria que não está ruim. — Lydia nos lançou um sorrisinho. — Mas eu, assim como boa parte das garotas aqui, estou esperando Callum Trenton chegar. Está meio tarde, mas talvez ele apareça.

Meu coração pulou uma batida ao ouvir seu nome. E acho que não consegui esconder muito bem, porque a Lydia nos encarou com as sobrancelhas franzidas.

— O que foi? — perguntou.

— É só que a Cora não é muito fã do cara. Ele é bem babaca — Sara explicou, parecendo meio desconfortável.

Lydia sorriu.

— Ah, sim, sei que ele não é o cara mais gentil e cavalheiro do mundo. Mas não dá para negar que é lindo de doer, né?

Ela claramente não entendia. Lydia não o conhecia como eu o conhecia.

Forcei um sorriso.

— Ah, espera. Você é aquela garota que discutiu com ele no debate da semana passada? — Lydia perguntou de repente.

— Sim — assenti.

Aparentemente, nossa discussão foi bastante falada.

— Ah, que merda. Eu faço direito, mas estava doente naquele dia. Queria tanto ter visto aquilo.

— Você não perdeu muito coisa. Foi só uma discussão estúpida, porque ele insiste em ser um babaca toda vez que abre a boca — eu disse, sentido um pouco de raiva enquanto a lembrança daquele dia vinha em minha

mente.

Ela riu e nós conversamos por mais alguns minutos. Lydia era bem legal e muito gentil. Mas então elas começaram a falar algo sobre uma outra amiga que eu não conhecia e eu já não tinha muito o que adicionar naquela conversa. Nem queria, na verdade. Olhei ao redor, à procura de um banheiro, eu queria ver se a minha maquiagem ainda estava em ordem.

— Cora? — Ouvi alguém chamar.

Meus olhos encontraram os de Anthony. Ele estava sentado em um sofá a alguns metros de distância, conversava com dois caras.

— Depois eu te encontro — sussurrei no ouvido de Sara e me despedi de Lydia.

Fui na direção de Anthony, feliz por Sara não o ter visto. Caso contrário, ela faria questão de me acompanhar.

Anthony se levantou e veio ao meu encontro. Frente a frente, ele me deu um beijo na bochecha e sussurrou:

— Você está linda.

— Obrigada — respondi, tentando evitar um sorriso estúpido surgir em meus lábios. — Você também está muito bonito.

E ele estava. Anthony usava calça jeans e uma camisa laranja. Eu particularmente não gostava muito dessa cor, mas ficava surpreendentemente bem nele.

— Eu não sabia que você vinha — ele comentou.

— É, eu também não. Na verdade, fui coagida a vir por uma amiga.

Ele sorriu.

— Bem, vou ter que agradecê-la depois, então.

Ele passou o braço ao redor da minha cintura e me puxou para perto. Seus olhos brilhavam enquanto observavam meu rosto. Não consegui evitar de sorrir.

Quando olhei sobre os ombros de Anthony, vi que Callum tinha os olhos em mim.

Ou melhor, em nós.

# Capítulo 11

## Callum

### O COMEÇO

Terminei de colocar pasta de amendoim nas fatias de pão e peguei o copo de suco de laranja. Andei pelo corredor com a comida nas mãos e passei pelo quarto da minha mãe. Ela estava deitada na cama, completamente desmaiada, as cortinas fechadas, apesar de já ter passado das onze da manhã. Infelizmente, eu não estava surpreso.

Passei direto e segui até a última porta.

Flynn estava sentado na cama olhando pela janela, observando a chuva que caía raivosamente lá fora. Entrei no quarto e me sentei na poltrona ao lado da cama. Ele se virou e observou enquanto eu colocava o prato ao seu lado.

— Você precisa comer — declarei, sério.

Ele olhou para o prato por alguns segundos e pegou um pedaço. Flynn amava pão torrado com pasta de amendoim, era seu prato preferido. Ele só negava quando estava muito mal.

Suspirei de alívio ao vê-lo mastigando.

— Amanhã é o primeiro dia de aula, né? — ele perguntou depois de engolir.

Sua voz estava um pouco fraca, não me lembro da última vez que a ouvi realmente forte e saudável. A cada dia que passava, ele falava mais baixo e mais devagar, como se cada palavra fosse um grande esforço.

Eu assenti, nada empolgado.

Ele sorriu. Fraco, mesmo assim, ainda era um sorriso.

— Cara, não sei como você passa de série todo ano — ele comentou.

Eu não gostava de estudar, nem tinha tempo para isso. Então minhas notas nunca foram excelentes, principalmente recentemente, elas só estavam piorando. Flynn era o gênio da família, não eu.

Há alguns anos, eu provavelmente daria um tapa na nuca dele ou um empurrão por me caçoar. Afinal, ele era o meu irmãozinho, e como o mais velho, eu costumava o deixar na linha. Mas, naqueles dias, eu tinha medo de quebrá-lo se o tocasse.

Sorri.

— Nem eu — respondi, sincero.

Flynn terminou de comer e eu o entreguei o copo de suco. Ele deu alguns goles.

— Como você está se sentindo? — perguntei.

— Bem.

Ele claramente não estava bem. Mas quando dizia que estava, queria dizer que estava normal em comparação aos outros dias. Nenhuma melhora, mas também nenhum piora.

— O papai já chegou? — Flynn indagou. — Não ouvi o carro na entrada.

— Não. Por quê? — eu quis saber.

— Ele me disse que ia trazer o novo livro do Stephen King anteontem.

Engoli em seco, sentindo a raiva correr contra o meu corpo de forma desagradável. Eu odiava que o babaca ficasse prometendo aquelas merdas quando ele mesmo sabia que não ia cumprir. Ele provavelmente havia até se esquecido da porra do livro.

— Eu passo na livraria depois da escola e compro o livro para você — eu disse e saí do quarto, não queria ficar encarando o rosto esperançoso de Flynn enquanto se perguntava por que o pai não conseguia cumprir com nada do que dizia.

Meu pai era o maior escroto que já pisara na Terra.

E eu o odiava. Com força.



Mas, por alguma razão, Flynn o amava.

E, no fundo, eu até entendia, porque um dia eu o havia amado também.



— Cara, eu vou atirar na porra da minha própria cabeça se eu tiver que suportar mais uma hora de aula de física com o Follew — Victor resmungou, dando uma garfada na gororoba que serviam no refeitório.

Eron concordou, parecendo igualmente frustrado e irritado. Matt não prestava atenção na conversa, estava tão chapado que mal conseguia acompanhar o que dizíamos.

Estávamos sentados no salão do refeitório, almoçando durante o intervalo. Era o primeiro dia de aula do segundo ano do ensino médio e já estávamos de saco cheio da escola.

— Pelo menos temos uma bela visão para tornar o dia mais suportável — Victor comentou, um sorriso no rosto.

Acompanhei seus olhos e vi um grupo de garotas a alguns metros de distância.

— Porra, é impressão minha ou a Mia Thompson ficou ainda mais gostosa depois dessas férias? — Eron perguntou, os olhos fixos nas garotas.

As três meninas faziam parte do time de líderes de torcida. Mia era a capitã. A garota mais bonita da escola. Um clichê ambulante.

Como se soubesse que estávamos falando dela, Mia virou a cabeça em nossa direção. Seus olhos encontraram os meus e ela acenou com a mão e me lançou um sorriso de capa de revista.

Acenei discretamente de volta com a cabeça e então voltei para o meu prato. Eu odiava a comida da escola, mas ultimamente era melhor do que a que eu tinha em casa.

— Você é um filho da puta sortudo, Callum — resmungou Victor.

Eu ficava com a Mia às vezes, nas festas ou quando estava entediado

demais.

— E aquela loira? Por Deus! Qual é o nome dela mesmo? — Eron perguntou.

— Joane alguma coisa. Gostosa para caralho, né? — Victor sorriu maliciosamente. — Peguei no verão.

Os dois começaram a discutir os detalhes sobre como tinha sido. E eu terminava meu prato, fazendo uma nota mental para não me esquecer de passar na livraria quando saísse da escola.

— Aquela ali é carne nova. Definitivamente — comentou Eron.

— Ela é gata. Muito gata — completou Victor.

— É, não acho que faz meu tipo. Mas eu pegaria — Eron ponderou.

— Porra, eu pegaria repetidas vezes.

Levantei meu olhar para encarar a garota sobre a qual eles estavam falando. Meus olhos a encontraram imediatamente. Ela estava conversando com aquelas três meninas, parecia ter acabado de chegar ao grupo.

Tinha estatura normal, devia ter cerca de um metro e sessenta e cinco de altura. Não era tão magra quanto as líderes de torcida que estavam ali, mas também não era gorda. Seus longos cabelos eram escuros, cor de cobre, quase vermelhos.

Como se conseguisse sentir meu olhar, ela se virou e me encarou. E eu nunca vi um olhar tão expressivo como aquele. Ou triste.

Eu não desviei, não conseguia.

Sua expressão então se tornou gelo em um piscar de olhos e ela desviou.

E aquele foi o começo do fim.

# Capítulo 12

Seu olhar era duro. O maxilar estava tenso. Eu conseguia sentir o peso da sua raiva.

Meu sorriso foi embora.

Ele estava de pé, três homens ao seu lado, todos pareciam conversar. Mas Callum já não encarava nenhum deles, seus olhos estavam apenas em mim.

— O que foi? — perguntou Anthony, notando a minha mudança repentina de expressão.

— Nada — respondi, voltando o olhar para ele.

Nesse momento, o furacão loiro e rosa surgiu.

— Meu Deus, você é o Anthony, né? — Sara perguntou, ou melhor, gritou.

Anthony ergueu levemente as sobrancelhas, surpreso.

— Sim.

— Ah, eu sabia! Eu te procurei no Facebook e no Instagram — disse ela, como se aquilo não fosse estranho e explicasse tudo.

— Essa é a minha amiga Sara — esclareci para Anthony.

— Ah. — Ele sorriu. — É um prazer te conhecer.

Sara também sorriu, os dentes brancos e bem alinhados quase brilhando.

— O prazer é meu. Ouvi falar muito sobre você. — Ela deu um risinho.

Lancei um olhar em sua direção. Ela não ouvira falar muito sobre Anthony, eu mal havia contado a ela sobre ele.

— Ah, é? — Anthony perguntou, olhando para mim. — Que bom.

Sorri, sem graça.

— Sim. Você é de onde, Anthony? — Sara perguntou, o rosto sério.

— Boston.

— Hum, interessante. Por que você veio para cá?

Ele deu de ombros.

— Eu queria sair do ninho. Deixar minha infância para trás, entende?

Assenti. Eu entendia melhor do que ninguém.

Sara também concordou, continuando com o interrogatório.

— Seus pais fazem o quê?

Anthony parecia um pouco desconfortável com as perguntas repentinas e sem cabimento, mas respondeu mesmo assim.

— Meu pai é contador e minha mãe é veterinária.

Fuzilei Sara com o olhar, para ver se ela notava a minha irritação. Mas, é claro, meu descontentamento não podia ter passado mais despercebido por ela. Sara continuou enchendo o pobre Anthony de perguntas. Notei que ela estava começando a ficar bêbada. Uma Sara sóbria já era muito, agora, uma Sara *bêbada* era simplesmente demais.

— Você não tem namorada, né, Anthony?

— Sara — repreendi.

Ela havia passado dos limites.

— O que foi? É só para ter certeza. Os caras de hoje em dia têm quinze contatinhos, eu só quero...

— Tá, chega — eu disse sorrindo, para amenizar meu tom urgente.

— Não tem problema. — Anthony riu. — E, não, eu não tenho uma namorada, Sara. Bem, pelo menos não ainda — disse, me lançando um olhar.

Eu o encarei por alguns segundos, surpresa com as suas palavras.

Ele queria mesmo dizer o que eu achava que ele estava dizendo?

— Bem, a Cora está solteira — Sara soltou.

— Sara! — dessa vez eu quase gritei.

Será que ela podia ser mais óbvia?

— Só estou dizendo... — resmungou ela.

Anthony riu.

— Esse é o seu primeiro copo, Sara? — ele perguntou.

Ela encarou o próprio copo por alguns segundos.

— Não, é o segundo. Mas eu tomei um *shot* de tequila há alguns minutos. Por quê?

— Nada — Anthony respondeu.

Eu tentava prestar atenção na conversa e não pensar em Callum, mas eu conseguia sentir o seu olhar em mim, conseguia sentir todo o seu ódio reverberando.

Virei meu rosto e o encarei.

Sem surpresa, eu o encontrei me encarando também. Seus olhos não me deixavam. Então, de repente, Callum deu um passo à frente e começou a andar em minha direção.

Ele estava vindo.

Engoli em seco.

*Não.*

Seu olhar não desviava do meu.

A cada passo que ele dava, eu sentia meu coração bater mais rápido.

Várias imagens passaram pela minha cabeça.

O que ele faria?

E o que *eu* faria?

Eu precisava pensar em alguma coisa.

Ele estava apenas a alguns passos agora. Muito perto.

Meu coração disparou e respirei fundo. Eu ia aguentar qualquer merda

que ele tivesse para me dar. Mas então, quando ele estava a poucos passos de distância, desviou o olhar do meu e passou direto por mim.

— Está tudo bem, Cora? — perguntou Anthony. — Você não parece muito bem hoje.

— Não, está tudo bem — respondi, tentando entender o que tinha acabado de acontecer.

Ele não havia feito nada. Mas eu sabia que era uma questão de tempo.

O olhar que ele tinha me lançando... Eu conhecia muito bem aquele olhar.

Ele me disse para ficar longe de Anthony e eu ignorei. Eu paguei para ver.

E agora era a vez dele de me cobrar.

— Eu vou pegar mais uma dose de tequila. Não ousem sair daqui. Eu já volto — disse Sara, séria, apontando o dedo indicador com a unha perfeitamente pintada de *pink* para nós.

Sem esperar resposta, ela saiu.

— Quer beber alguma coisa? — Anthony perguntou perto do meu ouvido.

Neguei com a cabeça.

— Vou voltar dirigindo.

Ele assentiu.

— Vamos sair daqui, antes que ela volte — murmurei.

Anthony riu e nós seguimos em direção a um dos sofás da sala mais próxima. Não tinha muita gente naquela área da casa, apenas um casal se pegando em um pufe ao nosso lado e duas garotas conversando um pouco mais distante.

— Vai fazer alguma coisa no fim de semana? — Anthony perguntou.

— Não, por quê?

— Vai rolar um jogo de basquete por aqui e eu tenho ingressos. Você

quer ir? Se você não curtir basquete, tudo bem, eu posso...

— Não, eu quero ir — eu o interrompi.

Anthony tentava não demonstrar, mas eu conseguia ver que ele estava um pouco nervoso em fazer o convite.

Ele sorriu.

— Ótimo, então eu te mando mensagem amanhã à noite com o horário e o lugar.

— Ok. — Sorri de volta.

Eu não era fã de basquete, mas também não desgostava, além do mais, eu gostava da ideia de passar mais um tempo com o Anthony.

Ele olhou para baixo por alguns segundos, parecia prestes a falar alguma coisa, mas continuou em silêncio. Ficou assim por um momento, até que ergueu a cabeça e disse:

— Então, eu reparei você olhando para o Callum Trenton, e ele também estava te olhando... Eu só queria entender, tem alguma coisa entre vocês? Porque, se tiver, eu gostaria de...

— Não — eu disse rapidamente. — O Callum e eu? — Ri com a ideia ridícula. — Definitivamente, não. Inclusive, ele não gosta muito de mim. Nem eu gosto dele.

*Na verdade, nós nos odiamos, Anthony*, eu quase disse, mas achei melhor não adentrar muito no assunto.

Ele assentiu e olhou fixamente para mim.

— Que bom, Cora. Porque eu gosto realmente de você. Tipo, muito — disse, pegando uma mecha do meu cabelo entre os dedos.

Eu o observei em silêncio por alguns segundos. Uma profundidade no olhar dele me fez pensar que talvez ele estivesse se apaixonando. Ou, talvez, já apaixonado.

Aquilo me atingiu com surpresa, eu não sabia o que dizer.

Forcei um sorriso.

— Eu também gosto de você.

E eu não estava mentindo, eu gostava do Anthony, mas estava longe de estar apaixonada.

Ele se inclinou para me dar um beijo. Sua mão foi para a minha nuca e eu senti seus lábios suaves quando fechei meus olhos.

Anthony se afastou e então me observou.

— Eu preciso ir ao banheiro. — As palavras saíram da minha boca sem que eu tivesse controle sobre elas.

Seus olhos eram muito intensos e eu estava começando a ficar um pouco desconfortável.

— Ah, claro. Eu te espero aqui.

Assenti e me levantei.

A casa era muito grande, eu não fazia ideia de onde poderia ser o banheiro. Tive que perguntar para uma garota aleatória e ela indicou o andar de cima. Subi as escadarias enquanto tentava não esbarrar em todos as pessoas bêbadas pelo caminho.

Eu prestava atenção nas várias portas para saber qual era a do banheiro quando, de repente, bati em algo muito grande e perdi o equilíbrio. Acontece que o “algo muito grande” era, na verdade, um cara. E com o nosso impacto, ele tropeçou para trás. Acabamos os dois no chão, eu sobre ele.

O cara riu ao ver a minha expressão de horror devido à nossa posição. Seus dentes eram muito brancos e alinhados. Seu cabelo era bem loiro e sua pele era bronzeada.

Ele parecia o Ken. Tudo nele era perfeito e alinhado.

— Me descul...

— Não é todo dia que tenho garotas se jogando em cima de mim — disse ele, com um sorriso malicioso nos lábios.

Eu não respondi, só tentei rapidamente me levantar.

— Meu Deus, o que você está fazendo? Eu te deixo por dois segundos e você já está trepando com uma garota no meio do corredor?

Olhei para cima e vi uma garota linda nos encarando com as



sobrancelhas franzidas. Provavelmente a namorada dele.

Consegui me levantar, apesar dos saltos dificultarem um pouco. Fiquei de frente para ela, enquanto o cara ainda sorria.

A garota tinha peitos enormes, e a regata branca que ela usava os favorecia bastante. Tinha a pele bronzeada, os lábios cheios e grandes olhos verdes. Mas o que mais me chamou atenção nela foram seus *dreads*. Eram longos e de um castanho bem claro, quase loiro. Eu não costumava achar *dreads* bonitos, mas nela ficavam muito bem.

— Nós não estávamos fazendo nada... Eu só... — tentei me explicar.

Ela sorriu e me interrompeu:

— Sei que não estavam. Eu só estava brincando, você não faz o tipo dele.

Eu a encarei, um pouco surpresa e ofendida.

— Eu sou gay — o loiro esclareceu.

— Ah... — soltei, finalmente entendendo.

— Meu nome é Jack, e essa vadia grossa é a Saga. — Ele me estendeu a mão.

Apertei a mão dos dois.

— Meu nome é Cora.

— É um prazer conhecer você. Ah, também foi um prazer colidir com você. Eu só gostaria que tivesse sido um cara, seria o ápice do meu dia. Por que os caras simplesmente não caem em cima de mim? — ele perguntou para ninguém em especial, parecendo levemente indignado.

— Desculpe por decepcionar.

— E do que você está reclamando? Você faz mais sexo do que um coelho no cio — Saga comentou o encarando.

— É verdade, não tenho do que reclamar. — Ele deu de ombros e sorriu para mim, não parecendo nem um pouco envergonhado com a declaração da amiga.

Ela rolou os olhos e me encarou.

— Somos colegas de quarto, é a porra de um inferno.

Sorri. Os dois eram extremamente divertidos e esquisitos, mas de um jeito bom.

— Já te falei para usar protetor de ouvidos.

— Ele quer que eu use protetor de ouvidos, mas como eu faço quando acordo e ele está transando com um cara na bancada da cozinha? Quer que eu use tapa-olhos também? — Ela se virou para Jack, irritada.

— Seria bom. — Ele deu de ombros.

— Uau, mas que bela visão ao acordar — comentei sorrindo.

— Pois é! — ela exclamou.

— E é mesmo. Você precisa me ver sem camisa, querida. — Ele piscou para mim, um sorriso convencido nos lábios.

— Meu Deus. — Saga rolou os olhos. — Eu preciso de uma bebida.

Jack concordou.

— A gente se vê por aí, Cora — disse ele, antes de se virar. — Tente ficar com a minha imagem pelado trepando na bancada da cozinha.

Eu ri.

— Pode deixar, acho que será inevitável.

Saga rolou os olhos mais uma vez e acenou. Eles se viraram e seguiram em direção às escadarias.

Finalmente consegui encontrar o banheiro. Entrei e, depois de aliviar a vontade de fazer xixi, me encarei no espelho enquanto lavava as mãos.

Com os últimos acontecimentos, incluindo Anthony se declarando e Jack e Saga, eu acabei conseguindo tirar um pouco o Callum da minha cabeça. Mas ele ainda estava ali, como sempre. Então comecei a pensar na última vez em que eu o tinha visto, e já fazia mais de meia hora. Aquilo não era bom. Eu me sentia melhor quando o tinha em vista. Eu me sentia mais preparada.

Comecei a sentir um mau pressentimento. O banheiro ficou muito pequeno e o calor me inundou. Callum estava tramando algo. Eu sabia. Eu

tinha visto nos olhos dele quando passou por mim. Era um aviso. Eu conseguia praticamente ouvir sua voz dizendo: *“Você não fez o que eu mandei, Arsen. Agora eu vou te fazer sofrer as consequências”*.

Saí do banheiro com o coração começando a acelerar.

Eu queria ir embora. Sabia que Anthony estava esperando por mim, mas aquela noite já não estava sendo divertida.

Saí à procura de Sara, porque eu era a sua carona. Eu não podia simplesmente deixá-la, mas não conseguia encontrá-la em lugar nenhum. E a cada cômodo que eu procurava e não a encontrava, eu ficava mais frustrada e desesperada.

Eu sentia como se o relógio estivesse batendo e meu tempo acabando.

Logo ele viria, e não seria bonito.

Eu me sentia como há dois anos, nas festas com Olivia, sempre esperando o pior.

Sara não estava na pista de dança, nem no jardim ou na cozinha. Voltei para o segundo andar para procurar no banheiro e nos outros cômodos.

Abri várias portas. Flagrei dois casais na cama e me desculpei, fechando rapidamente a porta do quarto.

Eu estava começando a sentir o pânico. E era terrível.

E vergonhoso.

Eu não me sentia assim já fazia um tempo, e eu sabia que aquilo era regredir. Mas eu não me importava no momento. Eu só queria ir para casa. Era apenas autopreservação, eu disse a mim mesma.

Na sexta porta que abri, finalmente achei Sara.

Mas ela não estava sozinha.

Ela estava na cama.

No colo de Callum.

# Capítulo 13

Traição é uma filha da puta. Ela corta fundo. Muito fundo.

Fiquei paralisada enquanto observava os dois juntos na cama. Eu não conseguia processar. Era como se eu estivesse vendo a cena de um filme de terror. Era horrível, mas eu simplesmente não podia desviar o olhar.

Callum estava deitado na cama, as costas apoiadas contra o encosto. Sara estava em seu colo, de costas para mim. Mas eu conhecia muito bem aqueles cabelos e o vestido rosa.

Eles se beijavam, mas então Callum abriu os olhos e nós nos encontramos.

Seus lábios se movimentavam, mas seu olhar estava em mim.

Cruel. Frio. Vingativo.

Ele sorriu.

E então eu entendi.

Aquela era sua vingança.

Ele sabia que Sara era minha amiga. Ele sabia que aquilo ia me machucar.

Ele sempre sabia exatamente como me ferir. Onde cortar.

Sara finalmente se virou. Seguindo o olhar de Callum, ela me encontrou. Seus olhos se arregalaram e ela abriu a boca inchada e avermelhada, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, eu me virei e fui embora.

— Cora. — Eu a escutei gritar.

Mas já era tarde demais.

Era tarde demais para nós.

Havia acabado ali, no momento em que ela escolheu beijar meu maior

inimigo e me trair.

E traição era algo que eu simplesmente não podia suportar.



Eu passei o domingo inteiro comendo e ignorando as ligações de Sara.

Eu estava triste e chocolate me fazia feliz. Era simples.

Então eu vi dezenas de episódios de séries enquanto comia barras de chocolate e bolas de sorvete.

Não chorei.

Neguei-me a fazer isso.

Eu já havia passado por muita merda pior para derramar lágrimas por algo como aquilo. Então eu tentei focalizar mais na raiva do que na tristeza. Não estava funcionando completamente, porque eu realmente estava magoada com a traição, mas estava com raiva, acima de tudo.

Raiva de Sara, por saber que aquilo me magoaria e mesmo assim ter feito. Ela viu como ele me tratava, ela sabia que ele era ruim para mim.

Amigos não deveriam fazer coisas que sabem que vão te magoar.

Se fosse outra situação, como de vida ou morte, se ela tivesse que fazer uma escolha difícil, eu até entenderia.

Mas ela simplesmente não conseguiu se conter de sentar na porra do colo dele e lamber a sua cara?

Não é tão difícil assim, porra.

Eu também estava com raiva de Callum, é claro. Mas era diferente, porque eu esperava isso dele. Eu esperava o seu golpe. Passamos os últimos anos nessa dança doentia de machucar e ferir. Eu nunca esperaria nada diferente dele.

Mas, em geral, eu estava com mais raiva de mim mesma.

Porque eu confiei. Eu fui burra e escolhi confiar em uma garota em

apenas algumas semanas. Escolhi considerá-la minha amiga e me afeiçoar a ela.

Foi um deslize, e eu não costumava deslizar.

Eu abaixei a guarda e me ferrei. Aquilo não era do meu feitio, e agora eu estava determinada a não deixar com que se repetisse.

Ouvi batidas na porta e coloquei o sorvete no chão da sala para atender. Espiei no olho mágico e vi os cabelos loiros do outro lado. Sara estava impaciente enquanto olhava para a porta.

Suspirei, eu sabia que ela não desistiria tão fácil.

Abri a porta.

No segundo em que me viu, seus olhos se arregalaram em surpresa, ela provavelmente estava pensando que eu não a atenderia.

— Cora, eu sinto tanto... — ela começou logo dizendo. — Eu não queria ter feito aquilo. Eu sei que você o odeia, eu não queria, eu juro. Eu queria poder voltar no tempo e consertar tudo. Por favor, me perdoe. Eu fui uma vaca, eu sei. Desculpe-me — disse, tudo em uma velocidade frenética.

Seus grandes olhos azuis me encaravam intensamente.

— Você não vai dizer nada? — perguntou.

— Você terminou?

Ela hesitou por um instante antes de confirmar com a cabeça.

— Vou te perguntar só uma coisa, e quero que você seja sincera. Ele forçou você de alguma forma? — perguntei.

Eu meio que já sabia a resposta, ela estava sobre ele naquela noite. E ela não parecia estar lutando contra ele ou querendo sair dali. Mas eu queria ouvir de seus lábios.

Sara ficou em silêncio por alguns segundos.

— Não — finalmente respondeu.

— Então nós não temos mais o que conversar.

— Mas, Cora, por favor, eu estava bêbada.

— Não culpe a bebida por um erro seu. Além do mais, você não estava bêbada o suficiente para não saber o que é certo e o que é errado. Você sabia, e mesmo assim fez. — A minha voz era dura.

— Mas somos amigas...

— Não somos amigas — eu a cortei. — Nunca fomos amigas, porque amigas não enfiam a língua na garganta de pessoas que machucam a outra. Lealdade é o que eu mais priorizo em uma relação, e você claramente não tem isso. São momentos como aquele que determinam o tipo de pessoa que você é. E você, Sara, é um dos tipos que eu mais desgosto.

Minhas palavras a surpreenderam e feriram, eu conseguia ver em seu rosto.

*Bom.*

Eu não esperei uma resposta. Nem queria, na verdade. Então fechei a porta e segui de volta para sala.

Pelo seu olhar surpreso, Sara não parecia esperar aquilo de mim. Aquela reação, aquela raiva, aquela maldade.

Sara não me conhecia.

Não de verdade.

Poucos realmente conheciam.

Apenas duas pessoas conseguiam me ver perfeitamente, como um vidro bem transparente. A terceira tinha morrido havia alguns anos.

Voltei para o sofá e para o meu sorvete. Peguei o celular e mandei uma mensagem para Anthony, ele ainda não havia me dito a hora e o local do jogo de basquete. Além do mais, eu precisava de uma distração.

Passaram-se várias horas até ele me responder, e quando o fez, foi isso o que eu recebi:

*“Cora, sinto muito, mas não vou poder mais ir ao jogo. Na verdade, eu estava querendo falar com você... Acho que não deveríamos mais nos ver. Sinto muito.”*

Encarei a tela do meu celular por vários segundos. Minha boca estava praticamente aberta. Eu li aquelas palavras pelo menos três vezes, e não

demorou para minha mente chegar a uma conclusão.

Callum.

Com raiva, joguei o celular contra o sofá.

Ele estava ferrando com tudo. Callum estava estragando todas as coisas que estavam indo bem para mim ultimamente.

Exatamente como havia prometido que faria.

Exatamente como há dois anos.

Callum estava me isolando. Tentando tornar a minha vida um maldito inferno.

E o filho da puta estava conseguindo. Como sempre.

Ele atacou.

Ele desferiu o golpe e me acertou.

Agora era a minha vez.



# Capítulo 14

Encarei Logan James por um longo tempo. Longo, mas não o suficiente para ele perceber.

Eu odiava ser intimidada, e submissão era algo que fazia minha alma se contorcer dentro do meu corpo. Por quase dois anos eu fui colocada contra a parede, humilhada e ridicularizada. E por causa do meu orgulho e da minha personalidade forte, aquilo mexeu comigo. Mas me manteve viva, me manteve lutando. E apesar de ele sempre sair por cima, já que Callum tinha o tamanho, a influência e o poder em vantagem, eu nunca dei o braço a torcer.

Nunca chorei na frente dele, nunca o implorei para parar, e, o mais importante, nunca mostrei o quão perto eu estava de quebrar toda vez que ele me atingia muito forte.

O nosso jogo doentio parou no dia em que eu decidi que bastava e me mudei de cidade. Fui para longe. Deixei toda aquela merda para trás.

Mas ele tinha voltado e o jogo havia recomeçado.

E, naquela noite, eu estava pronta para voltar a jogar.

Meus cabelos longos estavam jogados para trás, tampando parte do meu vestido branco de alcinha que ia até a metade das minhas coxas. Minha maquiagem estava bem-feita, eu havia passado um tempo extra nela naquela noite.

Eu estava em uma festa no campus.

Estava lá por causa de Logan James.

Mais conhecido como melhor amigo de Callum Trenton.

Não. Talvez não melhor amigo. Callum não tinha melhores amigos.

Mas ele era a pessoa mais próxima de Callum na faculdade. Eu fiz minha pesquisa e observei bastante.

Aquele era meu alvo, eu tinha certeza disso.

Dei uma última grande golada no meu copo de cerveja, eu precisava de álcool no meu sangue para fazer aquilo. Segui em direção a Logan. Ele estava distraído em uma conversa com um cara loiro. Seu cabelo preto estava um pouco bagunçado e ele estava muito bem em sua camisa verde-esmeralda.

O cara era bonito, aquilo seria bem agradável para mim.

Meus olhos estavam firmemente presos em um lugar qualquer da casa enquanto eu fingia observar algo muito interessante. Não demorou muito para que o meu corpo colidisse com o de Logan.

Dei um passo para trás, fingindo desequilíbrio, enquanto o líquido do copo que estava em minha mão transbordava um pouco com o impacto. Logan se virou para mim no segundo em que soltei um palavrão ao olhar para baixo e notar a minha cerveja no chão.

— Opa, calma aí, gata.

Ergui meu olhar.

— Você devia olhar por onde anda — ele comentou.

Os dois garotos olhavam para mim. Logan tinha um sorriso brincalhão nos lábios.

— Talvez você não devesse ficar no meu caminho — devolvi, sem sorrir.

Logan me observou em silêncio por um momento, digerindo a minha resposta, então um sorriso ainda maior cresceu em seus lábios. Seus olhos verdes brilharam.

Pronto.

Eu havia conseguido sua curiosidade.

Logan agora estava intrigado com a garota que esbarrou nele, não se desculpou e ainda teve a audácia de ser rude.

Não esperei uma resposta, saí de lá em direção à mesa de bebidas.

Eu me estiquei para pegar o copo que estava no armário acima da mesa. E demorei mais do que o necessário para fazer isso, porque eu sabia que quando esticava meu corpo assim, meu vestido subia alguns centímetros. Não tanto para aparecer algo que não deveria, mas o suficiente para despertar

curiosidade.

Logan estava me avaliando naquele momento.

Eu havia chamado sua atenção, agora ele precisava decidir se queria ou não me levar para cama.

E eu precisava que ele quisesse desesperadamente me levar para cama.

Peguei um copo e o enchi com uma dose de tequila. Coloquei um pouco de sal nas costas da mão e o lambi lentamente, me certificando de que Logan tivesse uma boa visão do processo. Então entornei a dose de tequila e, por fim, chupei o limão. Meus movimentos eram confiantes e suaves.

Eu podia me arriscar na pista de dança para chamar sua atenção. As garotas se movimentavam de forma sensual no meio do salão enquanto a música tocava, mas seria demais para mim. Eu não estava bêbada o suficiente para isso.

Eu conseguia sentir o olhar dele sobre mim. Então me dirigi para as escadarias. O andar de baixo estava muito cheio, porque era onde as caixas de som estavam, então havia barulho demais. Observei Logan com o canto do olho, e não demorou muito para que ele comesse a me seguir. Sorri internamente, eu havia conseguido.

Adrenalina pulsava em meu corpo quando cheguei ao segundo andar. A excitação e a ansiedade tomavam conta de mim.

Agradei ao álcool. Sem ele, aquilo seria bem mais difícil, talvez impossível.

Procurei a porta do banheiro e entrei.

Sorri para mim mesma no espelho.

Callum odiaria isso.

Ele odiaria o fato de eu me infiltrar na vida dele dessa forma.

Callum me infernizava, mas no resto do tempo ele me ignorava completamente. Ele não queria que eu fizesse parte de sua vida. Ele não me queria por perto, apenas se o intuito fosse me torturar.

Ele me repudiava, e o fato de eu me associar ao seu ciclo social

definitivamente mexeria com ele.

Lembro que, na época da escola, os meninos que falavam com ele não olhavam para mim por mais de dois segundos. E, se olhavam, era para rir de mim.

Eu não era linda, mas não era uma garota feia. Então eu sempre soube que aquilo tinha a ver com ele. Tudo tinha a ver com ele naquela época.

Callum queria me isolar e me tornar miserável. Eu queria mostrar que não seria tão fácil assim. E que apesar de ele me repudiar, seu amigo não o fazia.

Contei dez segundos e abri a porta do banheiro.

— Acho que te devo uma bebida.

Eu não precisava me virar para saber quem havia dito aquilo. Quis sorrir, mas mantive o rosto sério.

Olhei para a direita, e como o esperado, Logan James estava encostado na parede ao lado da porta do banheiro.

Éramos só nós dois no corredor e mais um casal.

— Você deixou cair sua bebida quando esbarrou em mim.

Ergui as sobrancelhas.

— Quando você entrou no meu caminho — corrigi.

Ele riu.

— É claro.

Esticou um copo na minha direção.

— Eu não vou beber isso — eu disse, encarando o copo e depois voltando meu olhar para ele. — Somos completos estranhos. Isso aí pode ter alguma droga, até onde eu sei.

— Meu nome é Logan James. — Ele jogou o copo em uma lixeira ao seu lado. — Era só uma desculpa para vir falar com você, de qualquer forma.

Ele levantou a mão em minha direção, e depois de uma breve hesitação, eu aceitei. Seu aperto foi suave, e notei que ele segurou minha mão

por tempo demais.

— Cora Arsen.

— Cora, nós temos um problema — ele declarou.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Temos?

— Temos.

— E qual seria?

Eu parecia confiante, mas meu coração batia rápido, eu estava nervosa. O ambiente, as pessoas bêbadas e a música pulsante já me deixavam desconfortável. E conversar com aquele cara atraente de olhos verdes brilhantes piorava tudo. Mas eu não podia vacilar, precisava manter a pose.

— Eu acho que não consigo não ficar no seu caminho — disse ele, com um pequeno sorriso de flerte nos lábios.

Ergui as sobrancelhas.

— Você nem me conhece.

— Eu quero conhecer. Muito.

*Não, não quer*, pensei. Mas, ao invés disso, perguntei:

— Por quê?

Ele deu um passo, ficando mais próximo.

— Porque você é linda.

Era uma cantada banal e nada impressionante, no entanto, com seus olhos verdes, ela não ficava tão ruim assim.

Encostei minhas costas na parede e deixei que ele se aproximasse, era hora de começar a ceder.

— Talvez eu também não queira que você fique fora do meu caminho — eu disse baixinho.

Ele sorriu, e então sua boca estava na minha.

Suas mãos estavam em minha cintura e seu corpo me esmagava

contra a parede. Tinha muita língua, ele se movia muito rápido, como se estivesse com muita pressa.

Fechei os olhos e tentei entrar no clima.

Meu plano era levá-lo para o primeiro andar, onde haviam mais pessoas. Eu precisava circular com ele em público. Eu queria que as pessoas me vissem com ele, talvez Callum estivesse lá embaixo.

A ideia de Callum nos ver juntos fazia uma coisa estranha acontecer no meu estômago, uma mistura de excitação e nervosismo. Mas eu não podia recuar, não agora.

— Logan? — alguém o chamou.

Nossos lábios se separaram e nós viramos em direção à voz.

Callum estava parado no meio do corredor, há alguns passos de distância. Seu corpo longo e sólido estava tenso, sua expressão era dura. E ele estava acompanhado. Uma morena atraente tinha o braço em volta de sua cintura.

Meu coração pulou uma batida, parecia que o plano havia se adiantado.

E, merda, eu acho que não estava preparada para o olhar no rosto dele naquele momento.

— O que foi? — Logan perguntou, um pouco confuso, os lábios inchados.

Callum se manteve em silêncio por alguns segundos, seus olhos não encontraram os meus em momento algum.

— O Alex precisa de você lá embaixo.

— Eu estou ocupado aqui, cara. Depois eu desço — Logan disse, indicando em minha direção com a cabeça.

Então ele voltou a olhar para mim e seus lábios voltaram a se aproximar dos meus. Mas antes que eles pudessem se tocar, Callum estava do nosso lado.

Sua mão estava contra o ombro de Logan, seu olhar fixado em seu rosto.

Assustador.

O ar prendeu em minha garganta, ele estava a centímetros de mim.

— Cara, qual foi? — Logan perguntou, confuso.

— Eu disse que o Alex precisa de você lá embaixo. E eu não vou repetir, Logan. — Sua voz era assustadoramente baixa.

Era uma ameaça, eu conhecia muito bem aquele tom de voz.

Logan o encarou por vários segundos. Uma mistura de frustração, indignação e confusão preenchiam seu rosto.

— Qual é o seu problema hoje, porra?

— A Amanda vai te ajudar a encontrar o Alex — disse Callum, indicando com a cabeça a garota morena que observava tudo em silêncio, assim como eu.

Ela parecia um pouco fascinada com a cena e levemente confusa, estava provavelmente bêbada.

Logan encarou Amanda por alguns segundos, como se estivesse a analisando. E então, ele finalmente se afastou de mim, cedendo.

Eu me senti exposta sem o corpo dele na minha frente.

— Tanto faz, cara. — Eu o ouvi murmurar e ir em direção à Amanda.

Os dois desceram juntos, deixando-nos sozinhos no corredor.

Eu observei enquanto eles se distanciavam, porque não queria encarar Callum. Ele estava com os olhos em mim agora, e era muito para eu suportar.

Meu coração batia muito forte, como o usual quando ele estava por perto. Eu queria correr, gargalhar, chorar e pular, tudo ao mesmo tempo.

Finalmente, tomei coragem e o encarei.

Seus olhos castanhos brilhavam em fúria, seu maxilar estava tenso, ele parecia prestes a explodir.

Era assustador, mas, ainda assim, uma parte minha amava saber que eu era a responsável por isso. Era um prazer doentio e distorcido, era exatamente o que ele sentia quando me torturava. Éramos sádicos em um

jogo viciante.

— O que você pensa que está fazendo? — ele perguntou.

— Eu estava beijando um cara bem quente, mas então você nos interrompeu.

— Você sabe quem ele é. Você está tentando me provocar.

— Ele veio até mim — eu disse, tecnicamente mentindo. — Você pode me achar repugnante, mas seu amigo definitivamente não acha. — Um pequeno sorriso cresceu em meus lábios.

Ele se aproximou e eu recuei um passo. Minhas costas estavam quase contra a parede. Ele amava me encurralar.

— Fique longe dele. E de todas as pessoas com quem me relaciono. — Seus olhos estavam fixos e duros nos meus.

— Estou ficando um pouco cansada das suas ordens.

— Não é uma ordem, é uma ameaça. E você devia ouvi-la, Arsen, porque estou ficando cansado para caralho de você me desobedecendo.

— Eu não recebo ordens, muito menos ameaças de você. Além disso, foi você quem começou o jogo — eu disse, tentando manter a pose.

— Você sabe que não pode ganhar. Então pare de tentar, porque é triste e patético para cacete.

— Vamos ver — eu disse, a voz firme, e então completei: — Faça o seu pior, Trenton.

Ele sorriu, mas não alcançou seus olhos.

Então ele avançou e eu bati as costas na parede. Seu corpo estava quase colado ao meu, eu conseguia sentir sua respiração.

Achei que meu coração fosse sair pela boca.

Nesse momento, uma garota e um cara subiram as escadarias.

Engoli em seco, eu havia sido salva pelo casal.

— Você está andando em um terreno bem perigoso — ele falou em voz baixa, dando dois passos para trás.



Eu lhe lancei um pequeno sorriso antes de me virar para ir embora.

— Não, eu estou correndo, porra. Tente me acompanhar.

# Capítulo 15

## Callum

### ANTES

— É o aniversário dele — eu disse, tentando manter a voz impassível.

Ela se levantou da cama cambaleando. Os cabelos escuros estavam uma bagunça, não viam shampoo e escova há dias. As roupas eram as mesmas de dois dias atrás. O quarto escuro e abafado cheirava a álcool e suor.

— Você não precisa me dizer isso, acha que eu não sei quando é o aniversário do meu próprio filho? — devolveu ela, com raiva.

Eu não respondi. Não precisava.

Se eu não tivesse a acordado e lembrado do aniversário de Flynn, ela não saberia. Ultimamente, ela não se lembrava ou ligava para nada. Só para a bebida.

Ela abriu a gaveta do armário e tirou uma garrafa. Bateu com força para fechá-la e então abriu a tampa.

— Eu vou comprar um bolo e um presente. Pelo menos tome a porra de um banho e dê feliz aniversário a ele. Finja que ainda se importa, mãe.

Ela não respondeu, ao invés disso, colocou os lábios na garrafa e bebeu. Saiu do quarto antes que perdesse a cabeça.

Não foi sempre assim. Minha mãe nem sempre foi uma alcoólatra inútil e miserável. Um dia, ela já sorriu; um dia, ela já foi uma boa mãe.

Ela sempre teve problemas, teve depressão na juventude e, ao longo dos anos, às vezes, ela tinha tempos ruins. Mas ela se recuperava, ainda fazia um grande esforço para ser uma boa mãe e uma boa esposa. E meu pai a ajudava. Ele era a cola que grudava todos nós juntos. Ele segurava o barco

quando ela fazia a tempestade. Minha mãe o amava loucamente, e com sua ajuda e seu encorajo ela melhorava toda vez.

Até que, aos poucos, ele foi parando.

Desistindo dela. Desistindo de nós.

Da mulher dependente, do filho mais novo, doente, e do mais velho, complicado.

E conforme ele se afastava, mais ela piorava.

Tudo começou há cerca de três anos. Ele estava cada vez mais distante, cada vez se importando menos.

E ela, aos poucos, vinha desfiando. A bebida virou a solução, e com o tempo, sua maior obsessão.

Meu pai já não aparecia em casa havia cinco dias, ele nunca esteve fora por tanto tempo.

Já passara dezenas de fins de semana fora, mas nunca cinco dias.

Eu não me importava, eu não o queria mais por perto. E ele já estava mais com um pé para fora de casa do que para dentro, de qualquer maneira. Quando estava em casa, era por pouco tempo, e não havia muito diálogo ou participação.

Mas Flynn se importava, e era o aniversário dele.

Soquei a parede do meu quarto com força.

Eu o odiava.

Porque eles precisavam dele.

E eu precisava deles.

Eu não podia preencher o vazio que ele causava em minha mãe, nem em meu irmão. Minha mãe era uma mulher quebrada que precisava do seu marido, e Flynn era só um garoto precisando de um pai.

Um garoto doente.

Soquei a parede pela segunda vez, com mais força.

Só ele podia trazer a minha família de volta.

Soquei a parede mais uma vez.

E continuei, até cortes se abrirem no meu punho e eu não conseguir sentir nada além da dor.



— É de quê? — perguntou Flynn, com um sorriso animado no rosto pálido.

— Chocolate, é claro — respondi.

Seu sorriso de criança cresceu. Era o seu favorito.

Coloquei as quinze minúsculas velas azuis sobre o bolo e as acendi.

— Vamos lá, assopre e faça um pedido.

Flynn observou o bolo com as diversas velas e assoprou com esforço.

Éramos apenas nós dois na mesa da cozinha. Eu havia tentado acordar a minha mãe, mas ela estava praticamente desmaiada na cama. Seu estado era tão deplorável que era melhor que ela não estivesse presente, de qualquer maneira.

— O que você pediu? — perguntei.

— Não posso contar, cara. Ou jamais se realizará — respondeu ele, com um pequeno sorriso nos lábios.

Meus lábios puxaram levemente para cima. O fato de Flynn ter aquela merda de doença e aquela merda de família e ainda conseguir sorrir era algo que eu nunca conseguiria entender.

Ele era a pessoa mais otimista e corajosa que eu havia conhecido em toda a minha vida.

Aquilo tudo era injusto para caralho.

— Você acha que ele vai vir? — Flynn perguntou, logo depois de eu ter colocado uma fatia de bolo à sua frente.

Ele encarava o prato enquanto cutucava o glacê com o garfo. Seu rosto já não tinha mais nenhum rastro de felicidade.

Fiquei calado por vários segundos, pensando na melhor resposta para dar. Eu deveria mentir? Tentar evitar a resposta?

No fim, acabei falando a verdade.

— Não sei, Flynn.

E eu realmente não sabia. Mas esperava com tudo o que eu tinha que ele viesse. Por mais que eu odiasse esperar qualquer coisa dele. Eu sabia que manter expectativas quando o assunto era meu pai era um caminho rápido e cruel para a decepção.

Depois de comermos o bolo e eu acompanhá-lo até o quarto para que ele dormisse, voltei para a cozinha. Sentei-me à mesa e, enquanto encarava as velas, fiz meu pedido.

Ele nunca foi atendido.



Às dez horas da noite, escutei o motor de um carro na garagem. Olhei pela janela do meu quarto e vi o carro do meu pai sendo estacionado.

Minhas costas relaxaram e eu senti um peso sendo tirado de mim.

Ele havia se lembrado.

Já era meio tarde e Flynn já devia estar dormindo, mas, mesmo assim, ele havia se lembrado. Eu já tinha perdido as esperanças.

Observei o homem alto, de cabelos escuros, mais conhecido como o filho da puta do meu pai, entrar em casa. Ouvi uma movimentação, gavetas e portas de armários sendo abertas no andar de baixo.

Eu me levantei para acordar Flynn, ele ficaria muito feliz.

Mas quando eu estava quase no quarto do meu irmão, escutei a porta da frente bater.

Parei no meio do caminho.

O quê? Ele estava saindo?

Fui até a janela do meu quarto e o vi entrar em seu carro.

Que porra estava acontecendo?

Não esperei por uma resposta divina, desci as escadarias correndo e peguei as chaves do carro velho da minha mãe. Eu mesmo descobriria.

Eu o segui por quase meia hora. Mantive uma distância considerável, para que ele não me notasse.

Ele finalmente estacionou em frente a uma casa branca bonita com um extenso jardim. Parei meu carro do outro lado da rua, há mais ou menos três casas de distância. Ei o vi sair do carro com algumas sacolas e coisas que não consegui identificar nas mãos.

Ele foi em direção à porta e, ao invés de bater ou tocar a campainha, tirou uma chave do bolso e simplesmente a abriu.

Meu pai tinha a porra da chave daquela casa.

Então, era ali que ele havia passado aqueles últimos dias?

Movi meu carro mais para perto, eu precisava saber o que havia ali dentro.

Meu coração batia muito rápido e eu estava morrendo de medo do que veria ali, mas eu precisava. Precisava saber o que acontecia ali que era melhor do que estar com o seu filho no aniversário dele.

Estacionei do outro lado, em frente à casa. Apaguei os faróis e observei a grande janela de vidro que dava para a bela sala de jantar.

Vi meu pai parar no meio da sala e sorrir, então uma mulher de cabelos escuros apareceu e o abraçou.

Segurei o volante com força.

Eles se beijaram e eu fechei meus olhos com força.

Ele não havia se lembrado porra nenhuma. Ele havia apenas esquecido alguma coisa em casa e precisou buscá-la, para então voltar para a mulher bonita e sorridente que o abraçava na sala de jantar.

Enquanto a minha mãe morria aos poucos na casa em que um dia eles construíram uma família juntos.

Meu corpo todo doía. Eu queria gritar, socar alguma coisa ou alguém.

Eu estava prestes a girar a chave e voltar para casa, antes que fizesse algo estúpido, quando, de repente, outra pessoa entrou no cômodo.

Meu coração pulou uma batida ao ver a garota de cabelos escuros.

Cora Arsen estava parada ali, sorrindo para o meu pai, exatamente como eu costumava sorrir quando ele chegava do trabalho no fim do dia.

Ele entregou para ela um pacote e o sorriso no rosto dela se ampliou.

Um presente?

Ele estava a presenteando quando o próprio filho não recebia absolutamente nada de aniversário?

Os três se sentaram à mesa, conversando enquanto se serviam.

Felizes, terrivelmente felizes.

Uma maldita família perfeita.

## Capítulo 16

Eu estava andando pelos corredores do edifício B quando escutei alguém chamar meu nome. Virei-me e encontrei a bela Saga vindo em minha direção. Ela usava uma regata preta e shorts, nada de mais, e, ainda assim, estava linda. Seus *dreads* loiros estavam presos em um rabo de cavalo frouxo e ela usava apenas máscara para cílios no rosto.

— E aí? Está indo para o refeitório? — perguntou ao se aproximar.

Assenti.

— Ótimo.

Ela não sorriu ou nada parecido. Eu tinha a leve impressão de que Saga não era uma garota muito sorridente. O que, para mim, estava bom, eu também não era. Começamos a andar lado a lado em direção ao refeitório.

— Aposto que causamos uma bela impressão na outra noite — ela comentou de forma irônica. — Não somos sempre assim — completou.

Lancei a ela um pequeno sorriso.

— Não vejo problema algum, eu só gostaria de poder tirar a imagem de Jack transando na bancada da cozinha.

Um vestígio de sorriso passou por seus lábios e ela me encarou.

— Ah, nem se dê ao trabalho. Isso fica na sua cabeça para sempre.



Saga me chamou para ir a um bar perto do campus, onde muitos alunos frequentavam. Fiquei agradecida por não ser uma festa, eu já tinha ultrapassado minha cota de festas desastrosas nas últimas semanas. Então acabei aceitando, precisava tirar um pouco das minhas complicações da cabeça por algumas horas. E eu tinha certeza de que aquela dupla seria a solução perfeita.

Nós nos encontramos lá na sexta-feira. O lugar era grande, mas não



tão grande assim. Havia muitos universitários, mas não ficava claustrofóbico. Uma banda amadora tocava no centro do bar, algumas pessoas dançavam, as outras sentavam e conversavam com copos de cerveja nas mãos.

— E aí, qual é a sua, flor do dia? — perguntou Jack, apoiando os braços bronzeados na mesa e me encarando.

— Você vai ter que ser mais específico do que isso — eu disse, dando uma golada na minha bebida.

— Quantos anos? O que faz? Tem irmãos? Por acaso algum gay e solteiro? — ele arriscou, com um pequeno sorriso cheio de más intenções.

— Dezenove. Psicologia. Não, sinto muito — respondi, devolvendo o sorriso travesso.

— E você, garoto bonito, qual é a sua? — perguntei, apoiando os braços na mesa, exatamente como ele havia feito há alguns segundos.

Ele deu de ombros.

— Garoto terrivelmente bonito, mal compreendido e sexy demais para o próprio bem — disse ele, com o rosto sério e levemente melancólico, como se a vida fosse dura demais.

Eu não resisti a uma risada.

— Esqueceu de mencionar o ego inflado — Saga adicionou.

— É, isso também — ele assumiu, dando de ombros mais uma vez.

Jack era realmente bonito. Não o tipo bonito que você vê em uma balada e fica atraída. Ele era o tipo bonito que você vê em revistas e na televisão. Jack parecia aquelas estátuas históricas de heróis gregos, a estrutura física perfeita e os cabelos levemente cacheados.

E ele sabia disso.

Passamos a noite toda conversando. E foi bom. Muito bom. Fazia muito tempo que eu não me sentia daquela forma.

Nenhum dos dois fizeram perguntas pessoais demais. Conversamos sobre diversos assuntos, como se fizéssemos aquilo todo fim de semana. Foi casual, divertido e despreocupado. Perfeito.

Saga era verdadeira e tinha um humor mais ácido, quase negro. Algo nela me dava confiança, apesar da minha dificuldade em confiar.

Jack era terrivelmente engraçado e seguro de si, mas era tão leal quanto Saga. Por baixo de todas aquelas piadas sujas e comentários prepotentes, ele tinha um grande caráter.

Depois daquela noite, almoçamos duas vezes naquela semana na faculdade e eles me chamaram novamente para ir até o bar.

Aquilo estava indo rápido demais, mas eu me sentia muito confortável com eles. Eram pessoas cativantes e interessantes, do seu próprio jeito.

Além do mais, eu precisava começar a viver como uma universitária de verdade e provar para Callum que ele não poderia me impedir de viver minha vida como eu bem entendesse.

Na quinta-feira, coloquei um vestido de alcinha preto que ia até a metade das minhas coxas e calcei um par de sandálias. Simples, confortável e bonito. Não fui com o meu carro, eu estava pensando em beber um pouco naquela noite, então achei melhor pegar um táxi.

Quando cheguei, notei que havia mais gente do que na semana anterior. Não chegava a estar super lotado e insuportável, mas havia definitivamente mais pessoas.

Nervosa, olhei em volta, à procura de Saga e Jack, esperando que já estivessem lá. Os vi acenando da mesma mesa em que havíamos ficado na outra noite. Aliviada, fui em direção a eles.

— Por que está tão cheio hoje? — perguntei, antes mesmo de me sentar.

— Hoje é noite do karaokê depois das onze — Saga explicou e deu uma golada no que parecia ser cerveja.

— Fora que os caras da banda que costuma tocar antes da música amadora começar são quentes — ela completou.

— E como! — exclamou Jack, observando a banda. — Quer apostar quanto que eu saio daqui com o baixista?

Eu me virei e observei o baixista. Estatura média, cabelos escuros, magro, porém musculoso.

— Não acho que seja gay — comentei depois de alguns segundos o analisando.

Jack sorriu. Um sorriso que faria algumas garotas desmaiarem.

— Depois de hoje à noite, será.

Sorri de volta. Por alguma razão, eu não duvidava nem um pouco daquilo.

— Não vejo a hora de você ficar velho e enrugado — Saga comentou.

— Não conte com isso, S. Vou morrer antes dos quarenta.

— Por quê? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Lendas tendem a viver pouco.

Em sincronia, Saga e eu rolamos os olhos.

Jack se levantou e eu notei que a música havia acabado. A banda estava saindo do palco, provavelmente para tirar um tempo de descanso.

Jack se afastou.

— Bem, ele não vai voltar tão cedo. — Saga suspirou e deu mais um gole em sua cerveja.

— O karaokê vai começar, senhoras e senhores — anunciou um cara magrelo e de cabelos compridos que parecia estar um pouco bêbado. — Quem quiser cantar hoje à noite, coloque o nome no pote.

O pote circulou pelas mesas e algumas pessoas depositaram pequenos pedaços de papel nele.

— Você canta? — perguntei à Saga.

Ela parecia ser o tipo de pessoa artística, com algum talento oculto.

— Deus, não. E mesmo se o fizesse, não passaria essa vergonha — disse ela, indicando a garota bêbada que havia pegado o microfone.

Sorri.

Saga era confiante, mas mais reservada. Era realmente difícil

imaginá-la em cima de um palco clamando atenção.

— E você? — perguntou.

Minha voz definitivamente não era bonita quando eu cantava, mas não era esse o problema. A questão era que a ideia de estar em cima de um palco, com uma plateia, simplesmente me aterrorizava. Mas eu não disse isso, é claro.

— Minha voz faria todo mundo aqui querer atirar em suas próprias cabeças. — Dei de ombros.

Senti um olhar queimando sobre mim. Virei meu rosto e vi o exato momento em que Callum Trenton entrou no lugar.

E, é claro, ele também me viu.

Nossos olhares se prenderam por longos e tortuosos segundos. Seu rosto, como sempre, era ilegível. Mas eu conhecia seu ódio e sua repulsa de longe.

Desviei o olhar.

Aquela noite havia sido completamente arruinada.

— Tudo bem? — Saga perguntou.

— Sim — disfarcei e a lancei um sorriso.

Acenei para um garçom que passava e pedi uma dose de tequila. Eu precisaria de um pouco de álcool no sangue para passar por aquela noite.

— Por que o gostoso do Trenton está te olhando como se fosse... — Saga franziu as sobrancelhas e pensou por um momento. — Te engolir?

Eu a encarei como se não estivesse entendendo o que ela estava falando.

— Ele não está me encarando.

— Está, sim — ela disse com firmeza. — E acho que, se um olhar pudesse queimar, você estaria em chamas.

— Não seja estúpida. — Sorri e mudei de assunto.

Falamos sobre outras coisas e eu tentei focar na conversa, apesar de

sentir a esmagadora e sufocante presença dele.

Callum passou os próximos minutos a algumas mesas de distância da minha, conversando com dois caras e com uma ruiva atraente em seu colo.

Em algum momento, ele se levantou e nosso olhar se cruzou.

Ele se afastou de sua mesa.

— Preciso ir ao banheiro — eu disse à Saga.

Levantei-me e o segui.

Aquilo estava me torturando. Eu precisava saber se ele tinha algo planejado para aquela noite. Eu precisava acabar com aquilo.

Ele seguiu em direção aos fundos do bar, uma área mais reservada. Eu o encontrei casualmente encostado na parede escura e desgastada. Ele estava me esperando, eu sabia.

Sua cabeça pendia para baixo, ele parecia olhar para os próprios pés.

Parei a alguns metros de distância.

— Não é cansativo? — perguntou ele, sem levantar os olhos.

Apenas o observei.

— Não é cansativo fingir o tempo todo? — Ele finalmente levantou a cabeça.

Seus olhos encontraram os meus. Frios e enigmáticos. Dolorosamente intensos.

— Não estou fingindo — neguei rapidamente, de forma automática.

Ele sorriu.

— Não minta para mim, Arsen. Eu não caio nessa merda. Consigo ver através de toda essa fachada. Você está fingindo. Você está sempre fingindo. Deve ser exaustivo ter que fazer isso o tempo todo. No fim do dia, você ao menos sabe quem realmente é?

Suas palavras me atingiram como um soco.

*Não, não sei.*

Eu me mantive em silêncio, tinha medo de que a fraqueza em minha voz me entregasse.

Ele sorriu.

— É, foi o que pensei.

— O que você quer, Trenton? — perguntei, tentando parecer firme.

Ele descolou as costas da parede e veio em minha direção.

— Você disse para eu fazer o meu pior. Só estou fazendo o que me pediu. — Seu sorriso se alargou. — E eu mal comecei.

Engoli em seco.

Um aviso.

Ele tinha planos.

Eu queria correr, fugir para o mais longe possível dele.

Callum se aproximou mais um pouco e, antes de ir embora, colocou a boca próxima ao meu ouvido.

Como se lesse minha mente, ele disse:

— E não tente se esconder, Arsen. No fim do dia, o gato sempre encontra o rato.

# Capítulo 17

Quem brinca com fogo, se queima. E Callum Trenton era a porra de um incêndio.

— Meu Deus, eu vou cometer suicídio — murmurou Saga, sentada ao meu lado.

Uma dupla de amigas havia subido no palco e estavam cantando o que parecia ser uma música da Katy Perry. Eu mal prestava atenção nas duas, minha cabeça estava concentrada a algumas mesas de distância, em um par de olhos castanhos maléficos.

Callum não me observava, seus olhos estavam na ruiva bonita, mas eu sabia que ele estava alerta a cada movimento meu.

As suas palavras ainda ecoavam na minha cabeça.

*Você está fingindo. Você está sempre fingendo... No fim do dia, você ao menos sabe quem realmente é?*

Doía, porque ele estava certo.

Eu odiava o fato de ele conseguir me ver. Eu odiava o fato de ele ser uma das únicas pessoas que eu não conseguia enganar. Callum me via como água cristalina, e aquilo era uma tortura, porque me deixava exposta. E eu não suportava estar exposta, ainda mais para a pessoa que vivia fazendo da minha vida um inferno.

Ouvi uma pequena comoção e notei uma mulher muito bonita subindo ao palco. Era a garota ruiva de Callum. Ela pegou o microfone da mão do cara magrelo e se dirigiu ao centro com passos lentos e confiantes.

As pessoas observavam em expectativa, principalmente os homens.

Ela começou a cantar uma música que eu desconhecia, mas que notei ser um pouco pornográfica. Sua voz não era feia, mas ela não parecia estar exatamente cantando, e sim gemendo.

Tudo nela exalava sexo. Os grandes lábios carregados de *gloss* se

movimentando de forma exagerada, as mãos acariciando o microfone quase de forma sexual, e o balanço de quadril nada sutil.

— Sou só eu ou você também está com a impressão de que a qualquer momento ela vai começar a chupar aquele microfone?

Eu estava tomando um gole de cerveja quando Saga soltou aquele comentário, por pouco não cuspi o líquido na mesa.

— Não é só você — respondi, limpando um pouco de cerveja que havia escorrido pela minha boca.

Notei que os olhos da ruiva estavam fixos em Callum. Ela estava cantando para ele. E não estava tentando esconder esse fato. As pessoas ao redor os observavam, os olhos curiosos alternando entre ela e Callum.

A mensagem que ela queria passar era clara, todos naquele maldito bar entenderam.

Observei Callum sentado de maneira relaxada em sua mesa. Seus olhos estavam nela, mas seu rosto se mantinha sério, enigmático. Eu não fazia ideia do que se passava em sua cabeça.

Nem queria.

Imagens dos dois invadiram a minha mente. Callum com as mãos em seus cabelos e curvas. Ela gemendo o nome dele com sua voz sensual entre os lençóis.

Afastei as imagens da cabeça com desgosto.

Qual era o meu problema?

Eu não queria mais ficar ali, queria voltar para casa, aquela noite estava sendo uma bela de uma merda para mim.

A música terminou e eu estava prestes a me levantar, quando algo me fez parar.

O homem magro foi em direção à ruiva para pegar o microfone, quando ela disse:

— Espera.

Os olhos dela encontraram os meus.



E então eu soube.

— Eu não acabei ainda. — Ela sorriu, ainda com os olhos fixos nos meus. — Quero propor uma competição.

As pessoas assobiaram e algumas aplaudiram.

— Uma competição! — o magrelo exclamou, animado. — Com quem?

Seu sorriso se alargou e ela apontou em minha direção.

Meu corpo todo gelou. Meus membros todos estavam dormentes.

— Você. Cora Arsen, não é? — perguntou ela, o ácido escorrendo pela sua voz.

Não havia saída. Seu dedo apontava diretamente para mim. E ela havia dito meu nome em alto e bom tom.

As cabeças se viraram em minha direção. Eu conseguia sentir o sangue quente em meu rosto e a palma da minha mão começar a suar.

— Que porra está acontecendo? — Escutei Saga murmurar.

Meu rosto se virou em direção a Callum. Ele tinha os olhos fixos em mim.

Eu sabia.

Bem, eu pedi por isso. Eu disse a ele para fazer o seu pior. E agora, lá estava.

Callum sabia como aquilo me afetaria, sabia como eu odiava ser o centro das atenções. Ele me conhecia e sabia muito bem o peso que aquilo tinha para mim.

— Vamos lá, está com medo? — perguntou a ruiva, o desafio claro em sua voz.

Ela não podia ser mais patética. Era apenas um peão no jogo entre mim e Callum. Um cachorrinho obedecendo ordens. Mas, ainda assim, estava em vantagem. Ela amava atenção, não se importava nem um pouco com a exposição e não tinha seu maior inimigo a observando naquele momento.

Fiquei em silêncio por alguns segundos.

Precisei de tudo o que eu tinha para conseguir abrir a boca e, com a voz firme, dizer:

— Não estou com medo, eu só acho que você já se envergonhou o suficiente por nós duas esta noite.

Ouvi algumas risadas. O sorriso sumiu do rosto dela.

— Se você acha que pode fazer melhor, suba aqui e nos mostre.

— Eu não canto. Escolha outra pessoa para se humilhar com você. — Eu a lancei um sorriso.

Não perdi tempo para esperar uma resposta. Deixei Saga na mesa e me levantei. Fui em direção à porta com passos confiantes. Eu podia parecer indiferente, mas sentia minhas pernas fracas e meu corpo todo gelado.

Aquilo era muito para mim.

Abri a porta dos fundos do bar com força. Senti o vento frio bater em meu rosto.

Respirei fundo, finalmente sozinha.

O estacionamento estava vazio, apenas alguns carros e duas motos estacionadas no lugar. Estava escuro, um dos postes estava quebrado, apenas três luzes funcionando.

Eu só queria ir para casa, tomar um banho e começar de novo no dia seguinte.

A porta bateu atrás de mim. Ouvi seus passos.

— Vai ter volta, sabia? — eu disse, sem me dar ao trabalho de me virar.

— Mal posso esperar.

Callum seguiu em direção ao seu carro, parado a alguns metros de distância de nós. Ele cruzou os braços e apoiou o quadril no carro preto. Seus olhos encontraram os meus.

— Até que você se saiu bem. Está cada dia melhor com esse lance de fingir. Ninguém ali notou a garota medrosa que você realmente é.

Segui em sua direção. Eu queria o acertar. Queria bater nele até não

sentir mais as minhas mãos.

Parei na sua frente.

— Quantas vezes eu vou ter que dizer que sinto muito?

Seu rosto não vacilou.

— E quantas vezes eu vou ter que dizer que não dou a mínima? —  
Seus olhos eram frios como gelo.

Ele estava no controle. E sabia.

Odiei isso.

Seus olhos me observavam como se soubessem que ele já tinha vencido. Eles me encaravam como se eu nunca tivesse sido uma oponente à altura. Seus braços firmes casualmente cruzados e sua pose relaxada se deleitando com a vitória em me fazer sofrer.

Ele tinha o poder.

Eu me aproximei a passos lentos. Meus olhos em seus lábios.

Eu o tiraria do controle.

Eu o chocaria.

Eu o quebraria.

Meu coração batia de forma descontrolada. Eu não podia acreditar que realmente estava prestes a fazer aquilo.

Não ousei encarar seu olhar quando coleí meu corpo contra o dele. Eu o senti ficar tenso sob meu toque. Ele estava surpreso. Aquilo me enervou.

O silêncio era quase torturante. Eu conseguia apenas ouvir a música abafada e distante.

Fiquei alguns segundos só observando seus lábios e sentindo seu corpo sólido e longo contra o meu. Por um momento, achei que fosse desmaiar. Ou talvez chorar.

Seu cheiro era completamente inebriante.

O peito largo de Callum subia e descia com força, assim como o meu.

Então eu finalmente tomei coragem e levantei meus olhos para encarar sua íris escura.

Confusão e tensão se misturavam em seus olhos castanhos.

Engoli em seco. Aquela intensidade fez meus joelhos fraquejarem. Eu quase recuei. Mas eu não podia. Não naquele momento.

Eu estava no comando agora.

Callum não se movimentou e não falou. Ele não fez absolutamente nada.

Apenas me encarou em silêncio.

Esperando.

E então eu o beijei.

Foi suave, como se eu ainda estivesse tentando entender o que estava acontecendo, como se meu corpo ainda estivesse chocado demais com aquela decisão e completamente incerto de que aquela era uma boa ideia.

Minhas mãos foram em direção ao seu peito e meus lábios se movimentaram sobre os dele. Eram suaves e perfeitos.

Callum ainda não havia movido um músculo.

Afastei minha boca da dele. O medo da rejeição começando a se apoderar do meu corpo. O medo de encontrar repulsa em seus olhos quando eu o encarasse.

Quando afastai meu rosto do dele e encontrei seus olhos, perdi o fôlego.

Eu jamais tinha visto aquele brilho intenso e selvagem antes. Em ninguém. Nunca.

Engoli em seco. Nós nos observamos por longos segundos. Não acho que tenha sido mais do que cinco, mas pareceu uma eternidade.

E então, Callum Trenton me beijou.

Suas mãos voaram em minha direção e seus braços fortes me puxaram para mais perto. Achei que eu pudesse sufocar com a proximidade. E, o pior, eu queria. Eu queria me sufocar nele. Em seus braços.

Sua língua invadiu a minha boca e ele me devorou.

Seu toque não era gentil. Era necessitado.

Meu pesadelo, meu inferno, meu inimigo tinha os lábios nos meus e eu nunca havia me sentido tão viva antes.

Em um movimento rápido e ágil, Callum mudou nossas posições. Ele me colocou contra o carro e pressionou seu corpo contra o meu. O ar escapou dos meus pulmões e meu coração dobrou as batidas, como se fosse possível.

Suas mãos foram para o meu cabelo e ele o puxou até que minha cabeça pendesse para trás e ele tivesse acesso ao meu pescoço. Ele beijou e chupou, fazendo todo o meu corpo se contorcer contra o dele.

Em dor e excitação.

Fechei meus olhos com força.

*Eu o odeio.*

*Eu o repudio.*

*Eu o quero.*

Minhas mãos seguravam e torciam sua camisa com força.

Ele se forçou ainda mais em mim, me deixando cada vez mais presa contra o carro. Eu estava praticamente deitada sobre o capô.

Sua respiração era tão desregular e desesperada quando a minha. As batidas do meu coração haviam perdido completamente o compasso.

*Eu estou no controle.*

*Eu estou no controle.*

*Eu estou no controle.*

Nossos corpos queimavam.

E eu tinha certeza de que poderíamos começar um incêndio com o calor entre nós.

Então, seus dentes encontraram meus lábios. Ele os mordeu com força, não o suficiente para sangrar, mas o suficiente para que eu me contorcesse de dor.

Ele afastou a boca da minha e a trouxe para perto do meu ouvido.

— Não ache que pode me manipular. Eu estou um passo à frente, Arsen. Sempre. — Sua voz era rouca e calma.

Ele se distanciou de mim e de repente eu me senti vazia.

Callum entrou no carro e eu me afastei do capô.

Ele o ligou e arrancou, me deixando lá, com o coração prestes a sair pela boca e a cabeça girando.

Estávamos em uma dança pela posse do controle. Para ver quem tinha o comando daquele jogo. Quem liderava.

E, simples assim, com aquele último passo, ele tinha o controle novamente.

# Capítulo 18

Callum

## ANTES

Flynn estava piorando. E rápido. Muito rápido.

Observei seus longos cabelos castanhos. A janela da sala de aula estava aberta e um fecho de luz brilhava em seus fios. No sol, eles ganhavam uma cor mais intensa, um ruivo escuro.

Eu estava no fundo da sala, a quatro fileiras de distância.

Ela rabiscava distraidamente alguma coisa em seu caderno, e duvido que fosse relacionado à aula de química orgânica. Ela fazia isso em quase toda aula. Não parecia gostar muito de química.

Era um ano mais nova, mas tínhamos algumas aulas juntos. Inglês avançado, história geral e química orgânica.

Comecei a notar no primeiro dia de aula. Eu sempre me sentava no fundo e ela sempre se sentava na terceira fileira, na cadeira mais próxima da porta. Como se estivesse preparada para escapar a qualquer momento.

Já haviam se passado dois meses desde o começo das aulas, mas nós não tínhamos trocado uma palavra sequer durante aquele tempo. Ela não olhava para mim, como a maioria das outras garotas, nem se comportava como elas quando eu estava por perto.

Então eu apenas a observei por dois meses.

Mas, agora, eu simplesmente não conseguia fazer nada além de ter meus olhos nela. Há três noites eu havia seguido o bastardo do meu pai até a casa de sua amante. Encontrei meu pai, Cora Arsen e sua mãe brincando de casinha como uma maldita família perfeita.

Eu me perguntava como ele a tratava. Eu me perguntava se ele sabia o aniversário dela. Eu me perguntava se ele a amava como sua própria filha.

Provavelmente.

Ela não parecia ser difícil de amar. Ela era saudável, não tinha nenhuma doença que requeria tempo ou dinheiro. Ela era a filha que meu pai sempre desejara. Não deve ter sido difícil trocar um filho fodido e outro morrendo por aquela garota.

Fechei minha mão em um punho, sentindo a raiva começar a surgir, lenta e intensa.

Ela se levantou e eu notei que o sinal havia batido. Era a última aula do dia, as pessoas estavam saindo das salas e indo embora da escola.

Começou a colocar seus livros dentro da mochila. Eu odiava como ela parecia sofisticada, seus movimentos, até sua forma de andar. Ela tinha uma elegância anormal para uma garota de dezesseis anos. Tudo nela gritava superioridade.

Ela não ria das piadas idiotas que alguns alunos faziam, ela não falava alto demais, como muitas garotas faziam para chamar atenção.

Como se ela fosse boa demais para tudo e todos à sua volta.

Caminhei em sua direção. Eu estava no piloto automático. Eu precisava fazer aquilo, e sabia muito bem disso.

Parei ao lado dela e ignorei a garota loira que tagarelava alguma coisa. Parecia ser uma líder de torcida, mas eu não tinha certeza de qual delas. Eu nunca tinha, para ser sincero. Todas pareciam iguais. Loiras, altas, bronzeadas. Entediadas.

A loira se calou e as duas se viraram para mim, percebendo a minha presença.

Os olhos dela encontraram os meus. Um castanho escuro e intenso. Intimidante como o inferno. Nós nunca havíamos ficado tão perto antes.

Alguns segundos se passaram, até que eu disse de forma ríspida e clara:

— Quero falar com você.

Ela me observou em silêncio pelo que me pareceu uma eternidade. Seus olhos levemente confusos continuaram nos meus, me estudando.



Fazendo uma avaliação e tentando entender o que eu poderia querer e qual eram as minhas intenções.

Ela, enfim, assentiu, a certeza voltando para o seu rosto.

— Tudo bem. — Ela se virou para a loira, avisando: — Eu te mando mensagem mais tarde.

A garota se despediu e saiu.

Ela voltou a me encarar, esperando. Apesar de a maioria já ter saído da sala, ainda havia gente ali. E eu precisava fazer aquilo a sós.

Ela parecia desconfortável e incerta enquanto me observava, mas tentava disfarçar. Não era o tipo de pessoa que deixava transparecer o que estava realmente sentindo. Eu havia notado isso ao longo do tempo.

Mais alguns segundos se passaram, esperei que a sala estivesse completamente vazia e o corredor estivesse silencioso.

— Sua mãe está saindo com um homem chamado Phill Trenton — fui direto ao assunto.

Ela franziu as sobrancelhas, confusa, surpresa e um pouco desconfiada.

— Como você sabe disso?

— Sou filho dele.

Ela me encarou, ainda mais chocada. Eu a havia pegado de surpresa.

— Meu pai ainda é casado com a minha mãe. Phill Trenton tem uma esposa.

E então eu notei que ela não parecia surpresa com aquela última confissão.

— Você já sabia? — perguntei, surpreso.

Ela sabia que ele tinha uma esposa?

— Imaginei, mas não sabia que ele tinha um filho — declarou ela, o rosto sério.

— Ele tem dois. Meu irmão Flynn tem uma doença e está se

perguntando por que o pai não volta mais para casa — eu disse, a voz ríspida e grave.

Coloquei a mão no bolso da calça e puxei uma foto. Era uma foto antiga, de sete anos atrás. Meu pai, minha mãe, o Flynn e eu. Sorríamos para a câmera. Flynn ainda não estava terrivelmente doente, minha mãe ainda não era uma alcoólatra e eu ainda não odiava o mundo. Uma foto de quando a nossa família ainda era uma família.

Estiquei a foto em sua direção. Ela a pegou, um pouco incerta.

Fazia quase duas semanas que meu pai não voltava para casa. Ele estava muito ocupado e feliz com a sua nova família. E eu sabia que não adiantava tentar convencê-lo a voltar. Minha mãe passou anos tentando mantê-lo perto, e era claro que aquilo não estava funcionando. Eu sabia que a única chance de o termos de volta era se sua amante o deixasse. Ele voltaria para casa, mesmo se fosse apenas pelo fato de não ter outro lugar para ficar.

E para fazer aquilo, eu precisava que a mãe dela soubesse o que realmente estava acontecendo. Eu precisava que ela soubesse que nós precisávamos mais dele do que elas.

— Seja uma boa garota e dê essa foto para a sua mãe. Dê também o recado de que ele é um homem casado e pai de família. Uma família que precisa dele — pedi.

Eu achei que ela estivesse comovida enquanto analisava nossa família feliz. A família que a mãe dela estava ajudando a quebrar. Mas então ela levantou os olhos e me encarou.

— Essa é uma escolha do seu pai, não dela.

— Se ela tivesse o mínimo de consciência ou caráter, não seria a amante de um homem com uma família para cuidar — devolvi, com raiva.

Então seus belos olhos castanhos se tornaram vazios. Gelo.

Ela me encarou com o rosto inexpressivo. Impenetrável e decidido.

Com a voz baixa e sem vacilar, ela disse:

— A minha mãe e eu não temos nada a ver com a sua mãe ou o seu irmão. E não damos a mínima.

Ela largou a foto na mesa mais próxima e saiu.

***E é nessa parte da história que percebemos que, no fim das contas, talvez a nossa mocinha não seja exatamente a mocinha.***

# Capítulo 19

Eu não via Callum fazia três semanas.

Não nos esbarrávamos mais no corredor ou em nenhum outro lugar ao redor do campus.

Seus olhos, sua expressão e sua voz assombravam a maior parte dos meus pensamentos. Ele retomando o controle e me deixando completamente perdida.

O fato de eu ter gostado tornava tudo pior. Eu queria tomar o controle e deixá-lo vulnerável. O jogo acabou virando e agora era eu quem estava maldosamente confusa.

Mas Callum havia vacilado. Eu sabia. Ele tinha que ter sentido, pelo menos um pouco. A fome do seu olhar, o desespero no seu toque, a sua respiração ofegante. Aquilo não podia ser apenas fingimento, certo?

— Por que você não pode ter um gato ou, sei lá, um hamster? — Jack reclamou enquanto observava a grande e majestosa cobra dando o bote no pobre rato.

Estávamos no apartamento de Saga, que era praticamente um zoológico de répteis e aracnídeos. Ela tinha algumas cobras, duas aranhas, um camaleão, dois escorpiões e um lance verde cheio escamas que eu ainda não tinha certeza o que era.

Agora eu tinha entendido por que ela havia me perguntando se eu tinha medo de animais antes de me chamar para ir à casa dela naquela tarde.

Saga sorriu para Jack da cozinha.

— E então, que graça teria?

Ele apenas estremeceu enquanto observava o pequeno rabo branco do rato balançar na boca da cobra.

Eu sorri.

Realmente, ver Jack xingando e praticamente se contorcendo no sofá era engraçado demais.

Saga voltou para sala trazendo alguns saquinhos.

— Hora do almoço, galera — ela anunciou e abriu a tampa que continha a tarântula.

Ela a pegou na mão e se virou.

— Essa é a Ruth. — Saga se aproximou de mim e a estendeu em minha direção. — Quer segurar?

Franzi o cenho enquanto observava Ruth.

Grande, negra e peluda.

— Não, acho que passo — murmurei.

Saga então foi em direção a Jack.

— Acho que o titio Jack quer te dar um beijinho — disse ela, sorrindo.

Terror cresceu nos olhos dele.

— Eu juro por Deus, Saga, se você encostar isso em mim, eu coloco fogo na sua família.

O sorriso de Saga cresceu.

— Vamos lá, só um beijinho — disse ela, colocando Ruth ainda mais perto de seu rosto.

— Tira. Isso. Daqui — Jack disse com a voz tensa, ele mal respirava.

Saga finalmente se afastou, rindo.

— Porra, eu odeio quando você faz essa merda — disse ele, finalmente respirando.

Saga começou a abrir as tampas e a alimentar os animais.

— Como está a procura de colegas de quarto? — perguntei, enquanto ela colocava um rato morto para outra cobra.

Jack havia se mudado da casa de Saga fazia alguns dias, e desde então ela

estava procurando outra pessoa para poder dividir o aluguel.

— Péssima, absolutamente ninguém quer morar aqui.

Olhei para o pote à minha direita, que continha um escorpião.

— Eu me pergunto o porquê — murmurei.

Passamos a tarde e a noite conversando e bebendo algumas cervejas. Jack nos contou de sua última conquista e não nos poupou dos detalhes, infelizmente. Eu realmente gostava de passar um tempo com eles, o que era um pouco incomum para mim. Eu amava a forma como era confortável. Eu amava a forma como era sincero e seguro. Saga e Jack não faziam muitas perguntas e não pressionavam.

Contudo, eu estava tentando me proteger. O afeto estava crescendo mais rápido do que eu gostaria, e eu sabia que precisava ir mais devagar e preservar meus sentimentos. Eu não queria errar de novo, como fiz com Sara.

Em algum ponto, Saga se virou para mim e perguntou:

— O que rolou entre você e aquele cara, o Trenton?

Pega de surpresa, eu a encarei.

— Como assim?

— A forma como ele estava te encarando... A forma como você o estava encarando... E o fato de ele ter te seguido para fora do bar naquela noite.

— Você pegou o Trenton? — indagou Jack, e então sorriu maliciosamente. — Legal.

— Não é assim... — murmurei, olhando para as minhas próprias mãos.

Eu não queria mentir para eles, mas também não queria falar sobre aquilo. Minha história com Callum sempre foi o nosso segredo sujo. Eu não contava para ninguém, e sabia que ele fazia o mesmo.

— Nós nos conhecemos há alguns anos. E não nos damos muito bem.

— Ele é um babaca? Eu sempre o achei meio, sei lá... Irritado, sabe? Mas nunca cheguei a conversar com o cara.

Eu dei de ombros, tentando parecer indiferente.

— Ele é um completo babaca — eu disse, sem hesitação.

Porque ele realmente era.

Só que eu era pior.

— Por que vocês não se dão bem? — Jack perguntou.

— Coisas do passado. Estudamos juntos, éramos crianças... — As memórias passaram pela minha mente como flashes e eu tive que me esforçar para manter a voz firme.

— Sinto muito se ele foi um escroto — Saga me consolou.

— Não sinta — eu disse, encerrando o assunto, minha voz era séria e cortante.

Eu não queria, nem merecia, a pena.

Callum havia sido cruel comigo, isso ninguém nunca poderia negar.

Mas eu havia o quebrado.

## Capítulo 20

— Você vai querer sorvete, pequena?

Rolei os olhos ao ouvir o apelido. Eu já tinha onze anos, não era mais tão pequena assim, mas meu pai insistia em me chamar daquela forma. Eu já havia pedido para ele parar, mas sabia que, para o meu pai, eu sempre seria sua pequena garotinha. Era inevitável.

— Claro — eu disse, apesar de não precisar realmente respondê-lo. Meu pai me conhecia melhor do que ninguém, sabia muito bem que eu nunca recusaria um sorvete.

Ele sorriu para mim pelo retrovisor, os olhos escuros me encarando de forma doce e paternal.

— Sabe, você vai poder ter três bolas hoje.

Eu estava tendo um dia difícil e ele sabia disso, ele sempre sabia. E quando eu tinha dias como aquele, era isso o que ele fazia. Ele me levava para tomar sorvete escondido da minha mãe e me deixava escolher três sabores diferentes.

Minha mãe teria um ataque cardíaco se soubesse dessas nossas passadas na sorveteria. Ela era nutricionista e eu vivia sob uma dieta um tanto restrita. Eu não gostava nem um pouco, mas sabia que ela fazia por preocupação com a minha saúde. De qualquer forma, sempre que eu saía sozinha com o meu pai, eu matava todas as minhas vontades em relação a doces. Era o nosso segredo desde que eu tinha três anos.

— Pequena?

Ergui os olhos para encontrar os dele no retrovisor.

— O quê?

— Amanhã é um novo dia. E...

— Qualquer coisa que esteja te afligindo hoje, provavelmente estará menor amanhã — eu completei.



Meu pai usava isso como um mantra.

*“Viva um dia de cada vez, filha”*, ele costumava me dizer.

Ele sorriu.

— Exatamente.

Sorri de volta.

Meu pai fez a curva. E, de repente, um clarão surgiu.

O caminhão nos acertou com tudo.



## **Cora**

### **ANTES**

Eu me odiava. Eu me odiava quase tanto quanto ele me odiava.

Callum Trenton ignorava a minha presença por completo. No corredor, na sala, no refeitório. Ele mal olhava para mim. Mas eu conseguia sentir. Eu conseguia sentir o ódio. A repulsa. A dor.

As minhas palavras o feriram.

Eu sabia que isso aconteceria. No segundo em que elas deixaram a minha boca, eu já sabia. Mas eu havia tomado a minha decisão. E não voltaria atrás. Ele precisava pensar que eu não dava a mínima. Ele precisava pensar que era inútil tentar nos convencer. Callum Trenton precisava nos deixar em paz, nós três.

Ouvi-lo falando da minha mãe daquela forma despertou um outro lado meu. Mesmo que eu soubesse a verdade, doía ouvir daquela forma. Eu a amava e precisava protegê-la.

Callum Trenton achava que eu era uma cadela sem coração.

E talvez eu fosse mesmo.

Mas já não importava, de qualquer forma.

Cheguei em casa depois de mais um dia sufocante na escola. Larguei a minha mochila na sala e fui até a cozinha. Praticamente a casa toda cheirava a comida e eu conseguia ouvir as panelas batendo.

Encontrei minha mãe ao lado do fogão. Ela usava um vestido verde-claro e cantarolava uma música qualquer. Já fazia anos desde a última vez que ela cantarolou daquela forma. Ela costumava fazer isso o tempo todo quando o meu pai era vivo, mas, depois, ela simplesmente parou.

Eu sabia exatamente o motivo para ela estar assim.

— O Phill vem jantar? — perguntei, observando-a da porta.

Ela se virou, surpresa. Quando me viu, um grande sorriso surgiu em seu rosto bonito. Ela estava sorrindo muito ultimamente.

— Sim, querida. Estou fazendo frango com molho de tomate. É o prato preferido dele. E você também gosta, não é? — perguntou ela, voltando-se para a panela.

— Claro. — Dei de ombros, sem muita empolgação.

Depois da morte do meu pai, tudo mudou. Eu era muito apegada a ele, éramos como unha e carne. Meu pai era a única pessoa na Terra que me entendia. Ele era o único que deixava as coisas melhores quando eu me sentia sufocada demais com todos os problemas de uma pré-adolescente. Meu pai era bom com as pessoas, era gentil, engraçado, cativante. Todos o amavam. E quando ele morreu, eu perdi a melhor parte de mim.

Mas eu continuei. Apesar da dor, eu continuei.

Minha mãe, não.

Ela simplesmente parou. Parou de sorrir, cantarolar, cozinhar, trabalhar...

Ela me amava, eu não tinha dúvidas disso. Só que eu simplesmente não era o suficiente.

Então ela ficou doente. Muito doente. Ela entrou em uma grave depressão e ficou viciada em remédios. Passou praticamente todos os últimos anos dopada.

Foi difícil perder dois pais de uma vez só. Eu não tinha irmãos, e meu único tio morava a horas de distância.

Eu estava sozinha.

Mas, agora, cinco anos depois, eu a tinha de volta.

E eu era egoísta demais para abrir mão disso.

Phill foi o primeiro homem por quem ela se interessou desde a morte do meu pai. Foi o homem que a trouxe de volta. Eu tentei por cinco anos e não consegui. E ele fez isso em poucos dias, com alguns sorrisos e palavras bonitas.

Eu o odiava um pouco por isso. E porque eu sempre suspeitei que ele tivesse outra mulher.

Ele ainda tinha a marca da aliança no dedo, e no começo do namoro ele aparecia nas horas mais estranhas. Geralmente bem tarde da noite. E nunca convidou minha mãe ou a mim para ir à sua casa.

Quando eu trouxe o assunto para a minha mãe, ela apenas fugiu das minhas perguntas, parecendo desconfortável. E foi então que eu entendi, ela sabia.

A minha mãe sabia, ainda assim estava com ele.

Ela era a outra. Ela era a amante e estava feliz com isso. Aquilo me deixava doente só de pensar.

Mas ela havia feito a escolha dela. E apesar de eu tê-la odiado um pouco por isso, não toquei mais no assunto. Porque, apesar de tudo, aqueles últimos meses foram os melhores da minha vida.

Ela estava finalmente de volta. O belo sorriso, o brilho no olhar.

Minha mãe estava viva.

Mas eu duvidava que ela soubesse sobre os filhos. Eu sabia que Phill não contaria aquela parte da história. Só um monstro fazia aquilo com o próprio filho, e eu duvidava muito que ele saísse por aí contando para as pessoas.

Então eu não disse nada para a minha mãe sobre os filhos dele, principalmente sobre o filho doente. Também não pedi para que ela o

deixasse.

Ela era tudo o que eu tinha.

Absolutamente tudo o que eu amava e que havia sobrado no mundo.

E se para salvá-la eu precisava destruir uma família, esse era um preço que eu estava disposta a pagar.

# Capítulo 21

Meu celular vibrou em cima do criado-mudo.

**Saga:** *Estamos no bar, você vem?*

**Eu:** *Não sei, amanhã acordo cedo.*

**Saga:** *O Jack está enchendo o saco para você vir. Se mudar de ideia, me avisa.*

**Eu:** *Ok.*

Travei meu celular e voltei a ler meu livro. Menos de trinta segundos depois, ele voltou a vibrar.

**Jack:** *É noite do karaokê. VOCÊ PERDEU A CABEÇA? Aquela loira baixinha está aqui, se dermos sorte, ela vai cantar Lady Gaga de novo.*

**Eu:** *Acho que vou ficar em casa.*

**Jack:** *Tem certeza? Seu namorado irritado está aqui.*

**Eu:** *Namorado? Até onde sei, estou solteira.*

**Jack:** *Callum Trenton está aqui, e quente como o inferno.*

Encarei a tela do celular por vários segundos.

**Jack:** *É uma verdadeira pena que ele seja hétero.*

**Jack:** *As coisas que eu poderia mostrar a ele...*

**Eu:** *Para.*

**Eu:** *Pelo amor de Deus.*

**Jack:** *Tudo bem, mas traz essa bunda para cá.*



Entrei no bar sabendo que aquela era uma péssima ideia.

Mas eu não conseguia evitar.

Eu precisava vê-lo.

Eu precisava estudá-lo.

Eu precisava saber o que estava acontecendo.

Estávamos naquele jogo há muito tempo.

E era simples.

Nós nos odiávamos.

Eu o feria.

Ele me torturava.

Agora era como se tudo tivesse ficado confuso. O tabuleiro havia sido jogado para o ar e todas as peças estavam espalhadas no chão.

Demorei alguns segundos para encontrar Saga e Jack, o bar estava bem cheio. Segui em direção à mesa deles quando finalmente os achei.

— Parece que alguém aqui resolveu vir, me pergunto o porquê. — Jack sorriu maliciosamente quando eu me sentei.

— Cala a boca — murmurei.

— Que bom que veio, a Lady Gaga vai começar — Saga comentou apontando para o palco.

A garota baixinha havia subido no palco a tropeços e cambaleou até o centro com o microfone na mão. Ela estava terrivelmente bêbada.

Ouvimos várias músicas, julgamos os cantores e bebemos um pouco.

Não vi sinal nenhum de Callum. Talvez ele já tivesse ido embora. Tentei não pensar muito sobre isso e aproveitar o momento.

Depois de mais ou menos uma hora, eu me levantei e me despedi dos dois. Eu queria ir para casa, pois tinha que acordar cedo no dia seguinte e já estava começando a ficar com sono.

Eu estava quase alcançando a porta quando algo me fez parar. O líquido bateu contra o meu corpo com força. Levei um susto e praticamente pulei para trás. Eu havia trombado com um cara e toda a sua bebida estava

agora em minha roupa, escorrendo pelas minhas pernas.

Eu usava um vestido verde-escuro de alcinha com uma jaqueta jeans por cima, porque estava um pouco frio. E, agora, eles estavam completamente ensopados.

Pelo cheiro, parecia cerveja. E, infelizmente, havia sido um copo bem cheio.

— Mas que porra — xinguei, olhando para as minhas roupas.

— Parece que eu te deixei molhada, gracinha.

Levantei meus olhos e encarei o cara moreno e grande. Ele me observava com um sorriso estranho.

— Não me chame de gracinha, imbecil — eu disse e me virei para ir embora, sem esperar um “*sinto muito*” da parte dele. Claramente ele era um idiota, então não perdi meu tempo.

Antes que eu pudesse dar um passo, senti meu punho ser pego com força. Parei onde estava, sem conseguir continuar. Virei-me de forma brusca e o encarei. Seus olhos estavam fixados nos meus de forma assustadora.

— Ei, me solta — eu disse em tom baixo, porém claro.

— Do que você me chamou, cadela? — perguntou ele, a voz ameaçadora.

Ele não me soltou, seu aperto ficou ainda mais forte.

— Eu já falei para me soltar.

Minha mão estava doendo e meu coração batia acelerado. Eu não tinha chance alguma contra aquele cara grande.

Algumas pessoas passaram por nós, mas a maioria apenas nos observava, provavelmente achando que éramos um casal discutindo ou algo do tipo. O resto estava muito ocupado observando as atrações no palco.

— Quem você pensa que é, piranha?

Em um movimento brusco, ele soltou meu punho e se aproximou. Uma de suas mãos foi para o meu pescoço e ele colocou um pouco de pressão ali. Não o suficiente para eu perder o fôlego, mas o suficiente para me

machucar.

Eu estava prestes a dar uma joelhada nele quando um punho surgiu e o nocauteou, o cara simplesmente caiu na minha frente.

Callum se posicionou entre nós dois enquanto o homem rapidamente se recuperava.

O moreno parecia estar confuso ao se levantar.

— Que porra? O que você acha que está fazendo, caralho? — ele perguntou, encarando Callum.

O punho de Trenton estava fechado e seu corpo todo estava tenso. Sua respiração era profunda e seu maxilar estava travado.

Seu olhar era vidrado. A única coisa que ele conseguia ver era aquele homem.

Eu conhecia aquele olhar. Eu conhecia aquela raiva.

E eu sabia do que Callum era capaz.

Dei um passo para trás.

Então Callum avançou. O homem não teve tempo de reagir. Callum pegou o colarinho dele e o arrastou até a parede, empurrando-o contra ela. O homem bateu as costas com força.

O homem moreno era forte, mas era mais gordo do que musculoso. Já Callum tinha o corpo longo e os ombros largos esculpidos com músculos.

As pessoas ao redor pararam o que estavam fazendo para observar.

Então os socos começaram. Um atrás do outro. Depois do quinto, eu perdi a conta.

A música de repente parou, quem quer que estivesse no palco cantando, havia se calado.

O punho de Callum parecia ter vida própria.

O rosto do homem sangrava em todos os lugares e ele já não reagia. Eu estava começando a achar que Callum ia matá-lo, até que ele finalmente parou.



Prensou ainda mais o corpo do homem contra a parede e aproximou a boca de seu rosto ensanguentado. Pronunciando cada palavra bem devagar e com a voz grave e assustadora, ele disse:

— Você não toca nela. Você não olha para ela. Você não respira o mesmo ar que ela.

Então ele o soltou e o corpo do homem caiu no chão, praticamente inconsciente.

Callum se virou e veio na minha direção com passos largos e decididos. Por um segundo, eu achei que pudesse estar em perigo também. Dei um passo para trás instintivamente.

Ele agarrou meu braço e eu senti como se tivesse levado um choque. Ele seguiu em direção aos fundos do bar, me levando consigo. Empurrou a porta do banheiro com força, abrindo-a com violência. Callum me soltou e eu fiquei parada, observando-o pegar alguns papéis ao lado da pia.

Um cara ruivo e magro saiu de uma das cabines e nos olhou.

— Cara, o que ela está fazendo aqui? É o banheiro masculino — comentou ele, incomodado.

— Cai fora — murmurou Callum, sem se dar o trabalho de olhar para o ruivo enquanto terminava de pegar os papéis.

— Ela é quem deveria sair, porque aqui...

Callum se virou em um movimento rápido e brusco. Seu braço foi em direção ao pescoço do homem e em menos de um segundo ele tinha o ruivo preso contra a parede.

Um *déjà vu* passou pela minha mente e eu achei que ele socaria aquele homem como havia feito com o moreno.

Choque e medo preenchiam o olhar do ruivo.

Callum estava fervendo. Ele queria brigar. Ele queria apenas um motivo para fazer com o rosto daquele ruivo o que tinha feito com o outro homem há alguns minutos.

— Trenton — chamei.

Mas ele ignorou, sua mão continuou presa contra a garganta do ruivo.

— Cai fora — ele repetiu. Mas agora a sua voz era mais grave e bem mais assustadora.

Era um aviso.

Uma ameaça.

Ele não estava mais pedindo.

Então soltou o ruivo, liberando-o de seu aperto.

O cara praticamente saiu correndo do banheiro.

Eu estava tentando entender o que diabos estava acontecendo, quando Callum, de repente, se agachou e, com os papéis, começou a limpar as minhas pernas encharcadas.

Sem dizer uma palavra, ele tirou o líquido melado da minha pele e então jogou os papéis sujos fora.

Ele estava irritado. Muito irritado. Seu maxilar continuava tenso e seus movimentos eram rudes, como se estivesse tentando conter a raiva dentro dele.

Já eu estava chocada demais para fazer qualquer coisa que fosse.

Quando terminou, Callum pegou meu braço novamente e me arrastou para fora do banheiro.

Tirei meu braço de seu aperto.

— Não precisa me arrastar, eu sou capaz de te acompanhar — murmurei, séria.

Seus olhos castanhos furiosos encontraram os meus por um segundo. Apenas por um segundo. Então ele os desviou novamente e voltou a andar. Eu o segui e saímos do bar, em direção ao estacionamento.

As pessoas nos seguiram com o olhar, notei que algumas davam assistência ao homem que ainda sangrava no chão do outro lado do bar.

Callum empurrou a porta e o vento frio nos encontrou. Eu me agarrei contra a minha jaqueta jeans e seguimos em direção ao seu carro. Era um Jeep Wrangler preto de modelo mais antigo, o mesmo que ele tinha na época da escola.

Callum destravou o carro e entrou. Eu parei ao lado do automóvel por alguns segundos. Ele abriu a porta do passageiro sem se preocupar em me dizer para entrar. Callum tinha muita certeza de que eu entraria naquele carro.

E ele estava certo.

Porque era assim que a gente funcionava.

Ele sabia.

Ele simplesmente sabia.

Callum previa cada passo meu com maestria, como se eu fosse uma música que ele tivesse ouvido centenas de vezes e decorado cada maldita palavra.

Terminei de abrir a porta do passageiro e entrei no carro.

Ele girou a chave e passou a marcha. Arrancou e o carro saiu em alta velocidade do estacionamento.

Um silêncio doloroso se estabeleceu ali dentro. A sua presença era sufocante e intensa. Estar tão perto dele era pesado demais.

Arrisquei uma breve olhada em sua direção e virei minha cabeça para a esquerda.

Callum tinha os olhos fixados na estrada, a expressão do rosto fechada e séria. Os braços perfeitamente delineados em músculos seguravam o volante de forma tensa. Os nós de seus dedos estavam vermelhos, devido aos socos que ele tinha desferido no rosto do homem. Observei como seu peito subia e descia lentamente em sua camisa cinza conforme ele respirava. Ele não virou seu rosto para me encarar, apesar de saber que eu o observava. Ele sempre sentia. Callum sempre conseguia sentir meu olhar, exatamente como eu sempre conseguia sentir o dele.

Virei meu rosto e encarei a janela. Depois de mais ou menos vinte minutos, paramos em frente ao meu prédio.

Callum girou a chave e desligou o carro. Ele não falou nada ou ao menos se virou para me encarar.

O silêncio era insuportável e a minha cabeça era uma bagunça.

Encarei minhas mãos, que estavam apoiadas em meu colo.

Eu queria dizer tudo e nada ao mesmo tempo. Eu queria bater nele, beijá-lo e talvez chorar. Mas então decidi fazer uma coisa que eu não fazia há muito tempo. Abrir meu coração.

— Eu sinto tanto. *Tanto*.

E eu já havia dito aquilo no passado, mas daquela vez havia sido da forma mais crua, verdadeira e dolorosa possível.

Naquele momento, eu estava me tornando vulnerável para Callum, e ele sabia.

Eu estava sentindo muito pela decisão que eu havia tomado naquela noite, estava sentindo muito pela família dele, e estava sentindo muito pelo fato de que a vida havia feito aquilo com ele.

Eu estava sentindo muito por tudo.

— Arsen — ele chamou, a sua voz era calma e baixa.

Tirei os olhos das minhas mãos e levantei meu rosto.

Ele me encarava fixamente. Sua expressão não era mais irritada e seu maxilar já não estava tenso. Seus olhos castanhos eram quase doces.

— Toda vez que eu olho para você, eu me lembro. Você me dá nojo.

O golpe veio duro e forte. Tão forte que eu achei que fosse quebrar bem ali.

Callum sustentou o meu olhar por mais alguns segundos, enquanto eu digeriria suas palavras e lutava para não chorar.

A sua expressão era neutra, como se não houvesse um pinga de humanidade dentro de si. Ele desviou o olhar e encarou a rua à frente.

E doeu.

Doeu como nunca havia doído.

E então eu entendi.

Havia machucado daquela forma porque meu coração já não me pertencia.

Eu havia me apaixonado pelo homem que abominava a minha

existência.

Talvez eu tivesse me apaixonado no minuto em que coloquei os olhos nele naquele refeitório, na época da escola. Talvez eu estivesse sempre apaixonada, mas nossas famílias e nossas vidas miseráveis tinham nos transformado em inimigos. Talvez eu sempre o tivesse amado, mas, naquele momento, eu tinha certeza.

E por isso doeu tanto.

Abri a porta e saí do carro, deixando meu coração quebrado no banco do passageiro.

## Capítulo 22

A vida havia sido ruim comigo, mas, com Callum, havia sido cruel.

Conhecíamos a dor. Nós a compartilhávamos. E talvez por isso eu sempre me senti tão conectada a ele.

Odiávamos nosso passado quase tanto quanto nos odiávamos.

Odiávamos as lembranças.

Eu queria colocar para trás, esquecer e seguir em frente. Callum não conseguia. Ele nunca me perdoaria pelo que eu havia feito naquela noite. E eu sabia disso.

A decisão que eu havia tomado selou nosso destino. Ele me odiaria para sempre, e eu soube no segundo em que fiz aquela escolha há dois anos.

E, agora, eu estava sentindo como jamais senti as consequências daquilo.

De ser odiada por Callum.

Odiada não, desprezada.

Por um bom tempo, eu me senti culpada, mas então ele começou a tornar a minha vida um inferno. Ele começou a se vingar e eu comecei a odiá-lo de volta. Mas dentro, bem lá no fundo, a minha culpa sempre permaneceu, por isso que, apesar de tudo o que ele fez comigo, eu meio que entendia. Eu odiava e sabia que não era certo, mas uma parte minha compreendia. Ele não fazia pelo simples fato de fazer. Ele tinha motivo. No lugar dele, talvez eu fizesse a mesma coisa.

Depois da minha última aula, peguei a chave do carro e saí da cidade. Voltei para o lugar que eu costumava chamar de casa quando meu pai ainda era vivo.

Dirigi por mais ou menos três horas e cheguei à casa branca que um dia teve um belo jardim.

Agora, tudo estava morto; as flores, a casa e a mulher dentro dela.

Estacionei o carro na garagem e inspirei fundo por um longo momento antes de sair. Destranquei a porta da casa e entrei. Não se ouvia um mínimo ruído. Tudo era muito silencioso, como de costume.

Subi as escadarias e abri a porta do quarto. Minha mãe estava deitada em sua cama. O quarto estava bem escuro, mas não completamente. Ela não estava dormindo, seus olhos estavam abertos, mas ela não me encarou quando entrei e fechei a porta.

— Mãe, vou abrir as cortinas — avisei e me dirigi até as janelas.

Estava claro do lado de fora, era fim de tarde. Deixei que a luz entrasse e observei o quarto. Estava bem organizado e limpo.

— A Ana veio ontem? — perguntei.

Ana era a empregada encarregada de cuidar da casa e da minha mãe.

Ela assentiu de leve, seus olhos ainda não tinham encontrado os meus.

— Você tomou seus remédios hoje? — perguntei.

Minha mãe assentiu de novo.

— Quando foi a última vez que você comeu?

Ela não respondeu.

Suspirei.

— Ana deixou alguma coisa pronta?

Ela balançou a cabeça para os lados.

Desci as escadarias e fui para a cozinha. Peguei carne e massa no freezer. Preparei uma boa quantidade de comida. Daria pelo menos para três refeições. Guardei os potes de comida na geladeira e subi de novo.

— Deixei comida pronta na geladeira — eu disse, parando ao lado dela, para que seus olhos encontrassem os meus.

Ela simplesmente girou e mudou de posição, me dando as costas.

Suspirei, frustrada e magoada. Como eu sempre ficava toda vez que estava com ela.

Virei-me e andei até a porta. Parei por um momento.

— Eu te amo, mãe.

Então eu saí. E, como de costume, ela não respondeu.

Mas eu sempre repetia isso quando ia embora.

Porque, no fundo, eu ainda tinha esperanças de que um dia ela me responderia.



Encarei o ponto lascado da prateleira branca do consultório da Dra. Quantin por um longo momento.

— Você pretende contar para ele? — ela perguntou.

O consultório de Alana Quantin ficava a apenas alguns minutos da minha antiga casa, então aproveitei para conversar pessoalmente com ela. Estava tudo uma maldita bagunça, e ela era a única pessoa com quem eu conseguia realmente conversar.

Desviei meu olhar da prateleira e encarei seus perspicazes olhos escuros por trás dos óculos vinho. Seu cabelo negro e grosso estava preso em um rabo de cavalo muito bem feito, como sempre.

— É claro que não — respondi como se ela tivesse perdido a cabeça.  
— É estranho admitir isso até para você.

— Do que tem medo?

— Tudo — respondi sinceramente.

— Como... — ela incentivou.

— Perder o controle. Se eu admitir meus sentimentos, estarei vulnerável. E seria demais para mim. Mas acima de tudo, eu tenho medo da sua reação. Eu não faço ideia de qual seria, mas, com certeza, nada boa. Além do mais, eu não sei exatamente o que fazer com isso. Eu quero que vá embora. Eu só quero parar de sentir.

Ela assentiu, muito profissional, então disse:



— Não sei se concordo sobre a reação dele quanto a isso. Talvez você possa se surpreender.

— Não. Ele me despreza, você sabe disso.

— Então por que ele continua te defendendo? Essa foi a segunda vez, pelo que você me contou.

Eu a encarei em silêncio por um longo momento. Aquela era uma pergunta que eu já havia me feito várias vezes nas últimas horas.

— Não sei. Mas deve fazer parte desse jogo doentio que estamos jogando. Ou, talvez, ele tenha lapsos de bondade e depois se arrepende. Eu realmente não sei. Talvez esse seja todo o propósito, me confundir e me deixar assim.

Dra. Quantin não disse nada, apenas me observou e então assentiu.

— Você está surpresa? — perguntei de repente.

— Em relação aos seus sentimentos quanto a ele? — ela devolveu a pergunta.

Assenti.

Ela sorriu. Não um sorriso gigantesco, mostrando os dentes e covinhas. Alana Quantin não sorria assim. Mas um pequeno levantar dos cantos da boca. O que era muito para ela. Vi Alana sorrir poucas vezes ao longo dos anos.

— Preciso admitir que nem tanto.

Franzi as sobrancelhas.

— Como assim? Se eu sempre o odiei, se só o que fizemos ao longo do tempo foi ferir, como pode não estar terrivelmente surpresa?

— Não estou dizendo que eu previa isso, mas não é tão chocante assim. Querendo ou não, vocês têm uma história. Vocês têm um passado que compartilham. Nos últimos anos, você acordou e dormiu com Callum na cabeça. Com ele assombrando seus pensamentos; mesmo de maneira negativa, ele sempre esteve lá. Ele impacta a sua vida de forma intensa. Depois do beijo, acho que você notou que talvez ele impacte dessa forma não só por tudo o que aconteceu de ruim com vocês, mas porque, no fundo, tinha

algo mais aí. — Ela fez uma pausa. Seus olhos sempre me observando com muita atenção. Sérios e profissionais, porém doces. — Além do mais, você se lembra do seu primeiro dia na escola nova? Você se lembra de ter chegado aqui no dia seguinte e me contado como foi? Você lembra sobre o que você falou, Cora?

Eu a encarei fixamente. Minha mente voltou dois anos.

— Eu falei sobre ele.

Ela assentiu, satisfação preenchendo seus olhos.

Continuei:

— Eu falei sobre várias coisas, sobre a minha mãe não ter ido me buscar no primeiro dia de aula como ela havia dito que faria. Sobre conhecer Olivia na aula de educação física. Sobre a comida terrível da cafeteria. E sobre o garoto moreno no refeitório. Eu falei sobre ele — repeti, afirmando mais para mim mesma do que para Alana.

— Exatamente. E você lembra o que você disse?

Assenti.

— Lembro-me de comentar como ele era bonito. E como seus olhos eram intensos quando ele olhou para mim. Lembro-me também de ter dito que gostei. Gostei de observá-lo e gostei da forma como ele me observou.

Vários segundos se passaram enquanto eu digeriria a lembrança e minhas palavras.

— Acho que, se não fosse por tudo o que aconteceu de ruim com vocês dois, esse sentimento só cresceria. Mas, ao invés disso, o que poderia ter acontecido foi ofuscado pelas mágoas que os dois causaram.

Engoli em seco e desviei o olhar. Encarei a janela, observando o tempo cinza lá fora.

— Ele nunca vai me perdoar — murmurei baixinho.

Poderia ter sido uma maldita história de amor, se não fosse a vida para incendiar as páginas.

## Capítulo 23

Eram duas da manhã e eu ainda não tinha conseguido dormir. Fechei meu livro, determinada a pegar no sono, já que eu tinha aula na manhã seguinte bem cedo.

Momentos depois, fui acordada por batidas persistentes na minha porta. Olhei para o relógio e vi que eram duas e meia da manhã.

Confusa e sonolenta, eu me dirigi até a porta e espiei pelo olho mágico. Não havia ninguém. Estranhei. Será que era alguma piada de mau gosto? Bater na porta dos estudantes às duas da manhã e dar o fora?

Abri a porta com violência, pronta para mandar para o inferno o imbecil que tinha feito aquilo.

Meu corpo congelou quando virei o rosto e dei de cara com Callum Trenton.

Ele tinha os olhos fechados e estava com o corpo longo apoiado na parede ao lado da porta. Seu rosto parecia conturbado, como se estivesse com dor.

Minha mão foi automaticamente para a maçaneta e, por um segundo, pensei em fechar a porta. Mas não o fiz. Eu estava intrigada demais para isso. E por mais que eu odiasse admitir, os últimos dias sem ele haviam me torturado mais do que os momentos em que ele estava presente e estávamos brigando.

— O que você está fazendo aqui?

Seus longos e escuros cílios se moveram, ele abriu os olhos e me encontrou. Seus olhos desceram pelo meu corpo por um longo momento até voltarem para o meu rosto. E, de repente, eu me senti muito exposta em minha regata branca e minha calça de moletom cinza.

— Não vai me convidar para entrar? — perguntou ele, um sorriso cínico e sarcástico brincando em seus lábios atraentes.

— Não. Na verdade, eu deveria chamar a polícia, antes que você invada.

— É, deveria, mas não vai — ele retrucou, ainda com os ombros e a parte lateral do corpo apoiados na parede.

E ele estava certo.

Eu não ia.

— Como você pode ter tanta certeza?

Ele sorriu de forma cínica de novo e não respondeu a minha pergunta.

— Você está bêbado? — perguntei ao notar o cheiro de bebida.

Ele ignorou novamente.

— Deixe-me entrar, antes que eu seja obrigado a invadir, Arsen.

— Que cavalheiro da sua parte — eu disse em tom irônico.

— Acho que depois de todo esse tempo, sabe muito bem que eu não sou nenhum cavalheiro.

Movi meu corpo para o lado, abrindo passagem. Ele se desencostou da parede e se aproximou. Passou por mim e entrou. Fechei a porta atrás de mim e o encarei.

Ele se movia com confiança, como se fosse dono do lugar, o que me irritou profundamente. Parou depois de alguns passos e observou meu apartamento. Sua alta e sólida figura ponderou no meio da minha sala. Ele usava uma camisa de manga comprida azul-escura, quase preta, e jeans. Os cabelos castanhos, um pouco mais curtos em comparação à época da escola, estavam uma bagunça.

Lindo. Rudemente, astuciosamente, e inegavelmente bonito. Como um anjo. Um anjo caído. Porque Callum Trenton definitivamente não pertencia ao céu.

— Vai me dizer o que quer? — Cruzei os braços.

Ele se virou lentamente para mim. Seu sorriso apareceu novamente quando me encarou.

— Eu mal posso começar a te dizer o que quero e o quanto quero.

Sentindo seu intenso olhar e ficando desconfortável, resolvi passar por ele e ir para a cozinha. Peguei uma chaleira e a enchi de água, com a intenção de fazer chá. Eu precisava de algo para fazer com as minhas mãos e para me acalmar de sua presença esmagadora.

O apartamento estava um pouco escuro, já que eu costumava apagar quase tudo antes de dormir. Apenas a luz da entrada estava acesa, mas como o apartamento era bem aberto, com exceção do quarto e do banheiro, ela refletia um pouco na cozinha e na sala.

— Você faz ideia de quantas noites eu passei querendo fazê-la sofrer? Querendo quebrá-la? — Sua voz era calma, quase suave.

Soltei a chaleira e me virei.

Callum andava pela minha sala, e no momento ele observava as fotografias que eu tinha sobre a mesa de madeira.

Ele passou o dedo indicador em uma delas e, sem me encarar, continuou:

— Acho que você não consegue entender a forma como eu sinto prazer em te machucar.

Aquela doeu como um soco, e eu demorei alguns segundos para conseguir responder.

— Não, eu sei. É o mesmo prazer que eu sinto em machucar você — rebati, a voz neutra.

Ele tirou os olhos da fotografia e me encarou.

— Eu sei.

Seus olhos brilhavam com algo que eu não conseguia ler. Sua expressão era simplesmente indecifrável.

Callum então voltou a encarar a sala e seus olhos seguiram para as outras fotografias, e então pelos meus cadernos de estudo jogados no sofá.

— Você não acha irônico? Tantas faculdades, e aqui estamos nós... — Ele foi se aproximando com passos lentos, enquanto falava e observava cada pedaço do lugar.

— Você acha que em algum momento vai se cansar? — perguntei,

tentando parecer indiferente.

Mas indiferente a ele era a última coisa que eu era.

Agora ele estava na entrada da cozinha. Seus olhos encontraram os meus e ele se moveu lentamente em minha direção. Meu coração acompanhava seus movimentos; a cada passo dado mais forte, ele batia.

Callum parou na minha frente, apenas a alguns centímetros de distância. Colocou suas duas mãos sobre a pia de mármore, uma de cada lado do meu corpo, me encurralando. Eu recuei com a sua aproximação intensa e bati o quadril contra a pia. Ele encarou meus lábios por um longo momento. Seu rosto estava tão perto do meu que eu conseguia sentir sua respiração. Eu havia congelado onde estava. Meu peito subia e descia de forma rápida e descontrolada.

— Você é uma pessoa horrível, sabia? Você me destruiu, doçura — disse ele, com a voz suave. Seus olhos castanhos intensos desviaram dos meus lábios e finalmente encontraram meu olhar. — E para a minha desgraça, é terrivelmente bonita.

E então a sua boca encontrou a minha. Seus lábios se moveram com intensidade e maestria. Ele tinha um distante gosto de uísque.

Callum se inclinou ainda mais sobre mim, seu corpo alto e de peitoral largo me cercando. Eu estava completamente prensada contra a pia.

Suas mãos foram para a minha cintura. Seus lábios eram necessitados, mas ainda assim lentos e terrivelmente sensuais. Seu peito subia e descia tão rápido quanto o meu.

Coloquei minhas mãos em seu peito e torci sua camisa em meus punhos. Seu gosto era indescritível, e nossos corpos tinham uma sintonia assustadora. Ele sabia exatamente onde eu precisava dele, onde tocar, onde morder.

Suas mãos desceram e foram em direção à minha bunda. Ele a agarrou e, como se fosse possível, me colou ainda mais ao seu corpo. Senti sua dureza contra o começo da minha barriga.

Gemi em seus lábios, e em um movimento rápido, Callum me levantou e me sentou na pia. Sem deixar minha boca nem por um segundo,

ele se acomodou entre as minhas pernas e eu as fechei em volta de sua cintura.

Seus lábios deixaram os meus e começaram a trilhar beijos na minha jugular e no meu pescoço. Joguei a cabeça para trás e ele arrastou a ponta de sua língua da minha clavícula até a minha orelha. Toda maldita célula do meu corpo reagiu e um intenso calafrio quebrou em mim.

— Era isso o que você queria naquela noite no estacionamento? — ele perguntou entre beijos e mordidas torturantes em meu pescoço.

Não respondi, em vez disso, gemi e mantive meus olhos fechados, recebendo cada toque.

Callum aproximou a boca da minha orelha e sussurrou:

— Queria que eu te fodesse até você esquecer a pessoa egoísta que você é?

Meu corpo todo congelou. Rapidamente, todo o calor que nos envolvia evaporou. Abri meus olhos e recuei de seu toque.

Encarei seu rosto.

Sua expressão era fria como gelo. Seus olhos castanhos eram pura maldade e desejo.

— Queria que eu te fodesse até que esquecesse que arruinou a minha vida?

Engoli em seco.

— Porque eu posso fazer isso, doçura. Posso fazer a noite toda — disse ele, se aproximando de novo do meu pescoço.

Eu o afastei.

— Sai da minha casa — ordenei, sentindo as lágrimas se acumularem em meus olhos.

Ele queria me machucar. E havia conseguido.

Com muito sucesso.

Desci da pia. Eu não aguentava mais suas palavras, muito menos seu corpo tão próximo ao meu.

Mas ele não deu espaço para que eu me movesse. Em vez disso, Callum me prensou novamente com seu corpo.

Empurrei seu peito, na tentativa de afastá-lo, mas foi como tentar mover um muro de aço, completamente inútil.

Eu ia chorar. Eu sabia. E precisava dele o mais longe de mim. Seu toque, que há alguns segundos era a definição de prazer, agora era a definição de tortura e pura maldade.

— Vamos lá, Arsen. Eu prometo fazer você se sentir melhor — sussurrou no meu pescoço.

Ele continuou pressionando com suas palavras.

Callum queria as lágrimas.

E ele estava prestes a conseguir.

— Sai! — exclamei, a voz vacilante.

Ele se afastou. E no segundo que nossos olhos se encontraram, eu o soquei. Meu braço se moveu de forma incontrolável. Eu queria desesperadamente feri-lo.

Callum mal se moveu, seu rosto apenas virou um pouco para a esquerda.

Minha mão doía, mas não parecia ter provocado muito efeito nele. Quando voltou a me encarar, sua expressão era a mesma de antes. Fria e cruel.

As lágrimas caíam de forma frenética. Eu conseguia senti-las escorrendo pelas minhas bochechas.

Nós nos encaramos por um longo momento. Tensão, mágoa e raiva nos envolvendo. Nosso olhar dizendo mais do que mil palavras.

Então ele se afastou e foi embora.



## Capítulo 24

Eu sabia que o amor doía assim. Na verdade, desde os onze anos eu só conhecia o amor dessa forma. Quando machucava e magoava. Mas eu havia aprendido a lidar com isso, a amenizar.

Meu pai havia morrido e meu amor por ele doía todo dia que passava. Porém, com o tempo, ficou mais suportável, mais fácil.

O silêncio da minha mãe e a sua clara indiferença em relação a mim ainda era uma facada no peito. Mas não sangrava tanto quanto a primeira vez em que vi em seus olhos o desprezo por mim. Ainda doía, mas eu acabei aprendendo a lidar com isso.

Porque era o que eu fazia. Eu lidava com isso e sobrevivia.

Mas com Callum era diferente. Era novo.

Eu não sabia lidar com o amor que eu sentia por ele e que claramente não era recíproco. E, pior, uma parte de mim ainda tinha raiva dele. Ainda queria dar um chute bem no meio das suas pernas, fazendo-o se contorcer de dor.

Eu realmente amaria fazer isso.

Era definidamente pior agora. Antes, era só o ódio e a culpa; agora, tinha o amor no meio. E complicava tudo. Porque eu ficava dividida entre várias emoções que eu definitivamente não sabia como lidar. Mas não havia ninguém a culpar além de mim. Foi culpa minha eu ter me apaixonado pelo meu inimigo.

Eu sei que fui egoísta, mas nunca estive em busca de aprovação. Nunca tentei ser a heroína. Só que tudo na vida tem uma consequência.

E Callum Trenton era a minha.

O carma havia finalmente me alcançado e esse era o meu castigo.

Apaixonar-me pela pessoa que eu mais havia ferido.



— Você está com uma cara horrível — Saga murmurou ao meu lado.

Estávamos vendo um filme e comendo algumas besteiras no chão de sua sala, enquanto uma tarântula repousava em seu ombro. Eu estava há uma boa distância dela, e de vez em quando lançando umas olhadas apenas por precaução.

— Obrigada — murmurei de volta, colocando um punhado de pipoca na boca.

— Não, sério, qual é o seu problema?

Em geral, eu era muito boa em esconder minhas emoções, mas Saga era terrivelmente perspicaz e eu realmente estava na merda.

Bufei, tirando os olhos da tevê e desistido de assistir ao filme, que, para começo de conversa, eu nem estava realmente prestando atenção.

— Eu tenho esse lance mal resolvido e... Está me comendo viva.

— Por que você não resolve, então? — perguntou ela, como se fosse simples.

— Não é assim. É realmente bem complicado. E não envolve só a mim.

— Então conversa com essa pessoa, ué. Dá um jeito de resolver essa merda. Claramente não está te fazendo bem.

Eu apreciava a praticidade de Saga, mas ela não entendia o quão complicado era.

— Eu não sou muito boa com... conversa. Pelo menos não esse tipo.

— Entendi. — Ela suspirou e se manteve em silêncio por alguns segundos.

Achei que o assunto estava encerrado, mas então ela desligou a tevê e se virou em minha direção. Seu rosto estava sério e, seu olhar, repleto de uma sabedoria que não se encaixava em uma garota de apenas vinte anos.

— Olha só, eu posso estar errada, mas acho que esse “lance” que você está falando tem a ver com aquele gostosão da faculdade, o Trenton.

Fiquei em silêncio. Eu não concordaria, mas também não queria mentir para a Saga.

— Cora, você acredita em destino?

Neguei com a cabeça.

— Ótimo, nem eu. Maior baboseira. Mas eu acredito em escolhas. A vida nos dá a escolha de sermos felizes, Cora. Em certos momentos, ela coloca duas portas na nossa direção, e você precisa escolher uma. Eu não sei qual é a sua história com o Trenton. Com certeza não é boa. Mas havia alguma coisa naquela noite do bar. O olhar de vocês. Eu nunca presenciei nada parecido. A forma como os dois se comportam diante um do outro. Você se acende. E ele queima, Cora.

Ela fez uma pausa por um segundo, seus olhos brilhavam enquanto ela me encarava. Saga continuou:

— Eu sei que para você estar sentada aqui comigo neste momento, e não com ele, é porque algo muito ruim aconteceu. E ele parece ser bem babaca, mas eu já te conheço há um tempo e sei que você também não é nenhum anjo casto e iluminado. — Ela sorriu de forma travessa. — Quando a vida dá um golpe, você soca de volta. Nem sempre de forma limpa. E eu não a condeno, até admiro. É a sobrevivência. Então, o que quer que tenha acontecido, sinto que foi erro de ambos. E pelo que vi no bar, o que vocês têm, o que vocês sentem, pode reparar qualquer coisa. Por Deus, aquele olhar poderia reparar a fome no mundo. Pode parecer clichê, e na realidade é difícil para caramba, mas acho que você deveria abrir seu coração. Ficar exposta, jogar as cartas na mesa. Acho que você vai se surpreender. — Ela pausou por um momento e então finalizou: — Eu não estou aqui para dizer o que fazer, não vou condenar qualquer escolha que você fizer. Mas qual porta você quer abrir, Cora?

Vários segundos se passaram enquanto eu encarava seus gentis, porém inteligentes olhos verdes. Por um momento, ela me lembrou a Dra. Quantin.

— Merda — murmurei.

Maldita Saga e aquele discurso bonito e inspirador para cacete.

— O que foi? — ela perguntou.

— Eu vou falar com ele — declarei, me levantando.

— Agora?

— Agora.

— Mas você sabe onde ele mora?

— Não faço ideia.

Suspirei, frustrada.

— Espera — Saga disse de repente.

Ela se levantou e pegou seu celular na pia da cozinha.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Mandando mensagem para o cara mais bem informado e fofoqueiro de toda a faculdade.

*Jack.*

— Você acha que o Jack sabe?

— Não, mas ele vai dar um jeito de descobrir — respondeu ela, enquanto seus dedos se moviam rapidamente sobre a tela do celular.

Cinco minutos depois, Saga tinha o endereço em mãos. Ela me mandou pelo celular e eu saí de sua casa.

Não era muito longe dali. A maioria dos estudantes morava perto da faculdade, no campus ou em volta dele. Callum morava a alguns minutos de distância do meu prédio, em uma casa com um pequeno jardim. Não era grande, mas também não era pequena. Era uma casa bem padrão com o resto da rua.

Estacionei em frente ao jardim e demorei alguns segundos para finalmente sair do carro. Andei até a entrada me sentindo no corredor da morte; a cada passo, mais assustador. Bati em sua porta antes que perdesse a coragem.

Alguns segundos se passaram e Callum Trenton estava materializado

na minha frente. Ele usava uma camisa branca e calças jeans escuras. Seu cabelo era uma bela bagunça de fios castanhos. Notei sua mão suja de graxa, assim como alguns pontos em sua camisa. Provavelmente estava na garagem mexendo com algum motor.

Vi um fio de surpresa passar pelos seus intensos olhos escuros por meio segundo. Mas a expressão séria e neutra não saiu de seu rosto.

Nós nos encaramos por um longo momento. De repente, com ele ali, parado na minha frente, eu me senti pequena. Ele sempre foi mais alto do que eu, desde a época da escola. Mas, atualmente, nossa diferença era de quase trinta centímetros.

Sem dizer uma palavra, Callum se moveu para a direita e abriu espaço para que eu passasse. Entrei em sua casa com a cautela de um cordeiro entrando na cova de uma onça. Parei na entrada da sala, logo à esquerda estava a entrada da cozinha, e a escadaria para o segundo andar ficava no final do corredor. Nada ali era acolhedor. Sua sala exibia cores frias e poucos móveis, apenas o necessário. Nenhuma decoração extravagante ou mais bem bolada.

Prático, frio, distante. Como ele.

Ouvi a porta sendo fechada.

Virei-me e encontrei o olhar de Callum sobre mim.

Nada saiu de nossas bocas. Formalidades como “oi” ou “*tudo bem?*” era para amigos ou para aqueles que não se odiavam. Definitivamente não era o nosso lance.

Callum me observou por um longo momento, até que se dirigiu para a cozinha. Assim como em meu apartamento, sua casa era bem aberta, não havia uma porta ou repartição da sala para a cozinha, apenas uma distância considerável entre elas. Ele ficou de costas para mim e abriu a torneira.

Eu não fazia ideia do que dizer. Não havia preparado nada, e agora estava terrivelmente arrependida. Eu nunca agia daquela forma. Cada passo meu era bem pensado e calculado. Antes de falar, eu geralmente tinha um discurso inteiro preparado.

Mas Callum Trenton me tirava as palavras.

— Ele a deixou — eu disse finalmente, e surpreendi a mim mesma com o que havia saído de minha boca.

Observei as costas de Callum, os ombros largos e as mãos se movendo na pia enquanto ele as lavava. Nenhuma reação.

— Eu fui para casa naquela noite. Eu estava irritada, magoada e confusa. Perdi o controle... — Parei por um momento, observando com atenção suas costas enquanto criava coragem para continuar. — Joguei tudo na cara dele. E na dela. Nós três discutimos. Na manhã seguinte, os dois brigaram. Uma semana depois, ele foi embora.

Callum fechou a torneira. O barulho de água cessou.

— Não quero ouvir essa merda, Arsen. Eu *realmente* não quero falar sobre isso — disse ele, ainda de costas para mim.

— Mas eu quero. Temos evitado esse assunto há mais de um ano. Em vez de conversar, preferimos nos machucar e descontar a raiva que sentimos um no outro. Mas estou cansada desse jogo. — Suspirei. — Eu não posso mais jogar esse jogo, Trenton. Então eu vou falar. E você vai ouvir, querendo ou não.

Suas mãos seguraram a beirada da pia de mármore com força. Seus braços flexionaram e suas costas ficaram tensas. Ele não precisava me encarar para eu saber que estava fervendo de raiva.

— Você pode me achar estúpida pelo que vou dizer, mas, honestamente, estou muito cansada para me importar. Eu vou falar uma vez, só uma, e, depois, nunca mais vou deixar você me afetar. Vou seguir com a minha vida, sem arrependimentos ou tristeza. Vou construir um caminho novo para ela, um em que você não faça parte. Em que o nosso passado não faça parte.

Suspirei. Eu estava prestes a fazer uma das coisas mais difíceis de toda a minha vida. Talvez a mais estúpida, também.

— Eu te amo.

E quando essas três palavras saíram da minha boca, já não tinha mais volta. Então, continuei:

— Não pelo babaca que você é. Não quando você me diz o quanto eu

sou egoísta ou quando me humilha na frente de todo mundo. Não. Eu o amo porque sei que esse não é você. Porque alguma parte de mim acredita que você não quer ser assim. Eu amo você porque, apesar de ser o cara que me atormentou, também foi o único que já me defendeu. Foi o único que se ajoelhou e limpou cerveja gelada das minhas pernas em um banheiro imundo em um bar qualquer. E foi o único que me beijou daquela forma. Como se me quisesse. Como se precisasse de mim. E eu posso estar maluca, mas me pareceu real, Trenton. Quando seus lábios encostaram os meus, foi real. Pelo menos para mim.

Quando terminei, eu estava sem fôlego.

Eu nunca havia me aberto daquela forma. Talvez nem mesmo para a Dra. Quantin. Talvez nem mesmo para o meu pai.

A cabeça de Callum pendia para baixo, suas mãos continuavam firmemente presas ao mármore.

Ele não se virou. Ele não moveu um músculo.

Foi como um soco. Não. Pior. Muito pior.

Eu disse tudo aquilo e em troca nem recebia uma reação?

Ao menos um olhar?

Engoli em seco, sentindo a mágoa e a raiva correndo pelo corpo com força.

Eu me virei, pelo menos agora eu sabia o que precisava fazer. Seguir em frente e apagar completamente Callum da minha vida. Eu deixaria de amá-lo. E não me importava como eu faria aquilo, mas eu não me permitiria continuar amando aquele homem.

Só notei que estava chorando quando uma lágrima escorreu pela minha bochecha.

Eu estava com a mão na maçaneta, quando, de repente, parei.

Meu coração batia tão rápido que parecia prestes a explodir.

Voltei a encará-lo.

Com as lágrimas no rosto e o coração quebrado, eu gritei:

— Eu faria de novo! Eu não me importo com o que você diga ou faça, eu faria de novo! Você pode me arrastar pelo inferno e me quebrar quantas vezes desejar, mas eu não me importo! Eu voltaria quantas vezes fosse preciso naquela noite e faria de novo! — As lágrimas caíam descontroladas agora, e minha voz era quase um sussurro quando repeti: — Eu faria de novo.

Meu peito subia e descia com força. As lágrimas borravam a minha visão e em meu coração parecia haver um buraco do tamanho do mundo.

Pela última vez, eu me virei e fui em direção à porta.

Eu o estava deixando. E, desta vez, para sempre.

Mas então, antes que eu pudesse chegar até a porta, senti o choque em minha mão. Callum tinha meu pulso preso em seus dedos. Surpresa, eu me virei.

Seus olhos estavam fechados e seu belo rosto parecia conturbado. Como se estivesse sentindo dor física, muita dor.

Diante de mim, Callum Trenton caiu de joelhos.



# Capítulo 25

Cora

ANTES

9 de março

— Eu estou ferrada na prova amanhã — murmurei contra o telefone enquanto encarava o teto branco do meu quarto.

— Nem me fala, eu também.

Olivia sempre dizia isso, mas, no fim das contas, acabava tirando um oito.

— Quer sair amanhã depois da aula? — perguntei.

Eu não aguentava ficar muito tempo em casa. Não conseguia ver minha mãe com ele na mesa de jantar, rindo e trocando carinhos feito dois adolescentes. Apesar de estar aliviada pela felicidade dela, era impossível não sentir nojo e ressentimento dele.

Olivia suspirou do outro lado da linha.

— Não posso. Tenho que cuidar da minha irmã, meus avós vão à igreja amanhã à tarde.

Os pais de Olivia estavam viajando e ela e sua irmã de seis anos estavam passando aquela semana na casa dos avós paternos.

— Eu não sabia que a sua família era religiosa — comentei, passeando pelos canais com o controle da tevê.

— Não são, mas acho que vai ter um evento amanhã. Um memorial, se não me engano. Pelo que a vovó falou, um menino morreu. Ela conhecia a mãe do garoto...

Meu dedo congelou no controle remoto.

— Que menino?

— Não sei, mas a gente não conhece. Acho que ele tinha câncer, mas não tenho certeza. Não perguntei muito, e a vovó só comentou isso.

Meu coração pulou uma batida e, de repente, meu corpo estava gelado. Gelado demais. Achei que talvez pudesse vomitar.

— Cora?

*Não.*

— Cora? — chamou Olivia.

— O quê? — Minha voz não passava de um sussurro.

— Tudo bem?

— Eu preciso ir.

— Mas a...

Desliguei o telefone e me levantei da cama. Corri para o banheiro sentindo o líquido ácido prestes a deixar meu corpo. Eu me agachei no vaso sanitário e vomitei tudo o que havia em meu estômago.

Não podia ser.

Eu não conseguia sentir meu corpo. Tudo estava gelado e dormente.

Fiquei contra meu espelho e o encarei. Odiei a garota que vi.



## Callum

### 10 de março

A noite estava bonita. Ironicamente, talvez uma das noites mais bonitas que já vi. A lua estava cheia e brilhante, iluminando boa parte da rua vazia.

Olhei para baixo.

Não havia sequer carros passando. Era uma rua sem saída. Eu me perguntei quanto tempo demorariam para encontrar meu corpo. Provavelmente umas cinco horas, quando amanhecesse e as pessoas comessem a sair para o trabalho.

Bem, não faria diferença, de qualquer forma.

Ninguém deveria ter que comparecer ao enterro do irmão mais novo. Não é assim que funciona.

Eu não conhecia minha vida sem Flynn nela. Eu tinha dois anos quando ele nasceu. Minha identidade basicamente se atrelava à sua existência.

Eu era um garoto.

Eu era um filho.

E eu era um irmão.

Sempre foi assim. Desde os meus dois anos de idade.

E de um dia para o outro, não era mais.

Dei um passo à frente, chegando mais próximo da beirada.

Oito andares.

Será que eu sentiria?

Também não importava. Eu não podia me importar menos com a dor naquele momento. Porque qualquer dor física não conseguiria ser maior do que a que eu estava sentindo em meu peito.

Queimava. Rasgava. Sufocava.

Pensei em outras formas, menos dramáticas. Mas eu não tinha uma arma, não tinha remédios o suficiente e me negava a cortar os próprios pulsos. Demoraria demais.

Eu queria rápido. Eu só queria acabar com aquilo.

Eu estava decidido. Aquilo não era um impulso. Não era coisa do momento. A minha vida acabou no segundo em que a vida de Flynn

terminou.

Crescemos juntos e iríamos juntos.

Dei mais um passo, o último.

— Não!

Eu me virei, assustado com o grito.

Eu a encontrei me encarando com os olhos arregalados, o medo estampado em seu rosto. O vento batia em seus longos cabelos escuros, os deixando por todo lugar ao seu redor. Ela estava há vinte passos de distância.

Demorei um pouco para conseguir falar.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, surpreso.

Pensei que estivesse sozinho. O prédio era abandonado e poucos passavam por aquela rua.

— E-eu te segui — ela gaguejou.

Aquilo não podia estar acontecendo.

— Vai embora — ordenei com a voz séria.

Ela me encarou por alguns segundos e deu um tímido passo à frente.

— Você não pode fazer isso.

A raiva rasgou meu corpo.

Não bastava ela ser uma mimada egoísta, era também a porra de uma intrometida.

Cora Arsen estava em todo lugar.

Assombrando a porra da minha existência. Como um pequeno lembrete de como tudo na minha vida era uma merda.

— Eu não quero você aqui, Arsen.

— Pensa na sua mãe, ela...

Eu dei um passo à frente. Ela recuou, vendo a raiva nos meus olhos.

*Como ela ousa?*

— Você não sabe de merda nenhuma.

Minha mãe morreu há muito tempo, quando ela escolheu a bebida ao invés de nós. Eu, vivo ou morto, não faria a mínima diferença para ela, contanto que tivesse uma garrafa em mãos.



## Cora

Eu tinha a impressão de que meu coração ia explodir enquanto encarava os olhos de Callum Trenton.

Eu nunca tinha visto tanta raiva, mágoa, desespero.

Seus cabelos estavam uma bagunça, o castanho de seus olhos havia perdido todo o brilho.

Ele estava completamente perdido.

— Eu sei que essa não é a melhor deci... — consegui dizer.

Antes que eu terminasse, Callum deu um passo à frente, ódio queimando em seus olhos. Agora estávamos apenas a alguns passos de distância.

— Eu nunca coloquei as mãos em uma garota antes, mas eu juro por Deus, eu vou te machucar, Arsen. Se você não for embora, eu vou realmente te machucar. — Sua voz era grave, mas ele falava baixo.

Seu corpo todo estava tenso, como se estivesse tentando se conter.

Recuei um passo, sabendo que ele não estava brincando.

— Eu não posso.

Um sorriso amargo e terrível cresceu em seus belos lábios.

— Você só liga para si mesma. Então, faça a porra de um favor e para de fingir que dá a mínima. Cai fora! — ele gritou.

Engoli em seco.

Eu não podia recuar.

Eu não ia recuar.

Jamais.

— Eu também perdi alguém, Callum. Eu o amava muito...

— Cala a boca! Cala a porra da boca! — ele gritou.

Seu peito subia e descia com força. Eu nunca o tinha visto assim. Sem controle. Sem o ar sereno, sério e indiferente.

— O nome dele era Flynn, não é? Eu...

Antes que eu terminasse a frase, Callum tinha os dedos no meu pescoço. Arregalei meus olhos, em choque.

Seus olhos eram completamente loucos. Ele apertava com força o suficiente para eu começar a sentir falta de ar. Sua respiração era descontrolada e seu rosto era puro ódio e raiva.

Coloquei minhas mãos ao redor do seu braço.

— Nunca mais diga o nome dele.

Sua voz era baixa e assustadora.

Nós nos encaramos por vários segundos. Pensei realmente que talvez ele pudesse me enforcar. Lágrimas cresceram em meus olhos.

Era isso.

Aquele era o meu fim.

Mas então seu aperto se tornou menos rude e ele me soltou. Inspirei com força, aliviada. Ele me deu as costas e se aproximou da beirada do prédio em longas passadas.

Callum colocou as mãos nos cabelos em frustração. Ele gritou.

E eu o observei em silêncio.

Ele olhou para cima, os olhos presos no céu. Ficou assim por vários segundos. Até que se virou.

Ele andou na minha direção e parou à minha frente.

Nós nos encaramos por um longo momento.

Seus olhos agora estavam diferentes. Não havia mais raiva ou ódio.

Só mágoa e desespero.

Notei as lágrimas brotando em seus olhos e meu coração pulou uma batida.

Callum Trenton estava chorando.

— É uma decisão minha. Você não tem nada a ver com ela. Você não conhece a minha vida, não sabe o inferno que estou vivendo. Eu não posso fazer mais isso. Vai embora. *Por favor*, se você tem alguma compaixão ou respeito, só vai embora. Por favor. — Sua voz era baixa, quase suave. Ele estava implorando.

Nunca senti tanto medo.

Ele estava decidido.

Callum estava decidido a tirar a própria vida.

Acontece que eu também estava decidida. Eu não deixaria Callum Trenton morrer.

Eu não sabia exatamente o porquê, mas nada me convenceria a deixá-lo ir.

E eu sabia que era sua escolha. Eu sabia que deveria dar meia-volta e deixar com que ele decidisse seu próprio destino. Mas não o fiz.

— Não — eu disse finalmente. — Eu não vou deixar.

As lágrimas escorreram pelo seu belo rosto, que se tornou duro de novo.

— Você não pode fazer nada para me impedir.

Nesse momento, as sirenes começaram a surgir. Callum desviou o olhar do meu e olhou em volta.

— O que é isso? — perguntou ele, confuso.

— Eu chamei a polícia — respondi quando seus olhos voltaram a

encontrar os meus.

Choque tomou seu rosto.

— Não — ele murmurou.

Nós nos encaramos por vários segundos. Seu olhar intenso preso no meu, como se não acreditasse no que estava acontecendo.

— Você estava ganhando tempo — disse ele, finalmente entendendo.

Engoli em seco.

Ele me encarava como se eu tivesse o apunhalado pelas costas. Como se nunca tivesse sentido tanto nojo de alguém.

— Sinto muito, Callum. Sinto muito. Mas eu não podia. Eu não podia deixar.

— Polícia! — anunciaram.

Barulho de vários passos ecoaram e, de repente, vários homens estavam no topo do prédio com a gente.

Callum olhou para a beirada. Mas estava muito longe. Era tarde demais.

Nosso olhar se encontrou.

Ódio. Muito ódio.

Ele avançou em mim, com a clara intenção de me machucar, mas os policiais o seguraram antes que ele pudesse me tocar.

Seus lábios se abriram e, com a expressão mais assustadora que já vi, ele disse:

— Eu conheço você. Eu sei das suas dores, pesadelos e medos. Eu sei o que te aterroriza. Conheço todos os seus pontos fracos. Eu vou te quebrar, Arsen.



# Capítulo 26

Ele encarava o chão, sua cabeça pendendo para baixo. Callum não movia um músculo.

Eu o encarava com incredulidade. Segundos se passaram e notei que eu havia me esquecido completamente de respirar. Soltei o ar dos pulmões devagar e engoli em seco.

— Callum — sussurrei.

Aquela era a primeira vez que seu nome saía dos meus lábios. Foi estranho, íntimo demais. Mas nada naquele momento podia ser descrito como normal.

Ele não levantou a cabeça, continuou sem se mover.

Vulnerável.

Callum Trenton, o malvado sádico, estava vulnerável.

Seu corpo intimidador de quase um metro e noventa, ombros largos e músculos sólidos e bem esculpidos, estava de joelhos bem diante de mim. Completamente indefeso.

Eu só o tinha visto tão desamparado assim uma vez, há mais de um ano. Naquela noite.

E então eu entendi.

Ele estava entregando o jogo.

Acabava ali.

Ele estava me dando o completo controle.

Fiquei sem reação. Tão paralisada quanto ele.

— Callum — chamei de novo.

Novamente, sem resposta.

Eu queria que ele levantasse a cabeça. Eu queria encarar seus olhos. Eu queria que ele me visse.

Callum era o único que conseguia me ver.

Realmente me ver.

Caí de joelhos à sua frente.

Agora estávamos no mesmo nível, sua cabeça apenas alguns centímetros mais acima, devido à diferença de altura.

Encarei seu belo rosto. Seus olhos continuavam fechados. Seus traços bem delineados mantinham uma expressão dolorida.

Como se tivesse vida própria, minha mão se ergueu e lentamente foi em direção ao seu rosto. Eu precisava tocá-lo. Nunca achei que teria tal oportunidade. Simplesmente tocar seu rosto daquela forma.

Quantas vezes aquele mesmo rosto fora motivo de pesadelos e choros?

Era loucura imaginar que um dia eu estaria o tocando.

Meus dedos finalmente encontraram sua pele e eu soltei a respiração que novamente não notei que estava prendendo. Corri delicadamente com meus dedos pelo seu maxilar, pela sua face e pálpebras.

E ele deixou, ainda sem se mover.

Eu me aproximei devagar.

O mundo parecia ter congelado. Os segundos se arrastavam em décadas, e cada movimento meu era feito em lentidão dolorosa.

O silêncio pesava sobre nós, a única coisa que se ouvia era a nossa respiração.

Encostei meu peito com o dele, me sentindo muito consciente de cada célula em meu corpo. Foi como um choque em minha pele quando o abracei.

Eu nunca me imaginaria em uma situação como aquela, mas aquilo era a única coisa que eu podia fazer.

Naquele momento, eu não conseguia pensar em qualquer outra coisa senão envolver meus braços em volta de Callum Trenton.

Um longo momento se passou, até que ele levantou as mãos e colocou os braços em volta de mim, me puxando mais para perto. Meu coração pulou uma batida. Callum abaixou a cabeça e colocou o rosto entre meu ombro e a lateral do meu pescoço, inspirando entre meus cabelos. Seu aperto era tão forte que cheguei a pensar que nem se oitenta homens tentassem, poderiam me tirar de seus braços naquele momento.

Nós nos abraçamos por todos aqueles dias em que passamos nos machucando, por todo o passado e todas as feridas que ainda estavam abertas.

Meu rosto estava prensado contra o seu peito e seu corpo quente me cobria. E foi quando percebi que eu nunca havia sentido que pertencia tanto a um lugar quanto nos braços dele. Notei que minhas lágrimas estavam borrando sua camisa. Eu conseguia sentir as batidas do seu coração contra o meu peito, fortes e aceleradas. A nossa respiração, lenta e profunda, sincronizada.

Ficamos naquela posição por vários segundos.

Callum por fim afrouxou seu aperto e tirou o rosto dos meus cabelos. Seus olhos encontraram os meus.

E então não havia palavras. Não eram necessárias. Estava tudo ali.

Quando seus intensos olhos castanhos encontraram os meus, estava tudo ali.

— Diga de novo — ele pediu momentos depois.

— O quê? — perguntei, confusa.

— Meu nome — disse ele. — Diga de novo. — Sua voz era profunda e rouca.

Ele me observava atentamente, esperando. Seus olhos estavam fixados nos meus de forma séria e necessitada.

— Callum — eu repeti lentamente, apreciando cada sílaba de seu nome.

Seus olhos escureceram e ele engoliu em seco, como se estivesse tentando se controlar. Ele me puxou novamente contra o seu corpo e nossos rostos ficaram a poucos centímetros de distância.

Antes que eu pudesse dizer ou fazer qualquer coisa, sua boca tomou a minha.

Uma de suas mãos parou na base das minhas costas, enquanto a outra subiu pelo meu corpo, até encontrar meu rosto.

Seus lábios exigiam os meus. Puxando, sugando, mordendo.

Coloquei as mãos em seu peito, sentindo as batidas do seu coração.

— Eu quero... — murmurei entre seus lábios.

Ele afastou sua boca da minha e me encarou.

— O que você quer?

Engoli em seco.

— Tocar você. Sua pele — respondi, a voz estrangulada.

Ele me observou em silêncio por alguns segundos. Então suas mãos foram até a gola de sua camisa e ele a puxou. Seus músculos dos braços e peito flexionaram com o movimento.

Callum soltou a camisa no chão ao seu lado e me encarou.

Corri meus olhos pelo seu corpo.

Era chocante como alguém podia ser tão bonito.

Tudo nele parecia ter sido desenhado por um artista. Cada traço perfeito e bem delineado. Cada músculo e formato.

Seu peito era bronzeado e sua barriga era trincada em músculos bem desenhados, assim como seus ombros largos e seus braços longos. Apesar de musculoso, Callum era magro, seu corpo era esbelto e perfeitamente proporcional.

Ele ficou em silêncio enquanto me observava e esperava.

Callum estava me dando liberdade para eu fazer o que bem entendesse.

Passei as mãos pelo seu peito. Senti seu corpo tensionar sob o meu toque.

Corri meus dedos pelos seus ombros e por todo o seu tronco,

observando as linhas e pequenos detalhes de sua pele. Quando levantei meus olhos para encontrar os dele, Callum parecia angustiado.

Seus olhos estavam ainda mais escuros.

Ele estava se contendo.

Eu abri a boca, mas antes que pudesse falar, Callum se aproximou. Suas mãos foram até a minha bunda e, em um movimento ágil e rápido, ele se levantou, me pegando no colo.

Eu coloquei minhas pernas ao redor de sua cintura e minhas mãos em sua nuca. Callum subiu as escadarias e andou pelo corredor até alcançar uma porta. Nossos olhos presos um no outro a todo o momento.

O quarto estava escuro, mas a luz do corredor iluminava o suficiente para que pudéssemos nos ver.

Ele se inclinou e me colocou sobre a cama com delicadeza. Aterrissei no colchão macio e o encarei.

Callum me observava fixamente, seu rosto sério preso em mim. Ele se aproximou devagar, com a destreza de um felino prestes a atacar, se inclinando lentamente na cama, até que eu senti seu peso sobre mim.

Senti a necessidade de dizer a ele que nunca tinha feito aquilo.

— Eu não...

— Eu sei — ele me cortou.

Seus lábios tocaram os meus antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa. Sua mão foi para baixo da minha camisa e ele trilhou com seus dedos um caminho até meu sutiã. Ele sugou meu lábio inferior enquanto eu me contorcia devido aos seus dedos explorando a minha pele.

A minha blusa foi a primeira a sair, e então meu sutiã. Callum beijou meu maxilar, e com a língua passou pelo meu pescoço até encontrar meus seios. Fechei os olhos com força enquanto ele lambia, mordida e beijava.

Arfei quando ele terminou com meus seios e continuou a descer.

Ele abriu a minha calça jeans e a escorregou pelas minhas pernas, até que estivessem completamente fora de mim. Callum brincava com a minha calcinha preta enquanto, com um prazer perverso, observava eu me

contorcer contra o colchão.

Quando senti seus lábios contra a minha pele, fechei meus olhos com força. Agarrei os lençóis e tensionei meu corpo. Ele era hábil em todos os sentidos, sabia exatamente onde e o quanto eu precisava dele. Não demorou muito para que eu explodisse em um milhão de faíscas sob seu toque.

Quando terminou, ele se levantou e me observou. Todas as minhas roupas estavam no chão, eu estava completamente nua.

Seu olhar era intenso e intimidador como o inferno. Eu queria me cobrir, mas resisti.

O peito de Callum subia e descia com força, e em seus olhos eu vi quase uma...

*Adoração.*

Quando seu olhar encontrou o meu novamente, não havia necessidade de palavras.

Eu vi ali.

*Linda. Tentadora. Perfeita.*

Nem se ele tentasse, Callum conseguiria colocar em palavras o que seu olhar me disse naquele momento.

E eu me senti linda. Como jamais me senti.

Ele foi até a o criado-mudo e abriu a gaveta. Quando voltou, tinha uma camisinha nas mãos.

Inclinou-se novamente sobre mim, seus lábios esbarraram nos meus quando ele sussurrou contra a minha boca:

— Se você me pedir para parar, eu vou. Eu só *realmente* gostaria que não fizesse isso.

— Não vou pedir — respondi sem hesitação.

— Ótimo.

Então as roupas dele se juntaram às minhas no chão. Callum colocou uma das pernas entre as minhas coxas, abrindo-as.

— Diga de novo — ele murmurou contra a minha orelha, a voz rouca.

— Callum.

E antes que eu terminasse de falar, ele estava dentro de mim.

Agarrei seus braços com força e fechei os olhos. A dor me cortando com força.

Callum se movimentava lentamente, dando tempo para que meu corpo se ajustasse a ele.

Seus lábios voltaram para a minha boca e ele me mordeu.

— De novo.

— Callum — sussurrei contra a sua boca.

A intensidade do seu olhar enquanto me observava era quase assustadora. Aquilo não era apenas sexo. Eu sabia disso.

Ia muito além dos nossos corpos. Ia muito além da atração.

Era a nossa história. Era a nossa dor. Tudo ali. Naquele momento único.

A dor se misturou ao prazer e nossas respirações ofegantes se sincronizaram.

— De novo — rosnou ele, com o rosto enterrado em meus cabelos.

## Capítulo 27

Ficamos alguns segundos apenas ouvindo nossas respirações. Nossos corpos suados colados um no outro. Meu coração aos poucos se acalmava em meu peito.

Callum, por fim, saiu de cima de mim e se deitou ao meu lado.

Eu encarava o teto branco do seu quarto, mas conseguia sentir o olhar dele em mim. Puxei o lençol que estava sobre a cama e me cobri parcialmente. Callum se levantou, e observei seu corpo nu enquanto ele colocava sua boxer cinza.

Ele saiu do quarto, me deixando sozinha.

Antes que eu pudesse fazer ou dizer qualquer coisa, Callum voltou com uma toalha nas mãos. Sentou-se ao meu lado e agarrou o lençol, e antes que eu pudesse protestar, ele o jogou nos pés da cama.

Automaticamente, levei minhas mãos aos seios e fechei mais as pernas. Mas me arrependi instantaneamente quando senti a pontada de dor.

Uma de suas mãos foi até a minha coxa e ele separou uma da outra.

— Não precisa — murmurei quando ele aproximou a toalha do meu corpo.

Aquilo era embaraçoso, eu preferia fazer eu mesma, mas ele ignorou.

Callum encostou a toalha úmida na pele entre as minhas coxas e eu me contorci levemente.

— Dói?

— Não — menti.

Seu toque era delicado, quase cirúrgico. Quando terminou de me limpar, ele se levantou e saiu com a toalha suja de sangue.

Aquilo estava realmente acontecendo? Eu estava realmente na cama de Trenton?



Callum voltou para o quarto, seu rosto sério como sempre.

Eu não tinha ideia do que fazer.

Qual era o protocolo?

Vestir minha roupa, agradecer a transa e ir embora?

Provavelmente. Acho que era o que a maioria dos jovens que tinham sexo casual fazia.

Mas Callum e eu não éramos como a maioria dos jovens.

E aquilo havia sido mais do que sexo casual.

Por isso era complicado e ferrado para cacete.

Observei seu longo e musculoso corpo vir em direção à cama.

— Essa é a parte em que você fala algo horrível e me chuta para fora de casa — eu disse, sem conseguir evitar o ácido em minha voz.

Seus olhos tomaram uma expressão sombria.

— Para. Não começa com essa merda — murmurou ele, deitando-se na cama.

— Não estou começando. Só estou falando como fun...

— Eu consigo imaginar várias formas de te calar agora — ele me cortou e se inclinou sobre mim. Consegui sentir seu membro na minha barriga. — Mas eu sei que você está dolorida. Então, se planeja estar andando até amanhã, para de testar a minha paciência.

Seus olhos estavam fixados nos meus. A sua irritação era mais do que clara.

Não respondi. Eu sabia que havia merecido.

Eu estava estragando aquilo. E propositalmente.

Eu não sabia exatamente o porquê, mas acho que estávamos tão acostumados a nos ferir e erguer barreiras que aquela era a minha forma de me proteger.

Ergui meu rosto e o beijei. Ele pareceu surpreso por um momento, mas então me beijou de volta.

Callum rosnou contra meus lábios.

— Merda.

— O que foi? — perguntei.

Ele parecia estar literalmente sentindo dor.

— A gente precisa parar — declarou, rolando para o lado.

— Por quê?

— Porque não podemos de novo. Não com você assim — murmurou ele, encarando o teto.

Fiquei de lado e me aproximei dele, colando minha pele nua na sua. Minha mão foi para o seu peito e rocei a minha perna levemente em sua coxa.

Seu corpo automaticamente ficou tenso.

Era crueldade. Eu sabia disso. Mas eu gostava de provocá-lo. Gostava de vê-lo perder a compostura. Gostava de causar uma reação nele.

Ele pegou o lençol que estava jogado nos pés da cama e colocou sobre o meu corpo nu. Ergui as sobrancelhas e contive uma risada de sua tentativa para não perder o controle.

Alguns segundos se passaram.

— O que acontece agora? — indaguei, finalmente.

Ele virou o rosto e me encarou.

— O que você quer que aconteça? — perguntou com cautela.

Pensei por um momento.

— Não faço ideia.

Ele voltou a olhar para o teto.

— Foi real — disse ele, alguns segundos depois.

— O quê?

— Você disse que quando nos beijamos, havia sido real para você. Para mim também foi.

— Não pareceu. Se foi real, por que agiu de forma tão cruel?

— Porque eu não queria que fosse. Mas estou malditamente cansado de negar.

Engoli em seco.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que você começou isso e não há mais volta.

— Eu não quero voltar. — A minha voz não passava de um sussurro.

— Bom, nem eu.

— Eu não estou arrependida do que a gente fez aqui, se é isso o que está pensando. Tudo o que eu disse lá embaixo é verdade.

Ele continuou me encarando fixamente, absorvendo cada palavra.

Sua mão foi em direção à minha barriga nua e ele me puxou mais para perto.

— Eu sei.

Ficamos nos beijando por mais um tempo, até que eu disse que precisava ir embora. Estar ali, na cama com ele, era o paraíso, mas ao mesmo tempo era confuso e complicado. Eu ainda temia a repercussão daquilo, de me jogar tão completamente.

Vesti minha roupa enquanto ele me observava, deitado na cama. Quando terminei, ele se levantou e nós andamos em silêncio até a porta. Observei sua camisa, que estava jogada no chão da sala, e meu rosto esquentou com as lembranças.

Callum abriu a porta, e eu estava prestes a passar por ela quando sua mão prendeu meu pulso.

Ele me surpreendeu com um beijo.

Quando nossos lábios se separaram, com a voz rouca e o olhar sério, ele declarou:

— Você sabe que a gente não terminou, não sabe?

Assenti.

Eu não tinha certeza exatamente, mas o que quer que começamos ali, estava bem longe de terminar.



— Você transou, não foi? — Saga perguntou no dia seguinte, enquanto nós almoçávamos em uma lanchonete próxima ao campus.

A pergunta foi tão repentina que eu quase engasguei com a minha bebida.

— Está na sua cara... — Ela deu de ombros. — Até porque, se tivesse dado merda, você teria dito alguma coisa.

— É, a gente transou.

Um sorriso malicioso cresceu em seus lábios.

— Eu sabia! E aí, como foi?

— Foi bom. Perfeito, eu diria.

— Só isso? Não vai me dar mais detalhes? — ela instigou, frustrada.

Eu não estava envergonhada ou algo do tipo. Eu me sentia confortável com Saga e não me importava em contar certas coisas para ela. Mas aquilo era muito meu. Meu e do Callum. Era muito mais do que perder a virgindade. Além do mais, nem se eu tentasse colocar em palavras o que tinha acontecido, eu conseguiria.

— Ele foi muito gentil. O resto fica para a sua imaginação... — Sorri.

— Deus, você é malvada — ela acusou e então sorriu de volta. — E fique sabendo que a minha imaginação é muito fértil.

Terminamos o almoço e eu fui para casa.

Repassei o ocorrido entre mim e o Callum pela vigésima vez enquanto eu entrava em meu apartamento.

Meu coração explodia só de relembrar, era ridículo. E eu não gostava. Aquilo era extremamente perigoso. Mas não tinha como evitar, já era tarde demais, e eu não tinha controle sobre aqueles sentimentos.

Ele foi tão gentil, tão vulnerável, tão real.

Callum foi tudo o que eu sempre achei que ele poderia ser se não fosse o nosso passado e as nossas cicatrizes.

Não havia mais jogo entre nós naquele momento. Éramos só nós dois e nada mais.

E ao mesmo tempo que era perfeito, era muito para assimilar. Nós viramos a mesa completamente em apenas um dia e eu ainda não sabia o que esperar.

Eu estava morrendo de medo da próxima vez que o encontraria.

## Capítulo 28

— Feliz aniversário, tio Dan — cumprimentei na porta da grande casa, o único lugar que eu conhecia como lar ultimamente.

Depois daquela noite no topo do prédio, não vi Callum por quase dois meses. A última imagem que eu tinha dele era a da polícia o levando. Ele parou de ir ao colégio, nem os amigos dele sabiam onde Callum estava. Havia boatos pelos corredores do colégio. Alguns diziam que ele havia sido preso pelos mais variados motivos. Roubo, tráfico, briga... Outros diziam que ele havia simplesmente se mudado. Acontece que nem seus amigos mais próximos sabiam da merda que estava acontecendo dentro de sua casa.

Além da polícia, só eu sabia daquela noite. E eu não a compartilhei com ninguém. Mas eu também não sabia o que tinha acontecido depois que ele foi levado.

Só sei que, por dois meses, eu mal comi ou dormi. Eu andava pelos corredores da escola o procurando, com a esperança de que ele fosse aparecer e tudo voltasse ao normal.

E então, ele finalmente voltou.

O problema foi que, quando isso aconteceu, tudo mudou.

Callum já não era o mesmo. Ele tinha aquela raiva dentro de si. Todo aquele ódio.

Callum voltou para se vingar.

Então, meu inferno começou.

Ele passou a me torturar sempre que tinha oportunidade. Callum me fez tão miserável quanto ele.

Porque eu tomei uma decisão que, no fundo, eu sabia que nunca havia sido minha.

Ficamos nesse jogo por um longo tempo, até que eu saí da escola, quase prestes a me formar. Eu já estava no limite, e em casa era tão pior

quanto. Então, fui embora. Simplesmente deixei o colégio numa sexta-feira e nunca mais voltei. Eu não planejava fazer aquilo, mas não aguentava mais. Minha mãe já não fazia questão de mim em casa, inclusive preferia quando eu não estava por perto.

Eu ainda não tinha dezoito anos, então, meu tio, um dos meus únicos parentes vivos, me convidou para morar com ele.

Ele morava em uma cidade a mais de uma hora de distância. Era perfeito. Eu me esconderia de tudo e de todos.

Matriculei-me em uma escola por lá e terminei o ensino médio.

Prometi a mim mesma que voltaria quando as coisas melhorassem em casa. Mas nunca melhorou. O sentimento de minha mãe por mim continuou o mesmo. Apesar das minhas tentativas, era cada vez mais difícil.

Então, fiquei por lá até entrar na faculdade.

Com tio Dan era fácil. Ele era um cara na dele, sério, mais reservado. Mas muito calmo e compreensivo.

Ele foi o sopro que eu tanto precisava.

Tio Dan me lançou um pequeno, porém sincero sorriso e abriu espaço para que eu entrasse. Em seus cabelos escuros já havia sinais de alguns fios brancos. Era alto e bem forte. Quando não estava trabalhando, estava na academia. Era divorciado e não tinha filhos.

Passei pelo corredor e fui até a cozinha deixar o bolo caseiro que eu tinha feito para o seu aniversário. Tio Dan não cozinhava, sempre comia fora, mas eu sabia que ele apreciava muito a comida caseira. Eu vivia fazendo doces para nós quando eu morava lá. Eu me sentia um pouco solitária, já que ele passava tanto tempo fora, então adquiri um certo gosto por atividades como culinária e jardinagem. Tio Dan tinha um vasto jardim, onde eu havia passado horas explorando e cuidando no passado.

— Morango? — ele perguntou enquanto abria a gaveta de talheres.

Assenti com um sorriso.

Ele então se sentou no banco ao meu lado e me entregou um garfo.

Conversamos enquanto eu tentava tirar da mente tudo o que me

conflitava, principalmente Callum.



Eu estava saindo da portaria do meu prédio quando algo prendeu meu olhar. Callum havia estacionado o carro a poucos metros de distância. Seus braços estavam cruzados no peito e seu corpo estava apoiado levemente no automóvel, na porta do passageiro. Ele encarava diretamente o meu prédio, como se estivesse me esperando.

Já era de noite e estava um tanto frio, ele usava uma jaqueta escura por cima da blusa branca.

Eu me aproximei em silêncio, nossos olhares fixados um no outro. Eu estava confusa e um tanto surpresa com sua presença ali.

— Oi — eu disse, um pouco incerta.

Sua expressão não mudou. Neutra como sempre.

— Oi — ele devolveu, sem tirar os olhos dos meus.

Parei na calçada, a alguns passos de distância dele.

— O que está fazendo aqui?

— Eu também tenho aula agora, pensei em te dar uma carona — ele disse simplesmente.

Fiquei em silêncio por alguns segundos enquanto observa seu rosto.

— Por quê? — finalmente perguntei.

— Porque eu queria te ver.

Não havia muita emoção em sua voz. Ele disse aquilo como se dissesse que horas eram. Como se aquilo fosse normal para nós. Como se ele querer me ver fosse algo natural para ele.

— Por quê? — repeti a pergunta, agora com mais firmeza.

— Eu preciso de um motivo para querer te ver?

Dei de ombros.



— Todos precisam de um motivo para fazer qualquer coisa.

Ele me encarou com seriedade.

— Você realmente vai fazer isso? — ele perguntou, frustração e irritação começando a aparecer em seus olhos.

— Eu agradeço a carona, mas prefiro ir com o meu carro.

— É só uma carona, não pense tanto sobre isso.

— Trenton, eu agradeço, mas...

— Não me chame assim — interrompeu ele, a voz dura.

— Como? — Franzi as sobrancelhas, sem entender.

— Trenton. Não me chame pelo meu sobrenome.

— Por que não? Sempre foi assim.

— Não é mais — ele disse simplesmente.

Um silêncio se estabeleceu sobre nós enquanto digeríamos o que aquelas pequenas três palavras significavam. Ele então continuou:

— Acho que agora temos intimidade o suficiente para que me chame pelo meu primeiro nome.

Sua voz era levemente sugestiva, e por um segundo imagens daquela noite invadiram a minha mente com uma força assustadora. Torci para que meu rosto não estivesse corando. Enquanto observava Callum, eu sabia que as mesmas coisas passavam pela sua cabeça. Mas ele não parecia nada desconfortável, apenas me olhava atentamente.

Eu me recompus e disse:

— Tudo bem. Mas eu realmente não preciso de uma carona. Obrigada.

Então eu me virei e comecei a andar em direção ao meu carro, que estava mais para o final da rua.

— Você se arrependeu?

Sua voz veio baixa e calma. Parecia uma pergunta, mas senti como se fosse quase uma afirmação.

Parei instantaneamente. Virei-me lentamente em sua direção. Quando encontrei seu olhar, a intensidade foi assustadora.

Por um segundo, pensei ver mágoa em seus olhos.

— Não — respondi. — Acho que não.

— Então, por que está fugindo?

— Não estou — rebati.

— Você sabe que está.

— Não estou fugindo — repeti com mais convicção, e então completei: —Estou... evitando.

— Por quê?

— Eu não confio em você.

As palavras saíram com rapidez e certeza assustadora.

Quase ofendido, ele me encarou.

— O que você acha que eu vou fazer? Te sequestrar ou algo do tipo?

— Não é isso.

Ele não estava entendendo.

— Então o que é? — Callum elevou a voz, parecendo frustrado.

Suspirei.

Tudo o que aconteceu entre nós naquela noite foi intenso e me pareceu real. Na verdade, nada nunca me pareceu tão real. Mas ao mesmo tempo tinha uma parte de mim que não conseguia deixar com que eu simplesmente me jogasse cegamente naquilo. E por mais que eu odiasse aquela parte mais dura e desconfiada, foi ela que me manteve viva durante tudo o que aconteceu no meu passado.

— Eu não confio no que está acontecendo. Na sua mudança repentina e em tudo o que aconteceu com a gente. Não confio completamente que isso não seja mais um jogo seu.

Callum me observou por um longo momento enquanto digeriria as minhas palavras. Então desviou os olhos dos meus. Ele parecia ofendido,

magoado e irritado.

Quando seus olhos encontraram os meus novamente, um sorriso amargo apareceu em seus lábios. Sua voz era aço.

— Depois daquela noite... Depois do que aconteceu... Você acha que eu estou jogando?

Sustentei seu olhar intenso.

— Você não pode me culpar. Devido a toda a nossa história.

— É, não posso — concordou ele, com a voz amarga.

Callum tirou as costas que estavam apoiadas no carro e deu a volta, parando em frente à porta do motorista.

— Sinto muito. Não é fácil para mim também — eu disse, antes que ele entrasse no carro. Eu não estava gostando do fim daquela conversa, assim como não estava gostando de vê-lo ir embora daquela forma.

Ele colocou as mãos na maçaneta, mas antes de abrir a porta, com a voz dura, perguntou:

— Então, o que você quer fazer? Fingir que nunca aconteceu?

— Não, é claro que não — neguei rapidamente. — Acho que quero... um tempo. Até ter certeza de que é isso mesmo.

Callum me observou por um longo momento, como se mal estivesse acreditando nas minhas palavras.

— Um tempo? — perguntou, com claro desprezo em sua voz.

Engoli em seco.

— É.

— Tome seu tempo, então. Mas você sabe tão bem quanto eu que nenhum de nós pode fugir do que aconteceu.

Ele entrou no carro e foi embora.

Callum não precisava me dizer, eu sabia muito bem que não podia fugir daquilo.

Estávamos tentando desde o dia em que nos conhecemos, mas por

alguma razão sempre acabávamos voltando um para o outro.

## Capítulo 29

Observei Jack enquanto ele voltava com três copos de uísque nas mãos. Havíamos apostado que ele não conseguiria se passar por hétero e convencer a *bartender* bonitinha a nos dar doses de uísque de graça.

Perdemos, é claro.

— Cara, como ele consegue? — perguntei à Saga, antes de ele chegar à mesa.

— Deve ser a beleza cegante — ela murmurou de volta.

Jack colocou os copos sobre a mesa e deu um sorriso convencido.

— Eu disse.

Com uma careta, tirei uma nota de dez da bolsa, assim como Saga. Ele pegou as notas e as colocou no bolso.

— Se eu fosse hétero, todas vocês estariam perdidas — declarou.

Rolei os olhos.

— Sabe, modéstia é bem atraente. Você deveria tentar de vez em quando.

Jack me encarou como se eu tivesse dito algo muito estúpido e incoerente.

— Quando se tem um rosto desse, não há tempo para modéstia.

Eu sorri e nós entornamos nossas doses.

— Estou começando a ficar preocupada com a nossa frequência neste bar — Saga comentou.

— Eu também. Segunda vez só esta semana — Jack completou.

— Realmente, deveríamos dar uma desacelerada com a bebida — eu disse.

Saga concordou.

— Mais três cervejas, por favor — Jack exclamou para uma das garçonetes.

Nenhuma de nós duas o impediu.

A verdade é que sempre acabávamos tendo um ótimo momento naquele bar. Conversávamos e bebíamos um pouco. Não o suficiente para ficarmos bêbados, mas o suficiente para darmos boas risadas.

Eram os poucos momentos da semana em que eu apenas curtia o presente com pessoas que eu adorava.

— Ih, olha quem chegou — avisou Jack.

Segui seu olhar e encontrei Callum entrando no bar. Enquanto ele caminhava em direção às mesas, seu olhar cauteloso e firme varria o lugar como se estivesse procurando algo. Ou alguém.

E eu sabia exatamente o que seus olhos estavam tentando encontrar.

Nesse segundo, ele me achou.

Nossos olhos ficaram presos por um momento. Sua expressão era neutra e seu rosto estava sério, como sempre. Minha pulsação acelerou e eu pensei no quanto era ridículo como os segundos se prolongavam a ponto de o tempo parecer congelar toda vez que cruzávamos o olhar. Callum enfim desviou, como se nada tivesse acontecido.

— Essa tensão sexual de vocês está me sufocando — disse Jack, tirando minha atenção de Callum.

Eu me virei para ele.

— Cala a boca.

Jack apenas sorriu.

— Parece que alguém está disposta a aliviar a tensão dele — comentou Saga.

Segui seu olhar e encarei a mesa de Callum. Ele estava sentado com dois homens e duas mulheres. O problema era que uma delas estava se inclinando de forma nada sutil em sua direção.

Callum conversava com um dos homens, mas a loira acariciava suas costas enquanto se inclinava cada vez mais.

Inspirei com força, sentindo a pontada de ciúme aguda.

*Droga.*

— Quer que eu vá até lá e deixe minha cerveja cair sem querer no cabelo dela? — Saga perguntou.

Eu me virei para a minha amiga e forcei um sorriso.

— Não, mas obrigada.

*Mas se a loira se inclinar um pouquinho mais...*

Afastei o pensamento irracional da cabeça e mudei de assunto.

Tentei ignorar a cena enquanto conversava com meus amigos, mas era extremamente difícil. Eu sentia um extraordinário sentimento de posse. Do qual eu sabia que era totalmente estúpido e errado, mas era inevitável. A vontade de tirar aquela loira de cima dele era feroz.

Mas eu não estava tão surpresa. As mulheres gostavam de Callum, sempre gostaram. Eu me lembro da época da escola, como as garotas falavam dele e ficavam ao seu redor. Ele era bonito demais. Sempre foi confiante e mais na dele, o que passava um ar de mistério. Aquilo era fatal para a maioria das mulheres. E eu sabia muito bem disso, porque sentia na própria pele.

Enquanto eu me retorcia de ciúme, fui surpreendida com Anthony. Ele praticamente caiu sobre a nossa mesa.

— Oi, gata — murmurou, e eu senti o forte cheiro de álcool em seu hálito.

Ergui as sobrancelhas e me afastei um pouco. Ele tinha os cotovelos apoiados na mesa e me observava com um sorriso bêbado no rosto.

— Hum, oi, Anthony. Eu não tinha te visto aqui.

Seu sorriso bêbado se alargou.

— Cheguei agora, vim de uma festa para encontrar uns amigos.

— Então, onde eles estão? Você deveria se juntar aos seus amigos — comentou Saga, sem nenhuma sutileza.

Ele ignorou o comentário. Ou não ouviu. Anthony realmente parecia fora de si. Seus olhos estavam injetados e ele parecia ter dificuldades em mantê-los abertos.

— Sabe, eu venho pensando em você... — começou, se enrolando um pouco com as palavras.

— Anthony, é bom te ver, mas eu estou com os meus amigos e não quero conversar agora.

*Ou nunca, pensei.*

Eu gostava do Anthony, até ele ter me mandado uma mensagem acabando com tudo. Sei que havia sido culpa do Callum, mas o Anthony pulou fora na primeira dificuldade que apareceu. Se realmente gostasse de mim, aquilo não aconteceria.

Ele se aproximou, invadindo completamente o meu espaço. Recuei um pouco. Anthony pegou uma mecha do meu cabelo e observou meu rosto com muita atenção.

— Cora, você é uma das garotas mais boni...

— O que eu disse que faria se te visse perto dela novamente?

Nós quatro viramos nossos rostos e olhamos para cima.

Callum estava parado em frente à nossa mesa, olhando diretamente para Anthony. Meu corpo automaticamente ficou tenso.

Um longo silêncio se estabeleceu e eu apenas consegui ouvir Jack murmurar:

— Fodeu.

Callum não parecia nada feliz.

— Achei que você não ligasse mais. Estava ocupado com a loira ali  
— Anthony rebateu, fazendo seu melhor para sustentar o olhar de Callum.

— Achou errado. Eu estava ocupado pensando em todas as formas que vou quebrar a sua cara.

A cada segundo que se passava, Anthony parecia mais perto de levar uma surra.



— Eu... — ele começou.

Mas Callum o interrompeu:

— Eu ainda não entendi por que você não sumiu daqui. Estou perdendo a paciência, e acredite em mim quando digo que você não quer me ver sem paciência.

Um longo momento se passou. Os dois se encaravam intensamente. Callum tentando controlar a raiva no corpo e Anthony debatendo se queria encarar ou ir embora. Ele finalmente tomou a decisão certa e se afastou de nossa mesa. Observei enquanto ele andava cambaleando para longe.

Quando me virei, notei que Callum estava me encarando fixamente.

— Qual é o seu problema? — perguntei.

Ele franziu as sobrancelhas.

— O meu problema? O imbecil estava quase em cima de você. E você perdeu a cabeça se acha que eu ia deixá-lo continuar com aquela merda.

Meus amigos apenas observavam, em silêncio. Eu estava prestes a abrir a boca, mas então olhei em volta e notei que outras pessoas também estavam observando. E eu não faria aquilo na frente de todo mundo.

Eu me levantei e andei com passos duros em direção ao fundo vazio do bar, longe daqueles olhares. Callum me seguiu.

— Você não precisava ter feito aquilo, sabe disso. Eu tinha as coisas sob controle — eu disse quando finalmente estávamos longe de todos.

Callum não demorou nem um segundo para responder:

— Não me importo. Eu ficaria maluco se tivesse que assistir a mais um segundo daquilo.

Cruzei os braços e descansei minhas costas na parede enquanto o observava.

— Bem, você deveria trabalhar esse autocontrole. Eu não fui até a sua mesa e tirei aquela loira de cima de você.

Achei que ele rebateria instantaneamente, mas Callum ficou em silêncio por um momento. Sua expressão era uma mistura de surpresa e

fascínio.

— Você está com ciúmes? — perguntou ele, com a voz mais controlada.

Desviei o olhar e não respondi à pergunta.

— Você não a despachou. Ela estava praticamente no seu colo e você deixou. — Odiei como a minha voz pareceu magoada.

Ele deu um passo à frente.

— Ela não estava no meu colo. E eu não poderia estar me importando menos com ela ou onde ela estava sentada.

— Não foi isso o que eu vi. — Minha voz estava amargurada.

Ele franziu o cenho e passou uma mão pelos cabelos, parecendo frustrado e irritado.

— Porra, você é impossível. Foi você quem pediu a porra desse tempo. Ela não estaria nem sentada naquela mesa se você estivesse comigo.

Seu olhar intenso estava por toda parte. As palavras travaram na minha boca. Uma longa pausa se estabeleceu entre nós.

Eu sabia que ele estava certo.

Callum continuou:

— Eu não consigo te entender. Você foi até a minha casa. Você disse todas aquelas coisas. Disse que me ama, merda. E agora está me evitando completamente. Você pelo menos quis dizer tudo o que disse?

Não precisei pensar para responder, as palavras rapidamente saíram da minha boca:

— Claro, tudo o que eu disse é verdade.

— Então o que estamos fazendo?

Suspirei.

— Eu não sei, essa é a questão, Callum. Eu não faço ideia. Isso começou tão repentino... E a gente não pode simplesmente esquecer tudo o que aconteceu, todo o nosso passado. Não dá para apagar.

Ele sorriu de forma amarga.

— Eu sei que não dá. Deus sabe como eu já tentei. — Fez uma pausa.  
— Eu não estou tentando fazer isso. Eu só quero seguir com a gente agora. Seguir com o que aconteceu no segundo em que você disse todas aquelas coisas para mim.

— Eu te amo, mas não confio em você. E confiança não se constrói em apenas alguns dias. Eu só quero ir devagar. Depois de tudo o que aconteceu, eu só quero ir devagar...

Ele deu um passo brusco em minha direção e me interrompeu:

— Mas não dá para ir devagar com a gente. É isso o que você não entende.

Sua expressão era quase torturante. Ele me observou e esperou. Um longo momento se passou. Desviei o olhar e encarei meus pés.

— Você ainda não disse o meu nome — eu disse baixinho.

— O quê?

Levantei a cabeça e voltei a encará-lo.

— Meu primeiro nome. Você nunca me chamou de Cora. Você disse que tínhamos intimidade o suficiente para eu te chamar de Callum, mas não o contrário. Por quê?

Os segundos se transformaram em décadas. Callum abriu os lábios, mas então os fechou. A intensidade em seu olhar era assustadora. Ele parecia querer dizer algo, mas tinha dificuldade.

Então ele inspirou fundo e fechou o espaço entre nós, parando na minha frente. Colocou os dedos no meu queixo e ergueu meu rosto para que eu encontrasse o dele.

— Porque no segundo em que seu nome sair dos meus lábios, não vai ter mais volta. Você será minha. Completamente e infinitamente. Minha.

Engoli em seco.

— Não quero voltar — consegui dizer.

— É, nem eu.

Callum observou meus olhos e então desceu os lábios até a minha boca. Ele me beijou lentamente, apenas o encostar dos lábios. Então, quando eu achei que ele ia intensificar o beijo, ele afastou seu rosto. Olhou em meus olhos e abriu a boca. Sua voz era rouca e quase dolorida.

— Cora.

Meu nome saiu de sua boca como se fosse uma promessa. E foi aí que eu entendi por que ele me pediu para repetir várias vezes o seu nome. Era a intimidade. Era o fato de termos passado anos nos chamando pelo sobrenome, pois a ideia de nos tratarmos com tanta proximidade era aterrorizante.

Ele beijou meus lábios novamente; desta vez, de forma faminta.

— Eu vou te buscar amanhã, às oito — ele disse quando nossas bocas se separaram.

— O quê? — perguntei, confusa, ainda me recuperando do beijo.

— Vamos a um encontro — Callum declarou simplesmente.

Eu o encarei, chocada demais para falar qualquer coisa.

— Você quer ir devagar? Beleza. Vamos devagar. Mas não há tempo ou demora longa o suficiente que apague o fato de que agora você é minha.

Ele me soltou e, antes de se virar, disse:

— Até amanhã, Cora.

## Capítulo 30

Callum chegou ao meu apartamento às oito e dois. Eu estava pronta quando ele apareceu, já que tinha começado a me arrumar antes das sete horas. Vesti pelo menos quatro roupas diferentes até me decidir por um vestido vinho de alcinha que ia até a metade das minhas coxas.

Jack estava no meu apartamento me ajudando a compor o *look* perfeito. Mas a verdade é que eu o havia chamado porque achei que seria uma boa distração. Eu estava meio nervosa e um tanto ansiosa, precisava de algo que tirasse Callum da minha cabeça por pelo menos alguns minutos.

— Você está gostosa para cacete. Sabe disso, né? — ele perguntou enquanto me observava, sentado casualmente no sofá da sala.

Sorri de forma travessa.

— Continue.

— Hum... Você está parecendo uma criatura divina nesse vestido. Mas sem a parte da pureza. Esse vermelho grita sexo — ponderou ele, sério.

Eu ri.

— Então, eu pareço um anjo safado?

— Exato — ele assentiu.

— Não sei se isso é possível. Anjos são criaturas castas.

Ele sorriu maliciosamente, me mostrando uma fileira de dentes perfeitos.

— Não há nada de casto sobre você nessa roupa.

Realmente gostei de como aquele vestido ficou em mim, eu estava bem confiante em relação à minha aparência. Mas eu ainda estava extremamente ansiosa por não saber o que esperar de um encontro com Callum Trenton.

— Eu queria ser uma mosca para poder seguir vocês esta noite —

Jack comentou alguns momentos depois.

Antes que eu pudesse responder, a campainha tocou. Fui em direção à porta, sentindo meu coração bater mais rápido a cada passo que eu dava.

Quando girei a maçaneta e a abri, perdi o fôlego. Dizer que ele estava bonito era eufemismo.

Não havia nada tão diferente em Callum. A única coisa que havia mudado era que ele tinha colocado uma blusa preta de botões ao invés de uma camisa comum. Mas, de alguma forma, aquilo o deixou ainda mais atraente. E eu pensei que Callum Trenton não poderia ficar mais bonito.

Nossos olhos se encontraram por um momento e então o seu olhar desceu para o meu corpo, até chegar aos meus saltos pretos e voltar para o meu rosto.

— Oi — eu disse, vendo que ele não o faria.

— Oi. — Sua resposta veio rouca.

— Ela está uma belezura nesse vestido, não está? — Jack comentou, aparecendo atrás de mim.

Minhas bochechas rapidamente se tornaram vermelhas e eu me virei para ele, o lançando um olhar nada amigável pela opinião desnecessária. Mas quando voltei a encarar Callum, todo o rubor se foi. Callum tinha a mandíbula cerrada e o ar focado diretamente em Jack.

— Relaxa, eu sou o amigo gay — Jack esclareceu, estendendo a mão.

A expressão de Callum se aliviou e ele apertou a mão de Jack. Meu amigo então se virou para mim e sussurrou no meu ouvido:

— Meu Deus, pensei que ele fosse me esfolar vivo. Foi tão quente.

Eu estrangulei uma risada.

— Ok. Estamos indo — declarei, dando um passo para fora do meu apartamento e me aproximando de Callum.

— Beleza. Eu vou comer a pizza velha que vi na sua geladeira e depois vou embora — Jack comentou.

Nós nos viramos, e estávamos quase na metade do corredor quando

ele exclamou antes de fechar a porta:

— Sexo é mais gostoso com proteção!

*Meu Deus.*

Eu ia matá-lo da próxima vez que o visse.

Callum me encarou, suas sobrancelhas levemente erguidas.

Eu sorri, sentindo as bochechas quentes.

— Eu sei. Ele é um pouco... demais — eu disse, sem graça.

— É, notei — devolveu ele, com um quase imperceptível sorriso nos lábios.

Entramos no elevador e, depois de apertar o botão do estacionamento, Callum se virou para mim.

— Eu pensei em trazer flores, mas você não me parece ser o tipo de garota que gosta desse tipo de coisa.

Sua declaração foi repentina e me pegou de surpresa.

— Tudo bem. Eu realmente não me importo.

E eu estava falando sério. Flores, para mim, eram uma perda de dinheiro. Elas morriam em menos de uma semana e ainda davam trabalho, porque precisavam ser molhadas. E você ganhava o que em troca? Algo bonito para colocar na sua mesinha e que talvez cheirasse bem? Não parecia muito vantajoso para mim.

— Você não precisa se sentir obrigado a fazer todo esse lance ensaiado de encontro. — Dei de ombros. — Trazer flores, dizer que sou bonita, abrir a porta do carro, pagar a conta... Estar a sós e conversar com você é só o que eu espero de hoje à noite.

Callum me encarou por vários segundos, em silêncio. Quando ele finalmente abriu a boca, disse:

— Eu não costumo verbalizar coisas óbvias. Falar que você é bonita é como dizer que precisamos de ar para sobreviver. É redundante. Mas se você me disser que gosta de ouvir, eu posso passar a noite toda dizendo como eu adoraria te tirar desse vestido e te mostrar coisas que você nem é capaz de

imaginar.

O elevador chegou e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Callum simplesmente saiu, deixando aquela frase no ar, como se acabasse de dizer “*boa tarde*”.

Entramos em seu Jeep e saímos do estacionamento. Callum cheirava muito bem, e quando fechamos as janelas, fui inundada pelo seu odor. Eu queria me virar e colar o rosto em seu pescoço.

O caminho até o restaurante foi rápido e silencioso. Callum só falou quando me perguntou se a temperatura do carro estava boa.

O restaurante era uma grande casa antiga, com altas colunas e uma bela vista para o extenso jardim. Nós saímos do carro e o garçom nos levou até a mesa que Callum tinha reservado. Não estava lotado, mas mais da metade das mesas estavam ocupadas. Notei que todos ali estavam bem vestidos.

Nós nos sentamos à mesa e o garçom nos entregou os cardápios. Peguei o meu e o encarei, ponderando sobre minhas opções. Então senti o olhar de Callum em mim. Ele já tinha visto o cardápio e agora me encarava, enquanto eu tentava me concentrar nos pratos e nos preços.

— Você ainda gosta de macarrão ao molho branco? — ele perguntou.

Levantei meu olhar e finalmente encontrei seus olhos.

Assenti.

— Já sei do que vai gostar, então — concluiu ele, fazendo sinal para o garçom.

— Como você sabe disso? — perguntei quando seus olhos castanhos voltaram para os meus.

— É o que você costumava pedir na época da escola.

Eu o encarei por um longo momento.

Toda quarta-feira era dia de macarronada no refeitório. Você podia pedir ao molho de tomate, branco ou sem qualquer molho. Eu pedia sempre o branco.

O fato de ele saber disso me pegou de surpresa.



— Eu não sabia que você se lembrava de tanta coisa da época da escola.

Ele me encarou intensamente. Seu rosto era sério e profundo.

— Eu me lembro de tudo.

As memórias do passado correram em minha mente como vários flashes.

— É, eu também.

Um longo momento se passou e ele finalmente falou:

— Mas eu não quero falar sobre isso. Não hoje. Por uma noite, eu quero estar com você sem toda a nossa bagagem. Só um cara em um encontro falando sobre assuntos banais com uma garota bonita.

Sorri. E nesse momento o garçom chegou para anotar o nosso pedido. Depois, ele saiu.

Um dos garçons deixou cair uma bandeja, fazendo um enorme barulho e quebrando várias louças. Callum virou o rosto para a direita, em direção a toda a bagunça. Aproveitei para olhá-lo de perfil.

Agora eu entendia por que todas as garotas da escola ficavam atrás dele. Eu muitas vezes as condenava, mas era injusto. Elas não tinham culpa nenhuma. Elas apenas tinham olhos. E aquilo era o suficiente para uma mulher se apaixonar por Callum.

Sua mandíbula bem marcada parecia ter sido desenhada por um artista genial. Seus cílios eram escuros e longos, talvez maiores que os meus e de muitas mulheres. O cabelo castanho era do tamanho perfeito. Não era comprido, mas era longo o suficiente para se querer passar os dedos entre os fios e se perder neles.

Suspirei.

Ele olhou para mim.

— O que foi?

*Merda.*

Eu havia sido pega.

Senti minhas bochechas corarem, então rapidamente inventei algo.

— Sobre o que vamos falar? Um encontro tem o intuito de conhecer a outra pessoa. Nós já nos conhecemos.

Ele deu de ombros.

— Há coisas que ainda não sei sobre você.

— Como?

Ele ponderou em silêncio por dois segundos.

— Sua cor preferida. O filme que mais gosta. Prefere gatos ou cachorros? — Ele pausou por um momento e então completou, com o rosto sério: — Eu quero saber tudo, Cora.

Engoli em seco, tentando ignorar o que aquela última frase havia feito com o meu coração.

— Não tenho uma. Qualquer um do David Fincher. Gatos. E você?

— Acho que azul. *O Poderoso Chefão*. Cachorros.

— Eu nunca vi *O Poderoso Chefão*.

Ele franziu o cenho.

— É um clássico.

— Eu sei.

— Você precisa assistir.

— É bom assim?

— Vamos ver na minha casa esta semana e você mesma me diz.

Um pequeno sorriso tomou meus lábios e eu não me segurei.

— Isso é você me convidando para um segundo encontro?

Seu rosto era sério, mas senti a diversão em seus olhos quando ele respondeu:

— É o que você quiser que seja.

Assenti e tomei um gole de vinho. O garçom chegou à mesa com os

nossos pratos. O meu ravióli ao molho branco estava sensacional.

— Meu Deus, isso é divino. Dá para pedir mais uns três desse? — perguntei e logo depois coloquei mais um pedaço na boca.

Ele sorriu. Um sorriso genuíno, sem malícia, maldade ou sarcasmo. Apenas um sorriso de garoto. E por um momento, Callum me pareceu apenas um cara normal de vinte anos. Sem preocupações, sem cicatrizes, sem bagagem. Por um momento, eu vi o que ele poderia ter sido se não fosse toda a merda do seu passado.

E foi lindo. Realmente belo.

Prometi a mim mesma que dali para frente eu faria tudo o que tivesse em meu poder para ver mais daquele sorriso.

Quando eu estava terminando de comer, ouvi risadinhas. Olhei para a esquerda e notei as três mulheres na mesa próxima à nossa. Elas pareciam ter a nossa idade, mais ou menos. Elas estavam lançando olhares para Callum e cochichando entre si.

Eu não as culpava por achá-lo atraente, mas me incomodava um pouco o fato de elas não tentarem cochichar com mais sutileza, considerando que ele estava obviamente acompanhado.

O garçom chegou e tirou os nossos pratos, nos entregando o cardápio de sobremesas. E as mulheres ainda observavam descaradamente.

Callum estudava o cardápio, casualmente encostado em sua cadeira, parecendo relaxado e completamente alheio a elas.

Depois que pedimos a sobremesa, perguntei:

— Você está fingindo que não nota ou realmente não faz ideia?

Ele me observava, e quando a pergunta saiu dos meus lábios, pareceu confundi-lo.

— O quê? — indagou.

— As garotas na mesa à esquerda.

Ele moveu a cabeça para a esquerda, finalmente entendendo. As três rapidamente desviaram o olhar, suas bochechas mais vermelhas que pimentões.

Callum voltou o olhar para o meu.

— Não notei — ele disse simplesmente.

— Como não? Está terrivelmente óbvio.

— Não estou prestando atenção nelas.

Nesse momento, nossa sobremesa chegou. Achei que o assunto havia sido encerrado e peguei a minha colher para mergulhar em meu sorvete. Alguns segundos se passaram quando ele perguntou de repente:

— Isso te incomoda?

Eu o encarei por alguns segundos, surpresa e sem saber o que responder.

— Não — menti.

Callum não desviou o olhar sério do meu.

— Te incomoda? — repetiu.

Não havia saída fácil com ele. Callum me conhecia dolorosamente bem.

— Um pouco — admiti.

Ele abaixou o olhar para a sobremesa e eu fiz o mesmo.

— Bom — ele murmurou.

Terminamos de comer e saímos do restaurante para pegar o carro. Antes de entrarmos em seu Jeep, eu o encarei.

— Obrigada por essa noite. Eu sei que não é o seu lance...

Ele me interrompeu.

— Mas é o seu. Você queria. E se depender de mim, a partir de agora, você consegue tudo o que quiser, Cora.

# Capítulo 31

Encarei o termômetro e suspirei audivelmente quando vi o 39.

Eu raramente ficava doente, mas no dia anterior comecei a me sentir indisposta. Nessa manhã, acordei tossindo, e, no fim da tarde, estava com febre.

Eu ainda estava de pijamas, nem havia escovado o cabelo. Pulei o café da manhã e o almoço, não estava sentindo a mínima fome.

Liguei a tevê e passei vários minutos tentando encontrar algo interessante para me entreter e me distrair da indisposição que eu estava sentindo.

Eu estava quase pegando no sono quando meu celular vibrou na minha mesinha de cabeceira.

Meu coração pulou uma batida ao ver o nome na tela.

**Callum:** *Não te vi no campus hoje, você faltou?*

Eu não via Callum desde o nosso encontro, há dois dias. No fim da noite, ele me levou de volta para casa e me deu um beijo de despedida. Afinal, eu tinha pedido para irmos mais devagar. Mas já era segunda-feira e, teoricamente, eu deveria encontrá-lo na faculdade.

**Cora:** *Faltei. Não estou me sentindo muito bem.*

Sua resposta veio imediatamente.

**Callum:** *O que aconteceu?*

**Cora:** *Nada, só uma gripe e um pouco de febre.*

Meus olhos começaram a pesar e eu acabei pegando no sono com meus dedos ainda no teclado do aparelho.

Acordei uma hora depois, com o barulho da minha campainha sendo tocada incessantemente.

Quando abri a porta, fiquei surpresa ao encontrar Callum parado à minha frente.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, observando sua alta e intimidante figura.

Seu rosto estava sério e seu olhar era uma mistura de irritação e preocupação.

— Você não respondeu às minhas últimas mensagens.

— Eu peguei no sono — expliquei e abri espaço para que ele entrasse.

Callum passou por mim e eu fechei a porta. Meu nariz estava tão entupido que não fui capaz de sentir seu cheiro incrível, que geralmente era tão presente.

— Você realmente não precisava ter vindo — murmurei, muito consciente da minha aparência febril e desleixada. — Eu estou bem — completei, e logo depois tossi, sentindo a garganta queimar.

Callum parou no meio da sala e me encarou com as sobrancelhas erguidas, como se aquela tossida dissesse tudo.

— Você já comeu alguma coisa hoje? — perguntou ele, com a voz autoritária.

Neguei, apesar de sentir uma pequena vontade de mentir. Ele provavelmente saberia.

Callum tirou o celular do bolso e encarou a tela.

— Vou encomendar uma sopa. Frango ou carne?

— Não estou com fome.

— Frango, então — ele declarou sem olhar para mim, mexendo nas teclas do aparelho.

— Com quanto de febre você está?

— Da última vez que vi, 39 graus.

Callum guardou o celular e se aproximou em um movimento repentino. Ergueu o braço e colocou a mão na minha testa, me pegando de surpresa.

Sua mão estava gelada. Tudo estava gelado.

— Eu preciso me deitar — murmurei, sentindo uma leve tontura.

Callum me seguiu em direção ao meu quarto e eu me deitei embaixo das cobertas. Eu o encarei enquanto ele observava o lugar. Os olhos passando pelo meu guarda-roupa bagunçado, minha escrivaninha e, por fim, parando nos meus porta-retratos.

Eu tinha quatro. O primeiro era uma foto do que costumava ser a minha família. Eu, com dois anos, no colo da minha mãe e nós duas sendo abraçadas pelo meu sorridente pai. Uma minha e da Olivia, nós duas com treze anos, abraçadas e rindo em direção à câmera. A terceira era uma foto da minha formatura do ensino médio, segurando o meu diploma ao lado do meu tio. E, por fim, uma *selfie* minha com Saga e Jack no bar, que ele tinha revelado e colocado junto às outras três na semana anterior.

— Vocês ainda se falam? — perguntou Callum, sem olhar para mim.

Eu sabia que ele estava se referindo à Olivia.

— Não.

Eu parei de falar com a Olivia algumas semanas antes de sair da escola e mudar de cidade para ir morar com meu tio. Nós éramos melhores amigas e eu a amava quase tanto amava a minha mãe. Ela era tão boa. Genuinamente boa. Olivia era compreensível, divertida e leal. Ela era absolutamente tudo o que você poderia pedir em uma amiga. E isso acabou se tornando um problema.

Olivia se recusava ir a festas quando eu não era convidada, para que ficassemos vendo filmes juntas nos fins de semana. Ela sempre me defendia e tomava o meu lado quando alguém fazia algum comentário maldoso ou ria às minhas custas.

Eu me sentia um peso. Eu me sentia uma caridade. E eu absolutamente não suportava isso.

Na época, eu era muito insegura. Eu não conseguia entender por que ela era minha amiga quando claramente ninguém mais queria ser. Então eu comecei a afastá-la. Até o ponto em que entramos em uma discussão. E eu fui horrível. Eu disse coisas ruins para Olivia. E ela desistiu. Cansada da minha

insegurança e magoada pelas minhas palavras.

Eu fiz o que eu fazia melhor. Eu a feri.

Callum ficou alguns segundos encarando a foto e então desviou o olhar.

Ele não perguntou o porquê, acho que já sabia a resposta.

Então tirou algo do bolso e foi em direção à minha tevê.

— O que é isso? — perguntei, observando-o plugar um *pen drive* na televisão.

— *O Poderoso Chefão* — respondeu ele, e então se virou, andando em direção à cama.

Eu sorri.

— Você não estava brincando quando disse que era o seu filme favorito então.

— Não.

Ele se deitou ao meu lado, com as mãos cruzadas atrás da cabeça. Suas pernas esticadas e os pés estrategicamente colocados para fora do colchão, já que ele ainda usava sapatos. A cama era *king size*, então havia espaço o suficiente para que a dividíssemos sem nos tocar. Mas, mesmo assim, estar na cama com Callum trazia muitas lembranças e emoções.

— E se eu não gostar? — perguntei, virando o rosto para a esquerda e o observando.

Ele tinha os olhos na tevê, esperava o filme começar. Sua posição era relaxada e eu tentei não ficar encarando seus bíceps.

Eu quase ri daquela situação.

Se há dois anos alguém me dissesse que um dia Callum Trenton estaria deitado na minha cama assistindo a um filme, eu gargalharia e chamaria essa pessoa de louca.

— Não poderemos mais nos ver — respondeu ele, com a expressão séria, mas seu tom era irônico.

— Então é isso o que estamos fazendo? Estamos nos vendo? — As



palavras saíram de minha boca sem qualquer controle.

Callum finalmente tirou os olhos da tela e encontrou os meus. Observou meu rosto por um longo momento.

— Não sei, me diz você — disse finalmente.

Callum não abandonou meus olhos, e a intensidade me deu a impressão de estar sufocando. Ele esperou, mas eu não tinha uma resposta.

Desviei o olhar do seu e encarei a tevê.

— O filme vai começar — murmurei, mudando totalmente de assunto.

A abertura apareceu na tela e eu fingi estar muito concentrada nas primeiras cenas. Mas a verdade é que eu ainda conseguia sentir o olhar de Callum em mim e suas palavras pesando no ar.

Finalmente ele se voltou para a tevê e nós começamos a assistir ao filme. Eu queria muito ficar entretida e me concentrar, mas a presença de Callum era sufocante. E meu cérebro não conseguia esquecer o fato de que seu corpo estava a apenas alguns centímetros do meu.

— O que eu preciso fazer? — Callum perguntou de repente.

Eu me virei.

— Como assim?

— O que eu preciso fazer para que você se convença de que isso não é um jogo para mim?

Ele me encarava fixamente.

— Eu não sei.

Callum virou o corpo em minha direção. Então ele veio para cima de mim, literalmente. Colocou uma perna do meu lado direito e a outra do meu lado esquerdo, me cercando. Suas mãos, a mesma coisa, cercando os dois lados da minha cabeça. Ele estava apoiado sobre suas palmas e joelhos, e se abaixasse o corpo um pouquinho, eu conseguiria sentir seu peso sobre mim.

Eu não disse uma palavra, apenas observei com fascínio seus movimentos graciosos e ágeis. Quase predatórios.

Ele abaixou a cabeça e ficou a centímetros do meu rosto.

— Vamos lá, Cora, me diz — murmurou, arrastando de leve seus lábios nos meus. Sua voz era quase uma súplica.

Mas ele não me beijou. Callum queria uma resposta.

— É melhor você se afastar. Você vai ficar doente também — consegui dizer.

Era impressionante como, mesmo doente e me sentindo indisposta, meu corpo reagia ao dele.

— Vai valer a pena.

Ele roçou o nariz em direção ao meu pescoço, me cheirando.

Engoli em seco.

— É sério, Callum. É contagioso — implorei.

Ele afastou o rosto para encontrar meus olhos. Um sorriso devasso cresceu em seus lábios, mas seus olhos eram sérios.

— Você realmente acha que eu me importo?

Antes que eu tivesse a oportunidade de responder, a campainha tocou.

Eu não sabia se eu chorava ou se me sentia aliviada.

Callum suspirou.

— Salva pela sopa.

Então ele se levantou e saiu do quarto. Menos de um minuto depois, ele voltou com um saco e um recipiente nas mãos. Colocou tudo ao meu lado enquanto tirava guardanapos e uma colher do saco. Vendo que eu não havia pegado a comida, ele me lançou um olhar.

— Você precisa comer.

— Já falei que não quero.

Callum me encarou por vários segundos, uma mistura de irritação e frustração em seu olhar.

— Nós podemos fazer isso o dia todo, mas eventualmente você vai

comer essa sopa, Cora, nem que eu tenha que enfiar goela abaixo.

— Que romântico — murmurei.

— Quando você melhorar, eu vou te mostrar o quão romântico eu posso ser. Mas, antes, você precisa melhorar, e para isso você precisa comer a sopa.

Não consegui deixar passar o duplo sentido da frase quando ele pronunciou a palavra “*romântico*”. Eu me perguntei o que ele queria dizer com aquilo, e meu coração aumentou a velocidade só com as imagens que surgiram na minha mente.

Peguei a sopa e ele me entregou a colher.

— Está horrível — reclamei depois de dar uma colherada.

Dei mais duas e tentei devolver a ele.

— Continua — ele mandou.

— Não.

— Mais três.

— Uma.

— Duas.

Suspirei e revirei os olhos, frustrada. Dei mais duas colheradas e empurrei a sopa em sua direção.

Ele a pegou e se levantou, indo em direção à cozinha. Antes que voltasse, caí em um sono profundo.

Acordei sentindo uma enorme pressão em minha cabeça e braços me agarrando.

— Callum? — murmurei, abrindo os olhos.

De repente, me senti sendo erguida. O lado direito do meu corpo encontrou o peito largo de Callum e minha cabeça pesada tombou contra seu corpo sólido. Encarei seu rosto. Ele parecia preocupado.

— O que foi? — perguntei.

— Você está fervendo de febre.

Ele começou a andar comigo em seu colo.

— O que está fazendo?

— Preciso te colocar na água fria — respondeu ele, áspero.

Franzi a sobrelanceira, confusa devido ao sono.

— O quê?

— A sua temperatura precisa abaixar — ele respondeu, entrando no banheiro.

Eu conseguia ouvir o som da água batendo no fundo da banheira.

— Está quase cheia. Você consegue ficar de pé?

Assenti, sentindo ainda mais frio quando o calor de seu corpo deixou o meu.

Ele me colocou no chão com cuidado e pegou a bainha da minha camisa, puxando-a para cima.

Callum começou a me despir e eu ignorei a parte de mim que estava se sentindo extremamente desconfortável com aquela situação.

Apesar de ele já ter me visto nua, eu ainda sentia que aquilo era exposição demais.

Suas mãos eram ágeis, mas eu conseguia notar que ele estava tentando ser delicado.

Instintivamente, cobri os seios com as mãos quando ele terminou de me despir por completo.

— Entra — disse ele, sem olhar para mim.

Fui em direção à banheira e coloquei a ponta do pé na água. Rapidamente a tirei, sentindo o choque do gelo correr pelo meu corpo.

Recuei.

— Não. Está gelada demais.

— Precisa estar assim. — Sua voz era áspera.

— Mas está insuportável.

— Não está.

Eu o encarei. Com raiva e muito frio.

— Você está dizendo isso porque não é você entrando na banheira — atirei.

Eu sabia que ele estava apenas tentando ajudar, e eu definitivamente não estava facilitando. Mas a sua autoridade estava me tirando do sério, e o fato de ele ficar insistindo e me puxando até o limite estava me deixando com raiva.

Callum cerrou a mandíbula e me encarou. Eu conseguia ver a impaciência e a frustração queimando em seus olhos.

Então ele chutou os sapatos para longe e foi em direção à banheira, completamente vestido. Ficou de pé dentro dela, com a água gelada batendo em seus joelhos. Seu peito subia e descia com força e seu olhar era um pouco assustador. Ele me encarava.

— Entra. — Sua voz não era um comando, era mais um aviso.

Inspirei com força e segui em direção à banheira. Sentindo cada membro do meu corpo doer, eu comecei a entrar na água lentamente.

Parei de frente para ele, e os olhos de Callum não deixaram os meus nem por um segundo. Ele pegou o meu braço para me ajudar e, juntos, começamos a nos agachar. Depois de alguns segundos, estávamos completamente submersos, com exceção da cabeça e do tronco. A raiva de Callum pareceu aos poucos evaporar de seu olhar.

— Por quanto tempo vamos ficar aqui? — perguntei, batendo os dentes.

— Uns dez minutos. Se não abaixar, vamos para o hospital.

Assenti.

Acho que enquanto eu o observava ali, molhado e praticamente congelado ao meu lado, eu o amei um pouquinho mais. O fato de ele estar fazendo aquilo por mim aqueceu meu coração. Eu nunca tinha visto aquele lado de Callum, e foi uma bela surpresa.

Ele tirou os braços de dentro da água e os colocou apoiados nas

laterais da banheira de mármore. Observei seus músculos bem definidos aparecendo por trás da camisa branca molhada. Era uma boa distração, pelo menos. Por alguns segundos, eu me esqueci de que estava me sentindo prestes a morrer congelada.

Quando voltei meu olhar para o seu, notei que ele também não encarava meu rosto. Seus olhos castanhos passeavam pelo meu corpo, principalmente pelos meus seios.

— Merda — ele murmurou logo depois de inspirar com força.

— O quê?

— Isso deveria ser algum tipo de tortura.

Sorri.

Eu não me lembrava da última vez que havia penteado os cabelos.

— Eu estou uma bagunça, Callum.

Ele não sorriu.

— Você está linda. Você está sempre linda.

Senti meu rosto corar.

Droga, eu não sabia que era o tipo de garota que corava com um simples comentário como “*você está linda*” vindo de um cara.

Acontece que Callum Trenton não era qualquer cara.

— Pelo menos, a água gelada ajuda — ele murmurou.

Eu ri e ele sorriu ao observar meus lábios.

Acho que por alguns segundos ambos esquecemos que estávamos morrendo de frio.

Callum se aproximou e colocou a mão na minha testa.

— Você é bom nisso — murmurei, observando seu belo rosto sério e preocupado enquanto checava a minha temperatura.

— Em quê?

— Cuidar de alguém doente.

Ele afastou a mão da minha testa e voltou a se recostar na banheira.

— Eu tenho experiência.

Não havia nenhuma emoção em sua voz. Mas eu sabia.

— Seu irmão, não é?

Ele assentiu, seu olhar intenso no meu.

As palavras saíram com uma naturalidade assustadora.

— Eu sinto muito.

— Eu sei que sente.

## Capítulo 32

— A fotografia é perfeita. As paisagens são simplesmente fantásticas, faz você querer entrar na tela e morar no filme. E a forma singela que a câmera foca nos personagens é fascinante. Luca Guadagnino é um gênio. Além do mais, a atuação de Timothee Chalamet é de tirar o fôlego.

Saga era uma fã assídua de filmes independentes, aqueles que ninguém conhece e que muito raramente vão para o cinema. Os franceses eram seus favoritos.

Eu particularmente preferia os suspenses americanos populares e que tinham como protagonistas atores que absolutamente todo mundo conhecia. E Jack mal via filmes, ele gostava de séries.

Saga estava falando alegremente sobre um longa independente que tinha sido incluído na lista dos concorrentes para melhor filme do Oscar. Ela parecia uma mãe orgulhosa. Seu rosto se iluminava, e apesar de eu ainda não ter visto o filme e não curtir tanto obras daquele tipo, era divertido vê-la empolgada daquela forma. Saga era mais contida, cheia de comentários sarcásticos, uma postura casual e muitas vezes indiferente. Ela raramente se entusiasmava ou mostrava paixão daquele jeito.

Já Jack parecia prestes a pegar no sono enquanto ela falava. Sua atenção estava mais focada no novo *bartender* ruivo que não parava de encará-lo.

Minha atenção também se dispersou quando olhei para a porta do bar e encontrei Callum entrando. Meu coração dançou dentro do meu peito por um segundo enquanto eu o observava analisar o lugar. Seus olhos fizeram uma checagem por todo o lugar até me encontrar. Sem sorrisos, sem aceno. Ele apenas reconheceu a minha presença e começou a andar em direção a uma mesa onde três caras estavam sentados.

Tirei os olhos dele e movi minha atenção para Saga, que ainda falava algo sobre a atuação de Timothee Chalamet. Tentei prestar atenção, mas estava preocupada demais notando pelo canto do olho Callum falando



alguma coisa com os homens. Ele não chegou a se sentar, apenas os cumprimentou.

Alguns segundos depois, Jack interrompeu Saga:

— Ai, meu Deus, o Trenton está vindo para cá.

Saga e eu seguimos o olhar dele e vimos Callum seguindo em direção à nossa mesa.

— Vamos fingir que estamos nos divertindo — disse Jack, e logo depois soltou uma risada um tanto ensaiada e dramática.

— Ué, mas não estamos? — Saga indagou, um tanto ofendida.

Ela tinha passado os últimos vinte minutos tentando fazer nos interessar por um filme que eu tinha certeza de que Jack mal havia decorado o nome.

Callum parou à nossa frente e nós três paramos de falar enquanto o observávamos.

Ele esticou a mão para Saga.

— Callum Trenton. É um prazer.

Ela sorriu sutilmente.

— O mesmo — respondeu Saga, e então me lançou um olhar um tanto quanto questionador.

— Jack, não é? — Callum perguntou.

Jack assentiu e Trenton puxou uma cadeira vaga ao meu lado, sentando-se.

— Espera, vocês já se conhecem? — Saga perguntou para Jack, observando os dois com as sobrancelhas franzidas.

— Já, eu estava no apartamento da Cora quando ele foi buscá-la para um encontro.

Callum ainda não tinha dito nada para mim, nem mesmo me lançado um olhar. Mas a presença de seu corpo tão próximo ao meu já era quase sufocante. De certa forma, de um jeito bom.

Antigamente, a sua presença era de uma intensidade que ela assustava. Eu me repelia tanto quanto me puxava de volta para ele. Eu queria correr para longe para poder conseguir inspirar e finalmente poder dar ar aos meus pulmões.

Agora, a sua presença intensa era quase reconfortante. Era quente como uma noite de verão. Era seguro.

— E então, nos fale sobre você, Callum. Como se conheceram? E há quanto tempo são amigos? — Jack perguntou logo depois.

— Namorados — eu o corriji.

A palavra saiu de minha boca com uma certeza assustadora.

Callum virou o rosto em minha direção e eu senti seus olhos em mim, mas continuei encarando Jack.

— O quê? — meu amigo perguntou, erguendo as sobrancelhas.

— Você perguntou há quanto tempo somos amigos. Somos namorados. E nunca fomos amigos — respondi.

Eu ainda conseguia sentir o olhar intenso de Callum sobre mim enquanto as palavras saíam da minha boca. Eu havia acabado de tomar uma decisão por nós dois. Eu havia acabado de finalmente estabelecer o que estávamos fazendo e o que representávamos na vida um do outro.

— Uau, isso é novidade. Não pensou em contar para os seus amigos que está namorando?

— É recente. — Dei de ombros, quase me desculpando.

— E como vocês se conheceram? — Jack indagou.

— Escola — Callum respondeu, ainda sem tirar os olhos de mim.

— E como foi? A atração foi instantânea? — Jack quis saber, um sorriso malicioso brincando nos lábios.

Um silêncio se estabeleceu na nossa mesa. Eu não respondi. Muito menos Callum. Ele finalmente desviou o olhar de mim e encarou meu amigo.

Não fazíamos ideia de como responder àquela pergunta. Nosso começo foi muito mais complicado do que Jack jamais poderia imaginar.

— Jack... — Saga censurou.

— O que foi? Eu só queria um pouco de detalhe.

Saga rolou os olhos e abriu a boca para retrucar, mas a minha atenção foi dispersada quando Callum aproximou a boca do meu ouvido e sussurrou apenas para mim:

— Você está se sentindo melhor?

Assenti, sentindo o efeito de sua voz rouca por todo o meu corpo.

— Obrigada por cuidar de mim anteontem. Você não precisava ter feito tudo aquilo — eu disse, enquanto meus amigos ainda discutiam.

— Eu passei muito tempo te machucando. Vou fazer o meu melhor para cuidar de você daqui para frente.

Finalmente me virei e encarei seu rosto. Seus olhos estavam fixados em mim enquanto eu digeriria cada palavra sua com muita dificuldade.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele murmurou:

— Vamos embora.

Eu não tinha muita certeza se aquilo era uma pergunta, uma afirmação ou uma súplica, de qualquer forma, assenti.

— Estamos indo, já está ficando meio tarde — avisei, os interrompendo.

Jack e Saga se viraram para nós.

— Ah, claro. Foi ótimo te conhecer, Callum. Senta aqui com a gente mais vezes para beber. — Saga sorriu amigavelmente.

— É, estamos aqui praticamente todos os dias — completou Jack.

Callum assentiu.

— A gente se vê, então.

Ele pegou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus, como se fosse a coisa mais natural do mundo e como se já tivéssemos feito aquilo diversas vezes. Callum me guiou para fora do bar praticamente me puxando.

— Eles são bons. Eles se importam com você — Callum comentou

enquanto passávamos pela porta e seguíamos para o estacionamento. — Gosto deles — concluiu, sem olhar para mim.

— É, eu também — respondi, sorrindo com a imagem de meus amigos na minha cabeça.

Avistei seu carro, e Callum, ainda com a mão entrelaçada à minha, nos guiou até ele com passos rápidos e decididos.

— Por que está com tanta pressa? — perguntei quando paramos ao lado do Jeep.

A minha mão foi em direção à maçaneta, mas antes de eu conseguir abrir a porta, Callum me colocou contra o automóvel e pressionou o longo corpo contra o meu.

O cheiro que eu tanto amava me inundou e seus olhos se fixaram em minha boca.

Sua voz era rouca quando disse:

— Porque eu quero muito levar a minha namorada para casa e fazer amor com ela na minha cama. E no chão da cozinha. E na escada. Na casa inteira, na verdade.

Sorri e, observando seu belo rosto, tentei não dissolver.

— Ela quer muito também.

## Capítulo 33

A chuva caía com força do lado de fora e eu observava as gordas gotas que escorriam pela janela. Tudo o que se ouvia era o barulho da tempestade, de resto, era apenas o silêncio.

Eu já estava acostumada com ele. Desde a morte do meu pai, as coisas ficaram mais silenciosas. Os pássaros não cantavam tão alto, o vento sibilava com menos força e a minha mãe não falava mais comigo.

Virei meu rosto e encarei a bagunça de cabelos escuros na cama.

Ela costumava ser tão bonita. Seu cabelo era de um castanho quase cobre; no sol, ele adquiria uma cor escarlate intensa. Seus olhos verdes eram fascinantemente penetrantes, e seu sorriso branco e perfeitamente alinhado era de causar o pior tipo de inveja.

Agora, boa parte da raiz de seus fios estava completamente cinza. Seus olhos não tinham qualquer brilho e estavam sempre distantes. E ela já não sorria mais.

Costumava ser linda, mas agora estava morta.

— A chuva está piorando — comentei, mais para mim do que para ela.

Eu já estava sentada na poltrona ao lado de sua cama há mais de meia hora e aquela foi a primeira vez que algo foi dito.

— Estou namorando — anunciei de repente.

Eu não sei por que disse aquilo. As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse de fato processá-las. Acho que, no fim das contas, uma parte de mim só queria ser uma garota conversando com sua mãe sobre meninos e primeiras paixões.

Observei-a em silêncio por alguns segundos. Ela nem olhou para mim. Não que eu esperasse algo diferente. Às vezes eu tinha a impressão de que, se eu estivesse morrendo diante dos seus olhos, ela simplesmente

voltaria a dormir.

— Ele tem olhos muito bonitos — continuei, observando a chuva lá fora. — E ele é alto. Tão alto quanto o papai. Talvez ainda mais. — Sorri com a lembrança do meu pai. — Ele me entende, mãe. Ele entende o que está acontecendo aqui dentro — eu disse, com o punho colado contra o peito, tentando evitar que as lágrimas caíssem.

E eu não sabia exatamente por que estava chorando; se era por eu estar feliz por ter alguém que me conhecia tão bem quanto Callum ou se era de tristeza pelo fato de que eu nunca poderia apresentar o meu namorado à minha mãe.

Porque eu não fazia ideia do que aquilo faria a ela.

Afinal, ele era filho do homem que a havia arruinado.

Que havia arruinado a todos nós.



Callum estacionou o carro na garagem de sua casa e girou a chave, desligando o motor. Eram quase sete da noite, tínhamos acabado de sair da faculdade. Meu celular vibrou no meu bolso e eu o peguei para olhar a tela.

— Já é a décima sexta mensagem que o Jack me manda hoje implorando para irmos ao bar. Ele está louco para te conhecer melhor.

Abrimos a porta do carro e saímos.

Callum me lançou um olhar enquanto passávamos pelo jardim, em direção à porta de entrada.

— Eu não sei se estou preparado para isso.

Sorri ao observá-lo.

— É, nem eu. Mas ele vai continuar. O Jack é terrivelmente persistente. Acho que devíamos acabar logo com isso.

Callum suspirou.

— Tudo bem.

— Vamos para o bar depois, então? — propus.

— Vamos. Eu só preciso trocar de camisa — disse ele, pegando a chave do bolso e abrindo a porta.

Entrei primeiro, mas não consegui dar dois passos antes de congelar no tapete de entrada. O choque foi tão grande que a única coisa que consegui fazer foi ficar encarando os grandes olhos azuis em completo silêncio.

Olivia estava sentada no sofá da sala, a apenas alguns metros de mim. Ela tinha os cabelos loiros na altura dos ombros, em um corte Chanel. Usava jeans claros e uma blusa branca de manga curta. Ao seu lado, estava um moreno de barba rala. Eles tinham as mãos dadas.

Ouvi Callum fechar a porta. Ele passou por mim e parou próximo à sala, seus olhos no meu rosto o tempo todo. Callum ficou em silêncio, apenas avaliando a minha reação, assim como Olivia e o moreno.

— Oi — eu disse finalmente, minha voz era quase um sussurro.

Olivia abriu um pequeno sorriso nervoso.

— Oi.

Tirei meus olhos dela e encarei Callum, buscando uma explicação. Seus braços estavam cruzados enquanto ele observava meu rosto com muita atenção.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Eu liguei para ela e a convidei. — Isso foi tudo o que ele disse, como se aquelas palavras explicassem a situação.

Voltei a encará-la.

Segui em sua direção e os dois se levantaram instantaneamente. Nós nos avaliamos de perto por alguns segundos. Nossos cérebros ainda tentando processar que aquilo estava mesmo acontecendo.

Depois de alguns segundos de silêncio denso, Olivia falou:

— Você se lembra do Lucas, não lembra?

Eu me virei para o moreno e então o reconheci. Por causa da barba, não o identifiquei em um primeiro momento, mas agora que ela havia dito, eu

fui capaz de me lembrar. Lucas era o garoto por quem Olivia era apaixonada na época da escola.

— É claro — eu disse.

— Acho que nunca fomos devidamente apresentados — disse ele, sorrindo abertamente enquanto esticava a mão em minha direção. — É um prazer conhecê-la, Cora.

— Igualmente — respondi, apertando sua mão.

— Acho que devíamos deixá-las a sós por um momento — disse Callum.

Nós três nos viramos em sua direção.

— É claro — Lucas respondeu, concordando e o seguindo para fora da sala.

Em meio ao silêncio, Olivia e eu nos observamos por alguns segundos.

— Você está tão diferente — ela disse finalmente. Seus grandes olhos me encaravam com fascínio.

— Para melhor? — perguntei, sorrindo.

— Não sei. Acho que só... diferente. — Ela deu de ombros.

— Você também mudou. Principalmente o cabelo — comentei, observando os fios loiros que costumavam ser tão longos quanto os meus na época da escola.

Ela sorriu.

— Eu sei, já faz muito tempo. Muitas coisas mudaram, não é? — perguntou, e eu senti uma melancolia em sua voz.

— É — respondi da mesma forma.

Silêncio preencheu a sala de novo. Olivia parecia tão desconfortável e nervosa quanto eu. Da última vez que nos vimos, dissemos coisas horríveis uma para a outra. Principalmente eu. Eu realmente a magoei.

Apontei para o sofá enquanto me dirigia para a poltrona.



— Senta — convidei.

Ela assentiu e se sentou próxima a mim.

— Então você conseguiu ficar com o *quarterback* — eu disse, com um pequeno sorriso no rosto, tentando aliviar a tensão.

— É... E você ficou com o ninguém mais, ninguém menos que Callum Trenton. Por favor, me diz o que diabos está acontecendo.

Seu rosto estava genuinamente confuso, ela parecia realmente desesperada por uma explicação.

— Nós paramos de lutar e ferir o outro por um momento e nos expomos. Colocamos as cartas na mesa e o jogo simplesmente... acabou. — Dei de ombros.

Ela franziu o cenho.

— Isso é loucura. Eu nunca poderia imaginar. Nem em um milhão de anos. Quando ele me contatou, eu achei que fosse uma piada de mau gosto. Não pude acreditar que era de fato isso o que estava acontecendo.

— Eu sei. Eu poderia passar a tarde toda tentando te explicar como aconteceu, mas a verdade é que eu não sei. Foi natural. Sei que vai parecer estúpido, mas foi como se estivesse prestes a acontecer esse tempo todo. Como se naquele primeiro dia de aula, quando eu o vi no refeitório, fosse o começo inevitável para chegarmos aqui.

Olivia me olhou por um longo momento, avaliando meu rosto.

— Você está feliz?

Assenti.

— Acho que da última vez que estive tão feliz assim foi antes da morte do meu pai.

Ela sorriu. Um belo sorriso, grande e completamente genuíno.

— Eu não sei se algum dia vou conseguir compreender, mas eu realmente acredito que as pessoas mudam. Odeio tudo o que ele fez para você, mas já se passou um bom tempo e eu não o conheço mais. — Ela deu de ombros. — Além do mais, eu acredito que tem mais nessa história do que tenho conhecimento. Eu sempre achei estranho o fato de ele só implicar com

você. Ele nunca fez isso com outra garota. Trenton mal olhava para outra garota que não fosse você, na verdade. Então, o que quer que vocês tenham feito um para o outro, eu realmente espero que consigam superar.

Assenti novamente.

— Estamos trabalhando nisso. Acho sempre vamos ter que trabalhar nisso, mas vale a pena.

Um momento se passou e um sorriso travesso cresceu nos lábios de Olivia.

— Uau, o sexo deve ser mesmo incrível — comentou ela.

— Acho que, nem se eu quisesse, conseguiria descrever.

— Que bom, não sei se quero uma imagem tão vívida.

Nossas risadas se misturaram em um momento nostálgico e natural. Exatamente como antigamente.

Olhando para a minha bela e leal amiga, notei que nem tudo havia mudado. Ainda éramos nós duas. Meu coração quase chorou de felicidade.

— Por que você veio? — indaguei depois de alguns segundos.

A pergunta pareceu pegá-la de surpresa, então ela me encarou com o rosto sério e triste.

— Porque todos os dias desde a nossa última conversa eu tenho me odiado por como as coisas terminaram.

Sorri. Era um sorriso melancólico e cheio de cicatrizes, mas, ainda assim, era um sorriso.

— Que bom. Eu também.

## Capítulo 34

Duas horas e algumas cervejas depois, estávamos os quatro sentados na sala de Callum conversando feito velhos amigos.

Olivia não tinha mudado de forma alguma, talvez um pouco fisicamente, mas em questão à personalidade, era a mesma fiel e gentil Olivia da escola. Enquanto conversávamos, eu notava os pequenos olhares que ela lançava para Callum. Toda vez que ele me encarava ou dizia algo para mim, ela ficava atenta, como se tentasse decidir se ele havia realmente mudado ou não.

Eu não a culpava. Ela estava preocupada. Olivia sempre foi uma boa amiga.

Quanto a mim, notava Lucas e a forma como os dois interagiam. Ele parecia gostar muito dela, e, sem dúvidas, era recíproco. Eu conhecia Olivia como a palma da minha mão e sabia quando ela estava a fim de algum garoto. E ela estava perdidamente apaixonada por aquele.

Depois de um tempo de conversa, descobri que Olivia havia passado para a faculdade que ela sempre quis e estava cursando história. Ela estava morando a mais ou menos duas horas de mim.

Em geral, ela parecia bem feliz, e isso me deixou muito satisfeita. Olivia sempre foi uma ótima pessoa e esteve comigo desde que as coisas começaram a ficar difíceis. Desde que meu pai morreu.

— Eu senti sua falta — disse ela, depois que os dois saíram.

Callum comentou algo sobre umas melhoras que havia feito em seu carro e convidou Lucas para dar uma olhada. Mas acho que, na verdade, os dois só estavam nos dando mais um tempo a sós antes de nos despedirmos.

— Eu sei — respondi, sem conseguir encará-la.

Ela parecia genuinamente ferida.

— Você foi embora sem dar qualquer explicação. Eu sei que nós não

estávamos nos falando, mas você simplesmente... se foi.

Eu conseguia ouvir a mágoa em sua voz e a culpa me bateu com força.

*Eu estava fugindo, Olivia.*

— Sinto muito, mas eu não queria que ninguém notasse. Eu só queria ir embora como se eu não tivesse existido naquela cidade.

Aquela cidade continha tudo o que eu queria esquecer: Callum, a indiferença da minha mãe, meu pai...

— Bem, você fracassou.

— Como assim?

— O Callum e eu notamos. Eu fiquei triste e irritada com você por simplesmente ter ido embora, e acho que um pouco comigo também, por não ter tentado consertar as coisas. E Callum... ele parecia... — Olivia franziu as sobrancelhas, como se a lembrança estivesse passando pela sua mente. — Perdido — completou.

— Perdido?

Ela deu de ombros.

— É, sei lá. Ele ficou meio estranho... Enfim, agora não importa. É passado. Tudo aquilo ficou para trás, certo? — perguntou Olivia, com um sorriso meigo e um pouco nervoso.

Eu sabia que ela estava se referindo principalmente à nossa briga.

— Passado — assenti com absoluta certeza.

Nós nos despedimos e, depois da promessa de que nos veríamos de novo, Olivia e seu namorado se foram. Callum fechou a porta no momento em que eles saíram e seguiu em direção à cozinha sem dizer uma palavra. Eu o segui e parei na porta da cozinha, observando-o em silêncio tirar algumas coisas da geladeira. Seu rosto era sério, mas ele parecia bem relaxado. Callum estava esperando para ver o que eu diria.

— Eu sentia falta dela. — As palavras deixaram minha boca como se tivessem vida própria.

— Eu sei — ele respondeu, levantando a cabeça e olhando para mim.

— Por que fez isso?

Callum se voltou para o sanduíche que estava preparando.

— Ela é boa para você. Sempre foi. Eu me lembro — disse ele, sem me encarar.

Engoli em seco. Eu sabia que Callum estava se referindo às vezes em que ele foi horrível comigo.

— Ela me contou que você ficou estranho depois que eu fui embora. O que isso significa? — perguntei.

Ele me lançou um olhar e então guardou as coisas que não usaria mais de volta na geladeira.

— Você era a única coisa constante na minha vida. Você era a única coisa que eu tinha certeza que tinha. Mesmo que fosse daquela forma distorcida e fodida que sempre foi. Quando você simplesmente parou de ir à escola, eu não tinha mais nada.

— Achei que ficaria feliz.

— Não. Feliz não estava no meu vocabulário naquela época, Cora. Por muito tempo, na verdade.

— Então o que você sentiu? — insisti.

— Acho que uma mistura de alívio e... uma sensação de vazio.

— Eu nunca pensaria isso. Sempre imaginei você comemorando a sua vitória, rindo de mim por eu ser fraca daquele jeito e fugir...

— Você nunca foi fraca — Callum me cortou. Seu rosto era sério e quase irritado quando aquelas palavras saíram de sua boca.

Eu quase ri.

— Você está brincando, não é? Eu nunca fui uma oponente à altura. Você empurrava e eu me escondia. Sempre foi assim.

— Você aguentava. É diferente. Eu empurrava e você aguentava cada porrada. Você nunca caiu, Cora. Nunca.

Ele deixou o que estava fazendo na bancada e se aproximou. Colocou meu rosto entre suas mãos e me encarou com muita seriedade e intensidade.

— Você é a pessoa mais forte que eu conheço, não se esqueça disso. Levante toda manhã sabendo que você aguentou, enquanto a maioria das pessoas na mesma situação teria caído.

Eram poucas palavras, mas o impacto foi assustador.

— Você disse que se sentiu vazio quando eu fui embora. Por quê? Você me odiava.

Callum aproximou a boca da minha e roçou os lábios nos meus com uma leveza torturante. E então, contra a minha boca, ele disse:

— Eu odiei você. Mas mais do que odiar você, eu odiei o fato de te querer.

Ele afastou os lábios dos meus e voltou a me encarar.

— Chega. Não vamos falar mais sobre isso. Especialmente hoje. Eu tenho uma surpresa para você.

Ergui as sobrancelhas.

— Uma surpresa?

Ele assentiu, um rastro de sorriso passando pelos seus lábios.

Eu não sabia o que sentir sobre isso. Eu não era fã de surpresas, mas estava curiosa para saber o que Callum estava planejando.



Às oito da noite em ponto, parei em frente à casa de Callum. Eu tinha que entregar alguns papéis para o monitor de uma das minhas aulas e aproveitei para passar em casa para tomar um banho. Mas Callum pediu para que eu fosse para a casa dele à noite para que ele revelasse a surpresa. Um misto de curiosidade e ansiedade corria pelo meu corpo.

Imaginei se seria algo sexual.

Talvez.

Ou quem sabe um jantar romântico?

Não, não era o tipo dele.

Saí do meu carro e bati a porta. Dei dois passos em direção à casa de Callum, quando, de repente, a porta de entrada foi aberta. Uma morena alta de vestido longo saiu de lá. E logo atrás dela, estava o meu namorado, apenas de calça. Seu peito estava completamente exposto e seu cabelo era uma bagunça.

Estava escuro, mas a luz da entrada iluminava os dois o suficiente.

Meu coração parou quando ela jogou os braços ao redor dele e o abraçou com uma intimidade dolorosa.

E ele deixou. Callum a abraçou de volta.

E então tudo se encaixou.

Uma surpresa.

*Essa era a surpresa.*

Era um jogo. Sempre foi.

Nada foi real. Suas palavras, beijos. Foi encenação. A mais cruel, fria e perfeita encenação.

Suas palavras de dois anos atrás se encaixaram em minha mente como o final perfeito para o quebra-cabeça mais cruel.

*“Eu conheço você. Eu sei das suas dores, pesadelos e medos. Eu sei o que te aterroriza. Conheço todos os seus pontos fracos. Eu vou te quebrar, Arsen.”*

E ele conseguiu.

Eu quebrei.

# Capítulo 35

Meu coração estava disparado e eu senti algo se formar em minha garganta.

Era doloroso. Era sufocante. Era horrível.

Enquanto eu observava o homem que eu amava destruir meu coração, eu sabia que iria chorar. Eu sabia que estava prestes a perder o controle. Eu tinha a sensação de que tudo à minha volta estava desmoronando e senti as malditas lágrimas ameaçarem a cair.

Eu não tinha certeza se ele havia me visto, já que seus olhos estavam nela. Mas não me importei. Eu não podia deixar que ele me visse chorar. Eu não podia deixar que Callum visse quão bem ele conseguiu me quebrar.

Forcei meu corpo a reagir e fui em direção ao meu carro, desesperada para sair dali. Eu não olhei pela janela quando arranquei com o automóvel. Eu não queria ver. Eu não podia ver.

Quando engatei a segunda marcha, eu já estava chorando.

E, naquele momento, eu me odiei.

Eu me odiei por ter confiado nele.

*Como eu pude ser tão estúpida?*

*Estava ali o tempo todo. Bem na ponta do meu nariz.*

*Como eu pude ser tão cega para não enxergar?*

*Aquelas palavras bonitas... Os toques suaves...*

*Eu caí como uma idiota.*

*Exatamente como ele queria.*

Callum fez com que eu me apaixonasse só para que pudesse destruir meu coração.

Foi perfeito. A vingança final.



Estacionei em frente ao meu prédio e subi em direção ao meu apartamento. Quando finalmente cheguei em meu quarto, deitei em minha cama e tudo se encaixou.

Callum nunca disse “*eu te amo*”.

Eu havia me declarado diversas vezes e ele nunca havia dito que me amava. Abracei meu travesseiro me amaldiçoando por ter sido tão ignorante e tola.

Eu sempre soube que ele era cruel, mas aquilo ia além da crueldade. Callum arquitetou tudo, encenando cada palavra e fingindo cada toque de forma fria e calculada. Tolamente, eu entreguei meu coração ao meu inimigo. E ele fez o que sempre fez de melhor, o destruiu.



Passei praticamente a noite toda acordada, apenas deitada em minha cama. Imaginei o sorriso sádico no rosto de Callum, toda a sua alegria por ter me enganado daquela forma.

Às dez da manhã do dia seguinte, a campainha tocou. Meu sangue gelou. Demorei alguns segundos para sair do quarto, porque eu não tinha ideia do que fazer. Só a probabilidade de ser ele já me fazia querer chorar, gritar ou talvez me trancar no quarto e me negar a sair por dias.

Com passos lentos, fui até a porta e observei pelo olho mágico. Suspirando de alívio, abri a porta para Saga.

Quando virei a maçaneta e a encontrei, tive alguns segundos para decidir o que fazer. Eu poderia sorrir e fingir que estava tudo bem, falar sobre alguma coisa banal relacionada à faculdade ou até mesmo sobre o bar. Depois da morte do meu pai e com uma mãe depressiva, eu me aperfeiçoei na arte de fingir ter as coisas sob controle. Mas eu já estava cansada demais para isso. Callum havia me posto no limite e eu já não aguentava mais. Então, quando a minha amiga me encarou e perguntou por que meu rosto estava tão inchado, eu simplesmente contei a verdade.

— Eu não posso acreditar que ele fez isso com você — Saga disse, indignada.

Estávamos sentadas na minha cama e ela ouvia os detalhes sobre a noite anterior enquanto eu tentava não chorar pateticamente na sua frente. Saga não parecia incomodada com as minhas emoções à flor da pele, parecia mais irritada e chocada do que qualquer outra coisa.

— Ele ligou ou mandou mensagem? — perguntou ela.

— Não sei. Esqueci meu celular no carro ontem à noite e ainda não fui pegar.

Ela assentiu.

— O que você vai fazer?

Fiquei em silêncio por alguns segundos.

O que eu poderia fazer?

— Não sei. Vou seguir em frente e esquecer. Que outra escolha eu tenho?

Eu não queria vingança. Eu não queria mais jogar. Callum havia ganhado. Eu sabia disso. E ele também.

Saga assentiu e logo naquele segundo a campainha tocou.

Nós duas nós encaramos.

— Você acha que é ele? — ela cochichou.

— Eu não sei. Talvez.

A campainha tocou novamente, só que agora de forma mais longa e insistente.

— É ele — afirmei logo depois.

Nenhuma de nós se moveu.

— Cora? — Ouvi a voz de Callum, ele gritava.

Todos os membros do meu corpo entraram em modo de alerta.

— O que vamos fazer? — Saga perguntou, procurando a resposta em meus olhos.

— Eu não vou falar com ele. Não quero vê-lo.

Eu não estava preparada para as suas palavras cruéis. Eu não conseguiria suportar Callum zombando do quanto fui tola por achar que ele estava apaixonado por mim.

Então os socos começaram. Callum estava batendo na porta com uma força assustadora.

— Ele vai quebrar a porta — sussurrou Saga, em um misto de irritação e choque.

Ela se levantou e se dirigiu para fora do quarto. Ouvi a porta ser aberta e escutei murmúrios. Eles pareciam estar discutindo. Meu coração batia forte enquanto eu tentava entender o que estava acontecendo.

— Você vai ter que passar por mim antes. E acho que você vai querer pensar duas vezes antes de fazer isso. — Escutei a voz de Saga, alta e clara.

Então veio o silêncio completo. Alguns segundos se passaram. Logo depois, o barulho da porta sendo fechada. Saga apareceu na porta do quarto.

— Seu ex é assustador para caralho. — Então ela sorriu e se aproximou da cama. — Mas eu sou mais. Ele foi embora.

Forcei meu melhor sorriso.

— Obrigada — eu disse, realmente agradecida.

Depois disso, Saga ficou mais algumas horas no meu apartamento. Vimos alguns filmes e ela me distraiu a maior parte do tempo. Mas ela precisou ir embora. Por mim, estava tudo bem, porque apesar de eu amar sua companhia, eu só queria ficar sozinha.

Passei o resto do dia tentando me distrair vendo séries e adiantando trabalhos da faculdade. Às nove, precisei do meu celular para ver alguma coisa que eu havia anotado nele. Apesar de não querer, peguei as chaves e saí do apartamento.

Cheguei ao saguão do meu prédio e, no minuto em que pisei para fora do lugar, encontrei uma figura coberta pelas sombras sentada na garagem escura.

Meu coração parou.

Callum se levantou e veio na minha direção.

# Capítulo 36

Os olhos dele estavam em mim. Sérios. Frios. Determinados.

Meu coração pulou uma batida enquanto eu ainda tentava processar o choque.

Callum estava esperando por mim. Estava na minha garagem esperando pelo momento em que eu eventualmente desceria.

Por um segundo, a ideia de fugir passou pela minha cabeça. Mas ele estava apenas a alguns metros de mim. Não havia escapatória.

Eu não queria falar com ele. Eu não o queria perto de mim.

Eu o odiava.

Callum já havia me quebrado o suficiente.

Eu queria simplesmente esquecê-lo, por mais que uma parte de mim soubesse que isso era impossível.

Ele parou a dois passos de mim, seu olhar não deixando o meu nem por um segundo. De repente, seu rosto bonito se tornou tão assustador para mim quanto há dois anos.

Não havia borboletas no meu estômago, não havia um sorriso prestes a surgir em meus lábios.

Havia dor e raiva.

O ódio borbulhava e eu o queria ferir. Eu o queria machucar. Eu estava tão cansada de sempre levar a pior, de sempre ser a que ganhava hematomas.

Dei um passo à frente, meu corpo pulsando com tantas emoções que eu tinha a impressão de estar literalmente tremendo.

Levantei meu punho e, com toda a minha força, acertei seu rosto.

O mundo pareceu congelar por um segundo enquanto eu processava o

que tinha acabado de fazer. Minha mão pulsava em dor e eu observei o rosto dele se mover lentamente para a esquerda.

Apesar do choque, não havia nem uma pequena parte de mim que se arrependia de o ter acertado.

Callum cerrou o maxilar e me encarou com os olhos sérios.

Ele não se moveu. Com a voz baixa e controlada, apenas disse:

— É o segundo, Cora.

Eu podia sentir a irritação reverberando de seu corpo.

— E vai ter o terceiro, se você não der o fora daqui — consegui dizer.

E eu não estava blefando.

Virei-me, na tentativa de voltar para o meu apartamento e ficar o mais longe possível dele. Mas senti o aperto firme no meu pulso, me impedindo de continuar.

— Você perdeu a porra da cabeça se acha que vai conseguir fugir de mim depois disso.

— Me solta — ordenei, voltando a encará-lo.

Seus olhos castanhos brilhavam de raiva, mas ele tirou as mãos de mim. Recolhi meu pulso, sentindo como se seu toque tivesse enviado faíscas por todo o meu braço.

— Você venceu, ok? Você conseguiu tirar tudo de mim. O que mais você quer? — explodi, surpreendendo a nós dois com a quantidade de emoção que havia em minha voz.

Ele me observou por alguns segundos, em silêncio. Sua expressão irritada se tornando lentamente confusa.

— Do que você está falando? O que eu venci?

— Falsa ignorância não combina com você — rosnei, muito tentada a lhe socar pela terceira vez.

— Você pode me explicar que merda está acontecendo? Posso saber por que você tem ignorado todas as minhas ligações, me evitado e agora ter me dado a porra de um soco? — perguntou ele, elevando a voz.

— Você fingindo esse tempo todo. Fazendo com que eu me apaixonasse por você apenas para me quebrar da pior forma possível. Eu sempre soube que você era cruel. Mas você não é cruel, Callum. Você é doente.

Ele me encarou por vários segundos. Sua boca se abriu por um momento e então se fechou de novo. Parecia haver tanta coisa passando pela sua cabeça que ele estava com dificuldade de verbalizá-las.

— Você acha que eu estou jogando com você?

Callum parecia incrédulo.

Eu não respondi e a pergunta ficou no ar.

— Achei que já tínhamos passado dessa merda. Achei que eu já tinha te provado o suficiente.

— Então o que foi aquela surpresa ontem? A bela morena saindo da sua casa?

Ele franziu as sobrancelhas por um momento, parecendo não entender. Mas então, seus olhos brilharam em esclarecimento.

— Você acha que eu te traí? — perguntou, sua expressão era uma mistura de nojo e ofensa.

— Eu não acho. Eu vi.

Callum soltou uma risada amarga.

— O que você viu? Eu dando um abraço de despedida em uma mulher? — questionou, sua voz escorrendo ironia e deboche.

Não respondi.

— Eu não sei o que é traição no seu dicionário, mas acho que temos definições muito diferentes para isso.

— Eu não acredito em você.

Callum me encarou por vários segundos. Ele nunca me pareceu tão frustrado.

— É inacreditável. Então você acha que tudo o que eu falei para você era mentira? Toda vez que eu te toquei foi calculado?

Ele esperou alguns segundos, mas vendo que não haveria resposta, avançou um passo, seu peito subia e descia com força.

— Você é a única razão pela qual eu acordo toda manhã querendo viver mais um dia. Eu não sei como posso colocar isso de forma mais clara, Cora.

Lutei contra as lágrimas. Eu estava tão maldosamente cansada de chorar.

— Você não pode me culpar! Você não pode querer que eu simplesmente confie em você depois de tudo! Eu perdi as contas de quantas vezes você me quebrou.

Ele me encarou com o olhar mais triste que eu já vi em seus olhos castanhos.

— Eu não posso voltar atrás. Sinto muito por ter te arruinado. As lembranças me matam todos os dias, mas eu não posso. Eu não posso apagar. E apesar de eu aceitar de bom grado qualquer merda que você tiver para me dar por tudo o que eu fiz para você no passado, eu não vou deixar que você me culpe pelas coisas de agora. Porque é diferente. Eu não vou prometer que nunca mais vou te machucar, porque é impossível controlar o que você sente. Mas eu te prometo que jamais te magoarei conscientemente.

Ignorei suas palavras, me negando a ser convencida por promessas vazias.

— As coisas não mudaram. Você continua o mesmo babaca. Você foi um escroto em relação ao Anthony. E isso foi presente, não passado. E em nenhum momento você se desculpou.

— Não vou me desculpar por tomá-la dele. Ele não te conhece. Ele não sente, Cora. — Sua voz era cortante e seu rosto estava sério.

— Como você pode saber?

— Não importa o que ele sente. Eu tenho certeza de que não chega aos pés do que eu sinto por você. Não pode.

— Você é tão egoí...

Ele me cortou, avançando mais um passo.

— Ele a queria se fosse fácil. Ele a queria porque é bonita, inteligente e fascinante. Ela a queria como um garoto quer uma garota. Eu a quero porque não consigo imaginar viver sem ser ao seu lado. Eu a quero difícil. Eu a quero de todas as formas possíveis. Eu quero lutar para ficar com você. Mesmo que isso signifique lutar *contra* você e toda a merda do nosso passado. Droga, Cora, eu quero lutar com você pelo resto da minha vida.

Meu coração batia de forma frenética. Callum estava muito perto. Seus olhos eram intensos. Cada palavra saía de sua boca de forma dolorosamente real.

Ele inspirou fundo e então soltou o ar.

— Eu sinto muito. Eu sinto muito por te odiar quando na verdade tudo o que eu queria era odiar a mim mesmo. Eu sinto muito por ter sido qualquer coisa que não atencioso com você. Eu sinto muito por ter feito qualquer coisa que não fosse beijar o chão que você pisava. E, por fim, eu sinto muito por colocar o peso da culpa do mundo nos seus ombros.

Callum deu mais um passo, fechando o espaço entre nós.

— Eu te amo, Cora. Eu te amo tanto que não faço ideia do que fazer comigo mesmo quando não estou ao seu lado.

Engoli em seco e desviei o olhar de seus olhos intensos.

Callum levantou meu rosto pelo queixo com delicadeza.

— Eu não te traí. Eu não fiz nada com a garota de ontem. Ela é a minha irmã, Cora.



## Capítulo 37

— Sua irmã?

Eu o encarei com uma expressão de repleto choque.

*Irmã.*

A palavra pesou em minha cabeça.

Callum não tirou os olhos de mim.

— Meia-irmã, na verdade. Ela é filha do Phill.

Eu ainda estava terrivelmente surpresa, mas não consegui deixar de notar que ele não se referiu ao Phill como seu pai.

— Com quem? — consegui perguntar.

Ele deu de ombros.

— Não a conheci. Mas é uma mulher com quem ele teve um caso durante o casamento com a minha mãe.

Engoli em seco e fiquei alguns segundos em silêncio, tentando processar a informação.

— Por que não me contou?

— Eu tentei, ontem à noite. Ela de fato era a surpresa sobre a qual eu te falei. Mas você entendeu tudo errado e foi embora.

A pontada de culpa percorreu meu corpo.

— Você sempre soube da existência dela? — indaguei.

— Não. Ela veio me procurar não tem mais de um ano.

— Quantos anos ela tem?

— Sua idade. Dezenove.

— Sua mãe sabe sobre ela?

Ele inspirou com força.

— Deus, não. Ela não suportaria.

— Por que você demorou tanto tempo para me contar sobre ela?

— Nunca pareceu o momento certo. Ou estávamos brigando e nos afastando, ou estávamos bem demais e eu não queria atrapalhar as coisas.

Assenti.

— Desculpe-me por desconfiar de você.

Callum colocou as mãos nas laterais do meu rosto e olhou diretamente nos meus olhos.

— Não peça desculpas. Você tem o direito de ter dificuldade em confiar.

Ele aproximou os lábios dos meus e me beijou. Tinha gosto de melancolia, alívio e saudade.

— Vamos? — perguntou quando seus lábios deixaram os meus.

— Para onde?

— Minha casa.

— Por quê? Não podemos ficar na minha esta noite? — indaguei, as sobrancelhas franzidas.

Estávamos a poucos passos da entrada do meu prédio.

Seus lábios repuxaram sutilmente para cima.

— Você não quer conhecer a minha irmã?

— Agora? — perguntei, incrédula.

— Agora.

Eu assenti e nós seguimos em direção ao seu carro.



Observei seu longo tronco se curvar levemente enquanto ele fazia

café na pia da cozinha. Callum estava terminando de colocar o líquido na xícara quando eu perguntei:

— Qual é o nome dela?

Eu estava ansiosa para conhecê-la. Ele disse que havia a telefonado e que ela chegaria a qualquer momento.

Eu batia o pé contra o carpete da sala de estar, sentada no sofá da casa de Callum. Ela era a única família que ele tinha. A única coisa que havia sobrado. Eu estava ansiosa para vê-los interagindo. Eu queria saber tudo sobre ela e sobre o relacionamento dos dois.

— Annelise — ele respondeu.

Callum saiu da cozinha e veio até a sala. Ele colocou uma xícara de café para mim sobre a mesinha de centro e se sentou casualmente ao meu lado. Pernas longas esticadas e um dos braços repousado no encosto do sofá.

— Acalme-se. — Sua voz era baixa e tranquilizadora.

— Estou calma — retruquei.

Ele olhou para os meus pés batendo contra o carpete e ergueu as sobrancelhas. Parei com o movimento e inspirei fundo.

Callum me conhecia terrivelmente bem. E apesar de isso ser uma das coisas sobre nós que eu mais gostava, era também a que eu mais odiava.

— Só estou um pouco nervosa.

— Não precisa. Ela está louca para te conhecer.

Eu o encarei.

— É sério?

— Ela está implorando para te conhecer desde a primeira vez que eu falei sobre você.

— E quando foi isso?

— Dez de julho. Um dia depois do nosso primeiro beijo — ele disse casualmente, sem muita cerimônia.

Eu o encarei, em choque.

— Você guardou a data do nosso primeiro beijo?

Callum deu de ombros e, sem olhar para mim, respondeu:

— Tenho boa memória.

— Quão boa? — indaguei, curiosa e levemente fascinada.

Ele me encarou, suas sobrancelhas ligeiramente erguidas.

— Muito boa — respondeu, convencido.

— Meu aniversário — desafiei.

Sua resposta veio sem hesitação.

— Três de fevereiro.

— Primeira vez que nos vimos.

— Dois de setembro de 2014.

Pensei em alguma outra data importante e minha cabeça automaticamente viajou até a nossa primeira vez juntos. Meu rosto ficou instantaneamente rosado e eu fiquei em silêncio.

Mas, é claro, Callum me leu perfeitamente.

Um pequeno sorriso malicioso surgiu em seus lábios.

— A primeira vez que dormirmos juntos?

Alguns segundos se passaram. Ele observava meu rosto com um brilho perverso nos olhos.

— Sete de agosto — disse finalmente.

Eu sentia seus olhos sobre mim e sabia que meu rosto havia passado de rosa para vermelho.

— O que você disse para a sua irmã sobre mim? — perguntei, em uma tentativa de mudar de assunto.

Não podíamos começar algo ali, sua irmã estava prestes a chegar.

— Ela tinha dito que viria me visitar, mas acabei esquecendo. Eu estava estressado e ela me perguntou o porquê. Ela é muito... — Callum inspirou fundo, tentando encontrar a melhor palavra para descrever a irmã

mais nova. — Persuasiva. Acabei comentando sobre você. Desde então, ela vem pedindo para que eu a atualize sobre o nosso relacionamento.

Assenti.

— Não se preocupe. Ela vai gostar de você.

— Como você pode ter certeza?

Ele me encarou por alguns segundos.

— Ela sempre quis ter uma irmã.

Um sorriso grande e estúpido cresceu em meus lábios ao ouvir suas palavras, e naquele exato momento, a campainha tocou.

## Capítulo 38

Callum me lançou um olhar antes de se levantar para abrir a porta. Voltei a bater o pé contra o carpete. Eu estava prestes a conhecer a única pessoa que representava família para ele. Callum girou a maçaneta e abriu a porta. Observei com atenção meu namorado recebendo sua meia-irmã. A primeira coisa que ouvi foi a voz suave adentrando o lugar:

— Ela está aí?

Vi Callum indicar com a cabeça em minha direção e abrir espaço para a irmã entrar. Uma morena alta surgiu no meu plano de visão. Ela usava *uggs*, jeans claros e um suéter vinho. Seus longos e levemente ondulados cabelos escuros modelavam um rosto jovem e ligeiramente arredondado. Seus olhos azuis me encontraram e ela veio em minha direção. Eu me levantei do sofá e ela parou a alguns passos de mim. Seu olhar era avaliador e curioso.

— Oi — cumprimentou.

— Oi — retribuí.

Ela sorriu. Não um sorriso amplo e cheio de dentes, mas um sorriso sincero e acolhedor. Nós trocamos dois beijos na bochecha e ela se apresentou:

— Meu nome é Annelise.

Parecia um pouco hesitante, assim como eu.

— Prazer, o meu é Cora.

Seu sorriso se alargou.

— Eu sei.

Nós três nos sentamos. Callum não falou nada, apenas relaxou as costas contra o encosto do sofá e nos observou como se fôssemos dois animais de zoológico interagindo pela primeira vez.

— Você é muito bonita — ela soltou de repente.

— Você também.

E ela realmente era. Observei com atenção seu rosto e consegui ver as semelhanças com Callum. O rosto dela era mais delicado, enquanto o de Callum era mais rude, mas os lábios eram os mesmos. A cor do cabelo também. E apesar de os olhos serem de cores diferentes, ambos eram muito intensos.

— Ouvi falar muito sobre você.

Lancei um olhar surpreso e questionador para Callum. Ele limitou-se a um leve dar de ombros.

— Eu o extorqui para saber mais detalhes — ela comentou.

Sorri.

— Eu sou um pouco persistente — Annelise completou.

— Um pouco? — perguntou Callum, com um tom sarcástico na voz.

Annelise ignorou o comentário do irmão.

— Ele é muito fechado, totalmente diferente dos meus outros irmãos.

— Você tem outros irmãos? — indaguei, genuinamente interessada em saber sobre a vida daquela garota que eu havia conhecido há menos de cinco minutos.

O celular de Callum tocou em seu bolso e ele encarou a tela, depois se virou para a irmã:

— Pega leve, Anne. — Então se levantou do sofá, saindo da sala para atender à chamada.

Ela rolou os olhos para o pedido e então continuou:

— Sim. Três. Corey, de sete anos, e os gêmeos, Jaxon e Victor, de quatro.

— Uau, sua casa deve ser bem... animada.

Annelise suspirou fundo.

— É uma bagunça, mas eu gosto. Meu padrasto é incrível. — Sorriu.

— E os pestinhas são terrivelmente fofos.

— Deve ser interessante ter uma família grande assim. Sou filha única.

— Você pode ficar com um, se quiser. Serei eternamente grata.

Sorri. Apesar da brincadeira, estava claro que ela amava demais os irmãos.

— Você sempre soube sobre o Callum? — perguntei.

— Não, minha mãe me contou no dia em que meu pai morreu, há mais ou menos um ano.

— Phill?

Ela assentiu.

— Ele morreu? — questionei.

Eu nunca mais tinha ouvido falar sobre o Phill depois da noite em que ele deixou a minha mãe e foi embora. Ele sumiu da cidade e das nossas vidas por completo.

— O Callum não te contou?

Neguei com a cabeça.

— Não me surpreende. O Callum nunca fala sobre ele. Eu já até parei de perguntar.

— Você nunca o conheceu? — eu quis saber.

— Não. Foi um caso breve. Eu fui um acidente. Quando a minha mãe descobriu que ele tinha uma família, já estava grávida. Ele foi embora antes de eu nascer. Minha mãe nunca contou sobre mim. Ele morreu sem saber que eu existia.

— Sinto muito.

— Não sinta. Pelo que a minha mãe disse, ele não era um homem muito bom. Mas eu fico curiosa, sabe? É como se uma parte estivesse incompleta.

Suas palavras não eram carregadas de tristeza ou melancolia. Estava



claro que, apesar de tudo, de toda a sua história, Annelise era feliz. Cresceu em uma boa família e foi muito amada.

— Você tem o cabelo dele — observei.

Ela franziu o cenho.

— Como você sabe? Você o conheceu?

Assenti.

— Como? — ela quis saber.

— Há alguns anos. Ele fez o mesmo com a minha mãe. Ficou com ela por um tempo e então foi embora.

— Sinto muito.

— Não sinta — agora fui eu quem disse.

Já havíamos sentido muito por tudo aquilo. Todos nós precisávamos parar de sentir muito pelas ações de um homem cruel.

— Você tem o cabelo dele, mas os belos olhos devem ser da sua mãe.

Ela sorriu ao ouvir minhas palavras.

— São mesmo. Sou a única dos quatro que herdou os olhos dela.

— Eu gostaria de conhecê-la, um dia.

*Eu gostaria de conhecer a mulher que sobreviveu àquele homem horrível.*

Seu sorriso cresceu.

— Ela vai adorar te conhecer. Estou tentando convencer o Callum a ir ao aniversário de casamento dela com o meu padrasto no fim do ano, para ele conhecer todo mundo.

— Ele vai ceder em algum momento — eu disse, sem duvidar nem por um segundo da capacidade de persuasão dela.

— Sim, eu sei. Tenho alguns meses para fazer acontecer. E você já está mais que convidada.

— Obrigada. Estaremos lá.

A sala ficou silenciosa e ela me observou por alguns segundos.

— Eu estou tão feliz de te conhecer. É muito difícil adentrar na vida do Callum, sabe? Você é a única pessoa que ele já me apresentou.

— É. O Callum não tem mais família, além de você. E suas amizades parecem ser um pouco... distantes.

— Estou tão feliz que ele encontrou você.

*Eu também.*

— Ele está mais leve, sabe? Mais feliz. — Ela sorriu e então completou: — Mais vivo. — Ficou um momento em silêncio e então disse: — Ela a ama muito, sabe disso, não é?

Foi a minha vez de sorrir.

— Eu sei.

*Agora, eu finalmente sei.*

Callum voltou para a sala depois de mais alguns minutos e nós três conversamos por umas duas horas, talvez. Eu gostava de ver os dois interagindo. Estava claro no olhar de Annelise que ela amava e idolatrava o irmão mais velho. E apesar de Callum ser mais retraído e um pouco mais distante, dava para ver que se importava com ela.

Annelise se despediu depois de conversarmos por todo aquele tempo. A cidade em que ela morava ficava a mais de duas horas da casa de Callum, então ela não queria sair tão tarde.

No minuto em que nos despedimos e Callum fechou a porta, eu me virei para ele e o abracei. Ele foi pego de surpresa, mas colocou os braços ao meu redor. Envolvi meu corpo contra o dele e inalei com força. Quando finalmente nos soltamos, um grande sorriso estampava meu rosto, enquanto ele me observava com curiosidade.

— Estou feliz que você a tem.

Feliz era pouco. Eu estava feliz, realizada e aliviada. Callum ainda tinha uma família e aquilo enchia o meu coração. Eu sabia o que era se sentir sozinha. Eu sabia o quanto uma família fazia falta.

— Eu sei. — Seu rosto estava sério quando me respondeu, mas havia

amor em seus olhos.

Ele me deu a mão e me guiou até o sofá. Nós nos aconchegamos entre as almofadas, sua mão ainda na minha, seu polegar acariciando a minha pele.

— Vocês são próximos? — perguntei.

— É complicado. Fomos estranhos a vida toda. Ela cresceu em outra cidade, repleta de amor e outros irmãos. É um processo mais longo e muito diferente. Estamos nos conhecendo ainda. Mas ela é minha irmã. Foi desde o primeiro momento em que a vi. — Sua voz era firme, e a absoluta certeza em suas últimas palavras fez um pequeno sorriso crescer em meus lábios.

— Ela é ótima.

Ele assentiu, pensativo, como se sua mente estivesse longe.

— Eu sei. Flynn a adoraria — disse, por fim.

Fiquei calada por um momento, surpresa demais com a menção do irmão. Ele nunca havia falado de seu irmão daquela forma.

— Ainda dói muito? — consegui perguntar.

Callum se virou para mim, seus olhos encontraram os meus. Sério, disse:

— Menos. Bem menos agora.

Assenti, feliz com a resposta.

— Hum, me fale um pouco sobre ele — pedi. Eu queria saber sobre Flynn. Eu queria saber sobre a pessoa que Callum mais amava no mundo.

— Ele foi o melhor garoto que já conheci. Não estou dizendo isso porque era meu irmão. Ele era realmente bom. Era inteligente e doce. Amava ler, era fã do Stephen King, como você. Ele também a amaria, mas te perguntaria por que diabos você está comigo. Porém, nunca deixaria ninguém falar uma palavra sequer negativa sobre mim — contou ele, sem olhar diretamente para mim.

Sorri. Eu não tinha certeza se era de felicidade ou melancolia. Acho que uma mistura dos dois.

— Você não me disse que o Phill morreu — comentei, aproveitando a

oportunidade de Callum estar se abrindo. Eu queria saber como ele se sentia em relação à morte do homem que um dia considerou como pai.

Seu rosto se fechou completamente e a resposta veio rápida:

— Porque não importa.

— Como ele morreu?

— Acidente de carro — disse de forma curta e distante.

Estava claro que Callum não queria falar sobre aquilo. Silêncio nos envolveu novamente. Ele encarava o vazio com um olhar conturbado.

— Ela fica perguntando sobre ele. — Callum deu uma pausa e eu esperei. — E apesar de eu odiá-lo, não quero que ela saiba o quão cruel e desonrado ele era. Mesmo sabendo o que sabe, ela ainda o considera como seu pai. O filho da puta não merece.

Coloquei o sorriso mais bonito que consegui em meus lábios.

— Sabe, ele não foi de todo ruim. Afinal, querendo ou não, ele acabou te dando a Annelise.

Seus olhos voltaram a encontrar os meus. Os segundos se passavam enquanto ele me observava com uma intensidade dolorosa.

— Obrigado, Cora. — Entrelaçou nossas mãos com mais força. — Obrigado por ter salvado a minha vida. A vida não valia a pena ser vivida antes. Então eu te ressentia, te ressentia por ter me salvado quando eu não queria ser salvo. Mas a vida é boa agora. Muito boa. Obrigado.

Eu me movi para mais perto e ele me envolveu em seu colo. Ficamos assim por uma eternidade, enquanto ele me agradecia repetidas vezes em sussurros que mais pareciam promessas.

## Capítulo 39

— Você comeu alguma coisa hoje? — perguntei.

As perguntas eram sempre as mesmas.

Assim como as respostas.

Minha mãe assentiu de leve com a cabeça enquanto eu guardava uma peça de roupa que estava jogada no chão.

Eu tinha acabado de sair da terapia. Já que visitaria minha mãe, aproveitei para marcar um horário com a Dra. Quantin. Eu estava feliz. Pela primeira vez em muito tempo, eu estava me sentindo muito bem. E eu queria compartilhar isso com a minha psicóloga. Depois da morte do meu pai e da doença da minha mãe, ela era a única pessoa com quem eu conseguia conversar. Eu queria deixá-la a par do meu relacionamento com Callum.

Sentei-me na poltrona ao lado da cama de minha mãe. Ela parecia mais magra do que da última vez que eu a visitara. Por um momento, desejei que ela fosse tão forte quanto a mãe de Annelise. Eu queria que ela fosse capaz de superar, encontrar alguém e ser feliz. A minha vida nunca seria plena enquanto a minha mãe estivesse daquele jeito. Eu poderia até estar mais feliz agora, mas não tanto quanto eu poderia se soubesse que ela estava bem.

Pensei em como seria se ela descobrisse sobre Annelise, se ela soubesse que o homem que amava tinha outra filha e que a tinha abandonado também. Abri minha boca, mas foi apenas por meio segundo, porque logo depois voltei a fechá-la. Eu não sabia se a notícia seria demais para ela. Não queria arriscar.

Às vezes eu só queria uma reação dela, lhe causar alguma emoção além daquela depressão intensa. Eu queria que seus olhos deixassem a expressão vazia e distante e focassem em mim. Mas era provável que piorasse. Eu não mencionava o nome de Phill na presença dela há anos.

Naquele momento, decidi que nunca contaria sobre Annelise. Algumas coisas teriam que permanecer em segredo para sempre. Assim como

o fato de eu estar namorando o filho do homem que a destruiu.

(...)

Abri a porta da casa de Callum e fui em direção à sala. Ele tinha me dado a chave extra há alguns dias, para que eu não tivesse que tocar a campainha toda vez que quisesse entrar.

Ele não estava na sala, então subi as escadarias para o segundo andar. Andei até o final do corredor e parei na porta do quarto dele, que estava aberta. Callum estava sentado na cama, as costas apoiadas em vários travesseiros e as longas pernas esticadas. Ele mexia em seu notebook, que estava repousado sobre seu colo. Seus olhos estavam focados na tela e seu rosto era muito concentrado. Ele nem tinha me notado o observando do batente da porta. Vestia apenas uma calça de moletom cinza. Seu peito estava todo exposto, assim como as várias tatuagens negras que cobriam boa parte de seus braços e torço.

Para mim, sua beleza ainda era algo difícil de se acostumar.

— O que está fazendo? — perguntei, apoiando-me contra o batente.

Ele finalmente levantou os olhos e me encontrou. A sombra de um sorriso passou pelos seus lábios.

— Pagando umas contas — respondeu.

Fui até a cama e ele me observou enquanto eu me aproximava. Deitei-me ao seu lado e ele fechou o notebook.

— E como você faz? — perguntei, encarando-o com as sobrancelhas levemente franzidas. — Como você arranja dinheiro para o aluguel e esse tipo de coisa? Você não trabalha, né?

Eu estava genuinamente curiosa. Callum vivia bem, mas em todo o tempo que estávamos juntos, ele nunca havia mencionado um trabalho.

Ele tirou o computador do colo e o colocou na mesinha ao lado da cama, e então se virou para mim.

— Minha avó por parte de mãe me deixou uma herança. Ela não aprovava o casamento da filha com Phill, mas amava os netos. Então nos colocou no testamento. Não é muito, mas é o suficiente para eu pagar as contas até me formar.

Assenti, e antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ele perguntou:

— Onde estava?

— Fui ver minha mãe.

Callum me observou com atenção por alguns segundos.

— Como ela está?

Seu rosto era sério e ele esperava uma resposta, mas eu tinha a impressão de que ele já sabia o que eu diria em seguida.

— Mal. Muito mal. — Dei de ombros.

Ele estava prestes a falar alguma coisa, mas eu o cortei:

— Eu estava pensando em ir até o bar hoje à noite. É aniversário do Jack nesse sábado, mas ele quer comemorar a semana toda.

Eu estava muito cansada de todos os assuntos ruins. Nossa vida estava rodeada de perdas e sofrimento, eu não queria que as nossas tristezas ofuscassem os bons momentos.

— Claro — Callum assentiu.

Aconcheguei-me mais perto dele e toquei a minha tatuagem preferida em seu corpo. Era um pequeno “F”, de Flynn, em seu antebraço. Callum me observou em silêncio enquanto eu trilhava as pequenas linhas. Sua mão foi em direção à minha barriga e eu senti seus dedos encontrarem a pele por baixo da minha camisa. Nossos olhos se encontraram e eu vi luxúria queimando em sua íris. Ele se aproximou e se inclinou sobre mim. Senti o peso de seu corpo sobre o meu e nossos lábios se encontraram. Nossas mãos dançavam enquanto a sua subia em direção ao meu sutiã. Minhas mãos foram em direção à sua nuca, e como se fosse possível, eu tentava puxá-lo para mais perto de mim.

— Espera — ele disse de repente, interrompendo o beijo.

Eu o encarei com os lábios inchados, e antes que pudesse dizer ou fazer qualquer coisa, ele saiu de cima de mim e se levantou da cama.

— O que está fazendo? — perguntei, confusa.

— Tenho algo para você — ele disse, abrindo uma gaveta de seu armário.

Ergui o cenho.

— Um presente? — indaguei, surpresa e ainda um pouco confusa.

Ele voltou para a cama com um punho fechado. Tinha algo em sua mão. Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios quando ele se sentou ao meu lado.

— Sim, um presente.

Callum abriu a mão e eu encarei a caixinha preta repousada em sua palma.

Meu coração acelerou instantaneamente.

Uma mistura de choque, medo e euforia me abateu.

Callum abriu a caixinha e meus olhos encontraram um anel de ouro com uma pequena pedra solitária vermelha. Era simples, mas incrivelmente bonito.

Senti que meu coração estava prestes a sair pela boca.

Ele não estava prestes a fazer aquilo.

Estava?

Não, não podia ser.

Eu o encarei.

— O que é isso? — consegui perguntar.

— Calma, não é o que você está pensando — ele me tranquilizou. — Não exatamente.

Sem olhar para mim, Callum tirou o anel da pequena caixa. Ele o observou por um momento e então seus olhos voltaram para os meus.

— Não estou te pedindo em casamento. Pelo menos não agora. Eu gosto de como as coisas estão. E não temos dinheiro suficiente para uma festa, se você quiser uma. Mas eu vou pedir um dia. Pode ser daqui a dois meses ou dez anos, eu realmente não sei. Mas vai acontecer. Porque eu te



amo.

Ele voltou a olhar para o anel e então pegou minha mão esquerda.

— E, até lá, eu não quero que se passe um dia em que você não tenha absoluta certeza disso. Nosso passado deixou cicatrizes e eu nunca vou poder mudar isso. Nenhum de nós vai. Então eu quero que nos piores dias, nos dias em que as lembranças cruéis forem grandes demais, quando por alguma razão eu sem querer te machucar e as dúvidas surgirem na sua cabeça, eu quero que você olhe para este anel e sinta a certeza do amor que eu sinto por você.

Ele então colocou a bela joia no meu indicador.

— Um dia, vamos mudá-lo para o outro dedo — ele disse, se referindo ao dedo que significava noivado.

Eu o encarei, estupidamente e completamente sem palavras. Então eu o beijei. Porque era a única coisa que eu podia fazer.

Ninguém nunca negaria que éramos duas pessoas quebradas. Duas pessoas com cicatrizes demais para contar. Duas pessoas que nem sempre eram boas e corretas. Ambos havíamos feito coisas de que nos arrependíamos terrivelmente. Ambos nos ferimos mais do que éramos capazes de colocar em palavras. Mas, de alguma forma, conseguimos encontrar conforto um no outro. Salvação, eu diria.

Separei meus lábios dos dele e o encarei.

— Daqui a dois meses ou dez anos, eu direi sim.

Acertamos e erramos. Ferimos e curamos. Fomos os vilões e os mocinhos. E, de alguma forma, encontramos o nosso final feliz.

# Capítulo 40

## OITO ANOS DEPOIS

Ela está sentada no gramado do jardim, fones de ouvido e olhos fechados. O sol bate em seu rosto e em seu cabelo escuro. Os longos fios se tornam vermelho vivo.

Ela está usando o vestido branco comprido que me deixa maluco. Não é apertado, mas marca o contorno dos seus seios e de sua bunda com uma perfeição torturante. Ela diz que não, mas eu sei que, no fundo, ela o coloca apenas para me provocar.

Estou a observando da janela da cozinha, que dá uma visão ampla do nosso jardim. Compramos a casa no ano passado, depois de algum tempo guardando dinheiro. Ainda há caixas de mudança no porão.

Cora está trabalhando no consultório da Dra. Quantin. Elas se tornaram sócias este ano. Ela está repleta de pacientes, a maioria adolescentes ou pessoas passando pelo processo de perda de algum familiar ou indivíduo muito próximo. Ela ama o trabalho e é incrível no que faz.

Desde que me formei, tenho trabalhado em um grande escritório de advocacia. O salário é bom, assim como o de Cora. Estamos planejando viajar para a Europa no fim do ano, ela sempre quis conhecer a Suíça.

Estou prestes a sair da cozinha e ir para o jardim quando meu celular toca. Tiro o aparelho do bolso e vejo o nome na tela.

— Fala, Jack? — Atendo.

— Ela está suspeitando de alguma coisa? — pergunta ele, a voz urgente.

— Pela milésima vez, não, ela não faz ideia.

Cora faz aniversário no fim de semana e eu tinha pensado em fazer uma reunião simples aqui em casa, mas quando Jack soube, ele transformou isso no evento do ano. Eu já havia dito cinquenta vezes que ela não fazia a

menor questão, mas pouco importou.

— Tem certeza? Porque quando eu liguei para ela hoje de manhã, ela me pareceu...

— Jack — eu o interrompo. — Ela não sabe de nada — asseguro.

Ele suspira, aliviado.

— Ótimo. Agora eu tenho duas questões... — Sua voz se torna muito séria. — Balão rosa com glitter roxo ou balão roxo com glitter rosa?

— Hum... não sei. Fica a seu critério.

— Callum, você a conhece melhor, sabe qual ela vai gostar mais. Escolhe um.

Eu tenho muita certeza de que a Cora não gosta nem de rosa, nem de roxo, muito menos de glitter, mas não digo nada a Jack, já que isso provavelmente fará com que ele queira mudar a cor de toda a decoração e preparativos. E eu simplesmente não sou capaz de lidar com tudo isso.

— A primeira opção.

— Balões cor-de-rosa com glitter roxo?

Cora tira o fone de ouvido e se vira, seus olhos encontrando os meus.

— Hum... sim, claro — respondo, a observando.

Ela sorri para mim.

Jack fala alguma outra coisa, mas eu não presto atenção.

— Jack, eu preciso ir — digo.

— Tudo bem, até às oito.

— Até. — Estou prestes a desligar, mas me lembro de alertar: — Jack, até quinze pessoas, não se esqueça.

Ele geralmente se empolga quando o assunto é festa, então limitei para que a lista de convidados não passasse de quinze pessoas. Eu sabia que a Cora não gostaria que a casa ficasse cheia. E se fosse por Jack, ele colocaria cinquenta pessoas em casa cômodo.

Geralmente passamos o Ano Novo na casa de Jack, com Saga e vários

outros de seus amigos, e ele sempre organiza as maiores e mais exageradas festas.

— Claro, claro. Tudo sob controle — ele responde e então desliga.

Sigo até o grande gramado. Cora gosta de jardinagem, então há flores por todo o jardim. Ela está me observando enquanto eu me aproximo, um pequeno sorriso cresce em seu rosto. Eu ainda não encontrei algo na vida que eu goste mais do que esse sorriso.

— Era o Jack no telefone? — ela pergunta depois que eu me sento.

Assinto, observando seu rosto. A pele na maçã de seu rosto está um pouco vermelha devido ao sol que ela pegou nos últimos minutos.

— Ele queria saber a cor dos balões para a festa.

Seu sorriso cresce e seus dentes brancos aparecem entre os lábios rosados.

— Eu amo o quanto ele fica empolgado com esses eventos. Acho que ele deveria se demitir do emprego atual e trabalhar como organizador de festas.

Cora não gosta de surpresas, então contei logo que Jack começou a transformar a pequena reunião em uma festa de celebridade. Eu estava consciente de que ele tinha a melhor das intenções, mas eu a conhecia melhor do que ninguém e sabia que Cora preferia estar ciente da surpresa.

— É a terceira vez que ele me liga hoje.

Ela pega a minha mão e, ainda sorrindo, diz:

— Obrigada. É importante para ele.

Esfrego meu polegar contra a sua pele macia.

— Eu sei.

Ela se aproxima e descansa a perna direita sobre a minha.

São quatro horas da tarde, temos que sair em duas horas para que Jack e os convidados cheguem e preparem tudo. Saga virá com seu namorado e a Dra. Quantin trará o marido. Seu tio, Annelise e os irmãos também virão. Todos os que são importantes para Cora estarão na festa, menos sua mãe.

Eu sei que isso a quebra todo ano. Eu queria poder consertar tudo que a incomoda ou que a deixa remotamente infeliz, mas não posso. Sei exatamente o que ela sente. Conheço essa dor terrivelmente bem. Minha mãe também foi quebrada, ela também se perdeu. E foi miserável até o fim de sua vida, quando finalmente morreu de overdose.

A única coisa que eu posso fazer é tentar ser uma família para Cora. E é isso o que eu tenho em mente todo santo dia quando me levanto da cama. Sei que é pouco e não se compara a ter pais e vários irmãos, mas eu me certifico de que ela nunca se sinta sozinha.

— Eu estou feliz hoje. Muito feliz — ela diz de repente, seus olhos estão nas nuvens.

Sorrio.

Ela é tão bonita quanto há dez anos, talvez ainda mais.

— Por quê?

Cora dá de ombros e seu sorriso se alarga.

— Preciso ter um motivo para estar muito feliz?

Franzo o cenho.

— Você está escondendo algo de mim.

Ela ri.

— Estou.

— O que é?

— Um segredo.

— Ah, me conta.

— Não será um segredo se eu te contar, Callum.

Ergo o cenho para ela.

— Prometo não contar para ninguém.

Ela ri mais uma vez. Está deslumbrante. Se alguém pudesse ser capaz de brilhar, juro por Deus que minha esposa cintilaria todos os dias.

— Eu vou te contar. Só que não agora. Quero ter este segredo só para mim mais um pouco.

— Você é muito má, Sra. Trenton.

Ela dá de ombros mais uma vez.

— Você é pior.

Cora coloca os fones de ouvido novamente e se senta entre as minhas pernas, apoiando o peso do corpo contra o meu, suas costas coladas ao meu peito. Inspiro fundo contra os seus cabelos.

— Obrigado — sussurro.

(...)

— Você gostou? — pergunto, depois que todos os convidados foram embora.

Ela sorri.

— Claro. O Jack nunca falha com festas.

Cora está parada no meio da sala com um presente nas mãos. Ela coloca a caixa na mesa de centro.

Eu vou em sua direção e paro atrás dela.

— Saga está tão feliz com aquele cara, né? Estou animada por ela... — continua falando.

Meus dedos encontram o fecho de seu vestido.

— O que você está fazendo? — ela pergunta, se virando para mim. Um sorriso brinca em seus lábios.

— Estou te ajudando a sair dessas roupas.

Ela ri.

— Espera. — Cora segura minhas mãos.

Eu estou impaciente. Fiquei esperando muito tempo para que todos os convidados fossem embora. Quero jogá-la por cima do ombro e levá-la para o nosso quarto. Ou talvez tomá-la no chão da sala mesmo.

— Callum — ela chama a minha atenção.

Meus olhos encontram os dela.

— Estou pronta para te contar aquele segredo.

— Tudo bem, pode contar — eu digo, me aproximando e beijando seu ombro.

Ela ri e se afasta. Segura meu rosto com as duas mãos e faz com que eu me concentre apenas em seus olhos.

— Para. É importante.

Seus olhos começam a lacrimejar. O grande sorriso não deixa seus lábios.

Estou prestando total atenção agora.

Ela se aproxima e pega meu braço direito. Seu toque é suave. Meus olhos não deixam os dela.

Cora coloca minha mão sobre a sua barriga.

Eu olho para a minha mão e então volto a encará-la. Ela morde o lábio inferior, tentando conter o enorme sorriso, e espera a minha reação.

Ela está irradiando por toda parte.

Meu coração está batendo de forma descontrolada. Eu a puxo para mim, com medo de que ela possa desaparecer, com medo de que não seja real.

Parece muito bom para não ser um sonho.

Coloco os braços ao redor dela e nos encaramos por um longo momento. Ela está chorando agora, as grandes lágrimas escorrendo pela sua face.

Cora toca meu rosto e eu sinto queimar.

Coloco minha cabeça entre a curva de seu pescoço, inalando seu cheiro.

— Incendeia-me, meu amor, incendeia-me — eu digo baixinho em seu ouvido.

Cora Trenton é tudo.

Mais que tudo.



# Capítulo Bônus

Eu seguro o papel com força nas minhas mãos. Com tanta força que, depois de alguns minutos, noto que está meio amassado.

A senhorita Mitchel chama o próximo nome e o garoto loiro que está sentado na carteira em frente à minha se levanta e vai até a frente da sala. Ele também tem um papel nas mãos, mas não parece tão nervoso quanto eu.

É o quarto dia de aula. A senhorita Mitchel, nossa professora de inglês, pediu que fizéssemos uma poesia em casa para ler na frente da sala. Ela disse que seria uma forma interessante de nos conhecermos e quebrar o gelo.

Eu odiei.

Por duas razões:

Um: eu nunca havia escrito um poema.

Dois: eu não quero falar em público. Principalmente sendo apenas o quarto dia de aula.

Releio meu poema. Inicialmente, eu havia gostado dele, mas agora que estou prestes a ler na frente de tantas pessoas, já não estou tão satisfeita assim.

Por um momento, penso em mudar, talvez apagar completamente e fazer outro, mas já é tarde demais.

Tento me distrair e pensar em outra coisa. Pensar sobre o que vou fazer com o resto do meu dia, depois que sair da escola. Mas o pensamento não ajuda, acaba fazendo mais mal do que bem.

Eu vou chegar em casa e encontrar minha mãe trancada no quarto. Vou ter que dar uma arrumada na casa e fazer alguma coisa para comer. Vou subir para o meu quarto e então fazer a lição de casa. Ler um livro ou talvez assistir a um filme. Depois vou tomar banho e ir para a cama. Para então fazer tudo outra vez no dia seguinte.

— Cora.

Levanto o olhar e encaro a senhorita Mitchel.

Ela está me observando, assim como o resto da turma. Seus olhos são gentis e seu sorriso é entusiasmado.

Eu me movo para fora da minha carteira e ando com passos lentos até a frente da sala. Tomo cuidado para não apertar o papel com muita força e amassá-lo completamente. Sinto todos me observando e a minha pulsação sobe.

O garoto do fundo da sala tem os olhos castanhos em mim. Não estou o encarando, mas eu sinto. O olhar dele pesa mais do que o da maioria, apesar de eu não saber exatamente o porquê.

Abro o papel que eu havia dobrado ao meio. Antes de ler as primeiras palavras, passo meus olhos pela sala. Todos estão esperando. Não há nenhum barulho além dos sons da rua entrando pelas frestas da janela. Por meio segundo, meu olhar se prende ao do garoto no fundo da sala. Ele me observa com uma atenção desconcertante. Desvio e volto a olhar para o papel.

Inspiro fundo antes de começar...

*Quando você me toca*

*Eu sinto que poderia queimar*

*É cru*

*É doce*

*É infinito*

*Um dia você irá me reduzir a cinzas*

*E feliz eu serei*

*Contanto que você queime comigo*

*Então*

*Por favor*

*Incendeia-me, meu amor*

*Incendeia-me.*

# NOTA FINAL

Gosto de escrever personagens com falhas, personagens que não são facilmente gostáveis. Acho que o mundo está repleto de contos de fadas e eu não queria escrever mais um. Eu queria fazer algo diferente com este livro, algo talvez até um pouco polêmico.

Callum e Cora são pessoas quebradas e com passados mais quebrados ainda. Mas que, de alguma forma, juntos, conseguem recolher os cacos um do outro e colá-los novamente.

Como em “*Com amor, Charlie*”, eu fiz o que meu coração pediu, mesmo que uma parte de mim soubesse que não agradaria a todos. Eu simplesmente não conseguia imaginar Cora e Callum separados.

Vi alguns comentários no Wattpad se referindo a relacionando abusivo. A verdade é que eu discordo, porque antes de eles se beijarem, eles não estavam em um relacionamento, pelo menos não amoroso. Eles só foram ruins um para o outro antes de começarem a namorar.

Mas não vou ignorar o fato de como eles se machucaram no passado. Ele foi um babaca. Ela foi egoísta. E de forma alguma eu quero que o leitor tire esse casal como um modelo de relacionamento. Eles não são. Isso é apenas ficção.

Se eu fosse escrever sobre pessoas perfeitas e com relacionamentos perfeitos, seria simplesmente muito chato.

*Menos que nada* não foi feito para que o leitor morra de amores pelo casal. Nem para que se espelhe nos personagens. *Menos que nada* foi feito para que o leitor sinta a intensidade da dor de duas pessoas completamente perdidas. Foi feito para mostrar o que simples palavras podem causar. Foi feito para mostrar a magnitude que breves ações podem resultar na vida de outra pessoa.

E, por fim, *Menos que nada* foi feito para entreter. Pode ser que muitos não concordem com vários pontos do livro. E, por mim, tudo bem. Mas espero que pelo menos tenham se distraído e se perdido na leitura por algumas horas.

E é como o aviso no começo, esta história é sobre os vilões, e não sobre os mocinhos.

# Table of Contents

[Índice](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo Bônus](#)

[NOTA FINAL](#)